

EDUCAÇÃO

INTEGRAL



Reflexões sobre educação na
perspectiva da integralidade humana

Apoio:

PUBLIQUE SEU ARTIGO NA NOSSA REVISTA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Mais informações:

 **(11) 95031-7539**



INEQ
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

FAEP
FACULDADE DE
EDUCAÇÃO
PAULISTANA

CARTA AO LEITOR – REVISTA DEZEMBRO /2023

Na última edição de 2023 da Revista “Educação Integral: reflexões sobre educação na perspectiva da integralidade humana”, o Conselho Editorial e os colaboradores da construção dos artigos e da estrutura desta publicação pretendem retomar princípios que são alicerces da prática educativa na Educação Superior: a relação entre teoria e prática, pensada e vivenciada por meio da experiência da metodologia da pesquisa e da elaboração de um material escrito, coerente com as orientações para organização do Trabalho Científico, Essa relação entre pensar e fazer foi desenvolvida, em 2023, por estudantes da graduação de diferentes cursos e semestres. Ao incentivar a pesquisa científica, a FAEP cumpre as determinações presentes na legislação vigente e pretende, no próximo ano, associar às reflexões sobre os estudos acadêmicos e pesquisas, o princípio que aponta a necessidade da extensão para cumprir o compromisso social da faculdade, que será objeto de análise das próximas revistas.

O programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística (ICTAF) da FAEP e as orientações realizadas nos Trabalhos de Conclusão de Curso asseguraram, este ano, o aprofundamento das concepções e das ações concretas para a realização de pesquisas cada vez mais condizentes com a formação dos estudantes da Educação Superior, considerando que, neste e entre outros níveis da Educação Brasileira, a constituição da pessoa significa a compreensão e a vivência de valores éticos, estéticos e democráticos.

Para desenvolver essa formação, os professores e coordenadores dos cursos asseguraram o direcionamento do olhar e da escuta dos estudantes para a realidade que se apresenta e a análise de como ela observa os sujeitos- pesquisadores, em uma relação dialógica de reconhecimento mútuo.

Neste processo, os estudantes – investigadores procuraram examinar seus objetos de estudo, realizando um recorte possível e um distanciamento suficiente para buscar respostas provisórias ao problema levantado, que se constituiu por uma inquietação frente a um quadro problematizado, de acordo com as reflexões do curso de graduação que frequenta: a natureza, a cultura, a educação, a religiosidade, as relações de poder nas instituições, as questões sociais e a desigualdade presentes na sociedade, bem como a exclusão de pessoas que permanecem em espaços esquecidos e silenciados.

Desta forma, ao considerar a formação integral dos alunos e alunas da FAEP, reafirma-se a necessidade de trabalhar não apenas conhecimentos e informações, porém, todos os elementos da cultura, que fazem parte do processo educacional no nível Superior de Ensino. A FAEP preocupa-se, assim, com o diálogo sobre valores, crenças, costumes, filosofia, arte e direito, na perspectiva do processo emancipatório e humanizador dos estudantes.

Neste sentido, o Conselho Editorial, colaboradores e autores dos artigos desta revista esperam estabelecer uma interlocução permanente com os leitores, considerando que os textos se transformam na relação entre quem escreve e quem lê.



Educação Integral:
Reflexões sobre educação na
perspectiva da integralidade humana

INEQ / FAEP
VOLUME 1 - NÚMERO 27
(DEZEMBRO DE 2023)

Periodicidade: Trimestral

Os conceitos contidos nesta revista são de inteira reponsabilidade dos autores. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização dos autores.

CONSELHO EDITORIAL

Profo Dr. Claudinei Aparecido da Costa
Profo Dr. Clemente Ramos dos Santos
Profa. Ms. Ana Maria Gentil

EDITOR CHEFE

Profo Dr. Claudinei Aparecido da Costa
REVISÃO E NORMATIZAÇÃO DE TEXTOS
Mariana Mascarenhas

CAPA E PROJETO GRÁFICO Vanice
Aparecida da Costa

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO e
QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL – INEQ
Rua Santa Ângela, 252, Vila Palmeiras,
Freguesia do Ó, São Paulo – SP - Cep:
02727-000

Tel.: (11) 3564 1256

e-mail: educacaointegral@ineq.com.br

ISSN 2525-4294

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
INEQ Instituto Nacional de Educação e Qualificação Profissional /
FAEP Faculdade de Educação Paulistana

Educação Integral

Revista do Instituto Nacional de Educação e Qualificação
Profissional

Faculdade de Educação Paulistana n. 27 (Dezembro, 2023)
São Paulo: INEQ/FAEP

Trimestral

Endereço eletrônico: <https://ineq.com.br/revista/>

ISSN 2525-4294

Wilma Aparecida Cavazini – Bibliotecária CRB 8 2665

APRESENTAÇÃO

REVISTA EDUCAÇÃO INTEGRAL – Dezembro de 2023

Nesta edição da revista **“EDUCAÇÃO INTEGRAL: REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA INTEGRALIDADE HUMANA”**, o Conselho Editorial, os professores, os coordenadores pedagógicos dos cursos da FAEP e outros colaboradores pretenderam apresentar na prática as suas concepções relacionadas à formação dos estudantes no Ensino Superior, envolvendo um elemento determinante: a pesquisa. Acreditam que, estabelecer uma relação teoria e prática unicamente pelo conteúdo das aulas presenciais e/ou por textos inseridos nas plataformas digitais, não é suficiente para a formação da pessoa-aluno e do profissional, na perspectiva integral e humanizadora.

Para tanto, os educadores da FAEP como um todo, neste ano de 2023, ampliaram as práticas educativas voltadas para a construção de um trabalho com alunos de diferentes semestres e de cursos variados, para que se voltassem com “rigor e amorosidade” para uma realidade que correspondesse a um dos objetos de estudo da sua graduação e a explorassem com os recursos metodológicos das ciências, considerando a complexidade do material investigado, a parcialidade do olhar do pesquisador e a incompletude dos registros e análises que se explicitaram em textos escritos, à medida que a relação entre sujeito e objeto foi sendo estabelecida.

Essas ações da FAEP estão fundamentadas na concepção de Educação Integral na Educação Superior, que não está vinculada apenas aos

conhecimentos e informações atrelados às disciplinas dos cursos, mas também às interações entre eles, à relação com a experiência vivida e à prática, à pesquisa, à ética, à estética e à política.

Neste sentido, foi planejado e desenvolvido, desde 2022, o Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, que pretendeu iniciar uma trajetória mais específica de pesquisa, com caráter interdisciplinar e subsidiado pelos mantenedores da FAEP, dando continuidade a uma proposta que já tinha sido desencadeada em Trabalhos de Conclusão de Curso e nos Projetos Integradores.

O Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística (ICTAF) teve, no ano de 2023, um tema gerador, que surgiu nas primeiras interlocuções entre os orientadores e os alunos participantes desse programa. O tema “Feminismos” carregou o compromisso de perpassar diferentes cursos e desencadear muitos diálogos a partir de referenciais teóricos próprios de cada curso e a leitura, por todos os participantes, das autoras: Márcia Tiburi, Chimamanda Ngozi Adichie e Maria Amélia de Almeida Teles. Essa escolha partiu da necessidade dos estudantes de aprofundarem questões como: as relações de poder das mulheres nas igrejas e no setor empresarial, o ideário e o imaginário social do papel das mulheres na educação, a exclusão presente no cárcere feminino e o silenciamento sobre a violência vivida por elas em diferentes espaços da sociedade.

Assim, junto a outros artigos de autores que procuraram expor suas reflexões, estudos e pesquisas, estarão presentes nesta edição os oito trabalhos dos estudantes que frequentaram o Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística e que foram também selecionados para a apresentação de suas pesquisas no 23º Congresso de Iniciação Científica do SEMESP (Sindicato de Estabelecimentos de Ensino Comercial no Estado de São Paulo).

Os artigos dos educandos da ICTAF mais voltados para a área empresarial foram: **“GESTÃO AFIRMATIVA FEMINISTA”** e **“CAPTAÇÃO DE RECURSOS E DOAÇÕES EM UMA MICROEMPRESA DA BRASILÂNDIA”**. O primeiro tratou de explicitar as concepções que envolveram a organização de uma empresa farmacêutica, que foi se constituindo, ao longo de suas diferentes administrações em um empreendimento, cujos cargos e funções foram sendo ocupados, prioritariamente, por mulheres. A grande indagação do autor, que vasculhou com atenção e cuidados éticos os documentos e o histórico da empresa, esteve relacionada a uma investigação sobre a progressiva caracterização de uma empresa, com gestão feminina e feminista, constituída por escolhas fundamentadas em concepções sobre o trabalho da mulher na sociedade e no setor empresarial, porém que, nem sempre demonstrou compreender algumas especificidades do cotidiano, que expuseram a exploração da força de trabalho e, prioritariamente, a intenção da escolha do elemento feminino em uma empresa farmacêutica.

O segundo artigo explorou a trajetória de uma microempreendedora que, sensibilizada pelas dificuldades enfrentadas pelos moradores da Brasilândia pós-pandemia, passou a captar recursos para possibilitar a confecção e distribuição de pães para a comunidade da Brasilândia, passando a constituir uma microempresa social, sem fins lucrativos e, que, portanto,

dependia de doações que deveriam surgir de diferentes fontes: pessoas físicas e jurídicas. Entretanto, com o crescimento da demanda, mesmo recebendo maquinário e reforma do programa do apresentador Luciano Huck, não conseguia equilibrar a captação de recursos e a entrega gratuita de pães para a comunidade. A autora do artigo, envolvida afetiva e socialmente com a microempreendedora, passou a analisar documentos da obra social e propor ações para captação de recursos e atitudes proativas para o reconhecimento do trabalho da microempresa para a sociedade e para o crescimento das doações, tais como a transparência da movimentação dos recursos e avaliações, de todo o processo do recebimento a utilização dos materiais doados, com todos os envolvidos.

O outro artigo, intitulado **“EM BUSCA DE UMA GESTÃO PÚBLICA ESCOLAR INCLUSIVA PARA O PÚBLICO- ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL”**, está relacionado às questões administrativas, porém, o foco é na Gestão Pública e, especificamente, a Gestão Escolar, no que se refere às concepções e ações de inclusão de educandos público-alvo da Educação Especial, em uma escola pública municipal de São Paulo. Neste sentido, tratando-se da educação, o conceito de administração continua: “utilização racional de recursos para chegar a um fim”, entretanto, o fim não é o lucro, mas sim, a formação da personalidade viva e o desenvolvimento das potencialidades dos educandos, por meio da atualização histórico-cultural. Portanto, embora o artigo objetive avaliar os princípios da gestão pública (legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência) no que refere à inclusão, o autor não se afasta, em nenhum momento, da análise do compromisso da escola com a emancipação e a formação humana de todos os envolvidos no processo educativo.

O artigo **“A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO**

DO ELEMENTO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS” também explora concepções presentes na escola, porém focalizando a primeiríssima infância. A autora traz uma reflexão essencial sobre as ideias discriminatórias em relação aos professores do sexo masculino na Educação Infantil, com crianças de 0 a 3 anos de idade. Ela aponta as raízes da rejeição da sociedade e da escola para com os professores homens, principalmente nesta faixa etária: a ideia equivocada de que na educação do bebê e de crianças bem pequenas a prioridade é o cuidar e, portanto, quem é capaz de fazê-lo são as mulheres, que possuem características maternas necessárias para os cuidados, sendo essa uma visão que atribui à mulher a função de “cuidadora” dos filhos; outra ideia que denota parcialidade nas interpretações da realidade é a de que os homens não são confiáveis para serem professores de bebês, pois são potencialmente agressivos e possíveis autores de abuso sexual. Esses equívocos impedem que essas crianças tenham seus direitos respeitados de conviverem fora do ambiente doméstico, em um espaço interativo em que participem de experiências diversificadas com meninos, meninas, homens e mulheres diferentes da família, com diversos gêneros e etnias. Desta forma, esse artigo procura, de forma brilhante, buscar elementos no imaginário social e problematizá-los, no sentido de possibilitar uma educação infantil de qualidade, garantir o direito de professores e professoras cuidarem e educarem bebês e crianças bem pequenininhas e romper com a herança patriarcal na educação.

O artigo organizado por uma aluna do curso de Serviço Social, denominado **“O ENCARCERAMENTO DE MULHERES: PELO AMOR OU PELA DOR? UM OLHAR FEMINISTA”** apresenta uma denúncia importante sobre a violação dos direitos de mulheres encarceradas, que são excluídas, silenciadas e duplamente punidas. A punição acontece por parte do Estado,

que abandona as prisões, principalmente femininas, ignorando a necessidade de recursos e políticas públicas que possibilitem a qualidade de vida desta população e a penalidade da sociedade, representada, muitas vezes, por maridos, filhos, pais e irmãos, que cobram, ferem, culpabilizam e estigmatizam, desamparando-as. Esta situação de exclusão e abandono dos presídios e cadeias que privam as mulheres da liberdade chegam a ser comparados a “depósitos humanos”. Destaca que a população feminina de presidiárias está concentrada no grupo social de baixa renda e de luta pela sobrevivência, desta forma, a autora propõe a criação de políticas públicas que previnam a situação de vulnerabilidade das mulheres que ingressam no crime e invistam na ressocialização, educação e formação profissional daquelas que foram encarceradas.

Para refletir sobre questões envolvendo os Feminismos e as religiões, três estudantes do curso de Teologia participaram do Programa de Iniciação Científica e realizaram pesquisas envolvendo a participação da mulher, em diferentes épocas da história e nos dias de hoje, como líderes nas igrejas cristãs e a influência dos movimentos feministas na sociedade e na família. O primeiro artigo, denominado **“CRISTIANISMO E LIDERANÇA FEMININA”** aponta a presença de mulheres que se destacaram nas religiões desde a Antiguidade e aquelas que são citadas na Bíblia, no Antigo e no Novo Testamentos. Nesta trajetória, observa-se que as mulheres exerceram funções de liderança, embora não apareçam com destaque nos registros escritos. O autor aponta um exemplo brasileiro, em que a força da herança patriarcal do país chega a expulsar uma mulher que liderava um número significativo de fiéis, após a constituição das Igrejas da Assembleia de Deus. Ele destaca que, nos dias de hoje, as igrejas cristãs apresentam duas abordagens opostas que demonstram que, pelo menos uma delas, indica um caminho de conscientização no que se

refere ao papel da mulher, rompendo com o patriarcalismo presente em diferentes espaços da sociedade brasileira. A primeira abordagem, mais conservadora, não possibilita que mulheres ocupem funções de liderança, na segunda abordagem, coexistem pastoras e pastores exercendo simultaneamente suas funções de líderes religiosos. Entre essas duas, existe uma diversidade de tendências que abrem espaço com maior ou menor intensidade para a liderança feminina.

O outro artigo, que complementa o apresentado anteriormente, refere-se **“O CRESCIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ATIVA DAS MULHERES NAS IGREJAS CONTEMPORÂNEAS”**, no qual a autora revela a sua trajetória pelas igrejas cristãs, destacando como elas compreendiam a liderança feminina e possibilitavam ou não a ascensão das mulheres para o pastoreado ou outra função de liderança, que as constituíam em líderes importantes para o alcance dos objetivos dessas igrejas. Após enfrentar inúmeros obstáculos para se transformar em uma líder nas igrejas que frequentou, a autora, hoje, concretizou o que considera ser a sua “missão”, que é orientar os fiéis para seguirem os preceitos religiosos, nos quais os pensamentos e ações se integram para trilhar o caminho do bem e da solidariedade fraterna. A autora relata que, com a pesquisa realizada para a construção do seu artigo, descobriu que muitas mulheres, como ela, lutaram e ainda lutam para se tornarem líderes em suas igrejas e que, algumas delas, organizaram investigações fundamentadas nas ciências e escreveram livros e artigos expondo o silenciamento e o cerceamento do elemento feminino nestes espaços e argumentaram sobre a importância da mulher como líder nas igrejas contemporâneas.

O autor do texto **“MOVIMENTO FEMINISTA E A INFLUÊNCIA NO LAR CRISTÃO”** realizou um estudo teórico com reflexões importantes para a prática, o qual explicitou a trajetória dos mo-

vimentos feministas ao longo de períodos recentes da história, apontando os objetivos de cada um deles, em contextos diversificados no tempo e no espaço. Pesquisou as linhas e entrelinhas da Bíblia para identificar como este referencial aponta os papéis de homens e mulheres na convivência do lar. Após esses estudos, procurou analisar como a luta das mulheres para conseguirem visibilidade em vários espaços da sociedade, exercerem funções de liderança e romperem com a herança patriarcal transformaram as configurações das famílias em geral, especificamente, daquelas que seguem os preceitos religiosos do cristianismo. O artigo constitui-se em uma reflexão importante, pois propõe um processo dialógico tenso entre feminismos e organizações das famílias, porém, indispensável para problematizar o ideário hierárquico que ainda permanece nas relações de poder na sociedade em geral, nas famílias e nos espaços de inúmeras religiões. Como explicado anteriormente, nesta edição os leitores encontrarão oito textos do Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística da FAEP, entretanto, três artigos de outros autores foram publicados, desencadeando reflexões importantes para a educação.

Um deles, denominado **“O PAPEL DO NARRADOR NO LIVRO E NO FILME CIDADE DE DEUS DE PAULO LINS”**, explora as entranhas dos processos narrativos presentes no livro e na adaptação cinematográfica do romance Cidade de Deus, comparando-os, com a finalidade de explicitar as diferenças entre ambos e trazer reflexões importantes para o leitor, tanto no que se refere ao discurso escrito, quanto às estratégias da linguagem do cinema. Essa comparação pretendeu contribuir para que o leitor do artigo possa compreender a problemática analisada por uma multiplicidade de facetas e interpretação dos fatos, pois cada uma das linguagens traz aportes diferentes para explorar a temática. São formas de introduzir os interlocutores na complexidade de uma comunidade

(denominada “favela” nos anos 80), na periferia do Rio de Janeiro, em que a violência estava presente no cotidiano dos moradores. O texto do autor, assim como o romance e o filme denunciam o descaso dos governantes para com a população, que convive com o tráfico de drogas, a corrupção, os poderes paralelos e o abuso das autoridades. Esse autor destaca a importância de o bairro ser um dos personagens e os atores serem moradores dessa comunidade. Nesta análise, o artigo revela que não existe uma correspondência exata entre livro e filme, com: mudanças no foco narrativo, alterações nas personagens e em seus nomes, redução de fatos e posicionamento diferente dos narradores frente aos acontecimentos citados. Portanto, este artigo revela uma situação real de uma terceira maneira, pois ao comparar a linguagem do romance a do filme, constrói uma outra forma de compreender a problemática.

O outro artigo, intitulado **“O PAPEL DAS ARTES VISUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO”**, intensifica a importância da Arte e de suas diferentes vertentes (pintura, gravura, escultura, desenho, música, dança, apreciação cinematográfica) para o trabalho pedagógico na Educação Básica e contribui para a reflexão sobre mais um elemento artístico para a compreensão da realidade, especificamente, no espaço educacional. Destaca a importância de sua inserção na educação para desenvolver a apreciação do belo e a constituição da liberdade de criação e imaginação. Aponta a necessidade de conhecer os alunos e seus contextos socioculturais, possibilitando um mergulho em diferentes tradições e culturas diferentes das conhecidas pelos educandos. Portanto, para a autora, a Arte, no Ensino Fundamental e Médio deve ser levada a sério como um elemento que possibilita a completude da apropriação do patrimônio histórico-cultural da humanidade e pode ser trabalhada em práticas educativas e experiências integradas à outras disciplinas, em projetos interdiscipli-

nares, sem hierarquização das diferentes áreas. Assim, o artigo se constitui em um referencial importante para repensar a escola e a formação da personalidade viva dos educandos, por meio da Arte.

Com a finalidade de ressignificar as avaliações escolares, contribuindo com a reflexão sobre como redimensionar e auxiliar na superação das dificuldades escolares, por meio do acolhimento das crianças, adolescentes e jovens em um trabalho psicopedagógico, a autora do artigo **“O ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO E OS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM”** aponta como esse trabalho pode beneficiar os estudantes. Para isso, o artigo tem como apoio a avaliação diagnóstica e a organização de um plano de ação para possibilitar as aprendizagens, atuando nos fatores que causam as dificuldades apresentadas por eles na apropriação dos elementos culturais, considerando as formas diversificadas de aprender e problematizando as práticas escolares que podem não contribuir para o aprendizado. Ao explicitar as áreas de estudo da Psicopedagogia, a autora demonstra a contribuição destas para refletir sobre os processos de ensino e de aprendizagem, que são seus objetos de análise e pesquisa permanentes. Destaca também a importância de potencializar a integração dos educadores da escola entre si e com a família, nos atendimentos clínicos e nas orientações institucionais feitos pelo psicopedagogo.

Desta forma, ao apresentar esta diversidade de artigos, o grupo, que organiza, escreve, revisa e publica a revista, pretende fornecer elementos para criar a necessidade de ler no leitor, mas também a vontade de escrever seus próprios textos, por ficar maravilhado com as pesquisas e as produções escritas apresentadas nas suas diferentes edições.

SUMÁRIO

12



GESTÃO AFIRMATIVA FEMINISTA

- Kaique de Oliveira Santos

19



CAPTAÇÃO DE RECURSOS E DOAÇÕES EM UMA MICROEMPRESA DA BRASILÂNDIA

- Rafeale Gomes Santos

25



EM BUSCA DE UMA GESTÃO PÚBLICA ESCOLAR INCLUSIVA PARA O PÚBLICO- ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

- Ivan Paulo Amorim

32



A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DO ELEMENTO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL, DE 0 A 3 ANOS

- Leila Vaz Luz

39



O ENCARCERAMENTO DE MULHERES: POR AMOR OU PELA DOR? UM OLHAR FEMINISTA

- Joyce de Oliveira

46



CRISTIANISMO E LIDERANÇA FEMININA

- Cleverson Araújo dos Santos

SUMÁRIO

54



A PARTICIPAÇÃO ATIVA DAS MULHERES COMO LÍDERES NAS IGREJAS CRISTÃS CONTEMPORÂNEAS

- Viviana Inês da Silva Santos

62



O MOVIMENTO FEMINISTA E A SUA INFLUÊNCIA NO LAR CRISTÃO

- Elyno Júlio dos Santos

69



O PAPEL DO NARRADOR NO LIVRO E NO FILME CIDADE DE DEUS DE PAULO LINS

- Anderson Gonçalves Pereira

80



A IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

- Thais Evelin da Silva Rocha

83



O ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO E OS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM

- Sheila Alves Coutinho



GESTÃO AFIRMATIVA FEMINISTA

Kaique de Oliveira Santos¹

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo observar as inovações e desafios feitos por uma liderança feminina dentro de uma empresa laboratorial ao longo dos anos, colocando em evidência a trajetória e as principais mudanças feitas pela diretoria feminina e expondo o uso consciente de boas práticas administrativas e de inclusão social. Foram usados históricos de rendimento da empresa em questão e o próprio manual interno para explicitar méritos feministas e a absorção da sua força de trabalho; além de experiências e observações realizadas na mediação como funcionário da própria indústria, evidenciando a cultura da empresa, além da visão e dos valores defendidos por ela. Após a pesquisa bibliográfica e documental, aliadas às análises das observações e vivências, verificou-se a potência e a eficácia da liderança feminina, contrariando a crença de que as mulheres são inaptas para exercerem as funções de líderes no mercado competitivo.

Palavras-chave: Administração consciente. Liderança feminina. Inovação.

1. Introdução

O tema principal desta pesquisa foi demonstrar que a liderança feminina pode alavancar e desenvolver uma empresa de mais de 50 anos de história no mercado brasileiro, com a prática de administração responsável e concisa, inclusão feminina e políticas de bom desempenho. Dentro desta investigação também foram observados desafios administrativos e mudanças complexas de rumo empresarial. Além de ser extremamente volátil, o mercado de trabalho brasileiro tem como característica retrógrada a discriminação da força de trabalho feminino, gerando a falta de mulheres à frente das principais empresas nacionais, embora estes dados venham diminuindo, pois, as mulheres cada vez mais se tornam realidade no mercado por atitudes e méritos administrativos.

As mulheres tiveram seus direitos trabalhistas concedidos em 1943, na primeira versão da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), sendo que desde esta data muita coisa evoluiu e o poder feminino vem solidificando sua presença no mercado, inclusive em áreas que já foram de dominância masculina, porém, ainda possuem maior dificuldade de colocação no mercado de trabalho, o que é uma grande perda para a economia brasileira, pois, segundo a

1 - Estudante do quarto semestre do curso de Recursos Humanos da FAEP e participante do Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, no ano de 2023.

Organização Internacional do Trabalho (OIT) a economia poderia crescer em até 382 bilhões de reais com a abertura de oportunidades de atuação feminina. (Marina Wentzel, BBC Brasil, 14 junho 2017)

Além disso, o preconceito de gênero, algo forte na nossa economia, explícita – se na resistência à inclusão feminina, que é “justificada” inapropriadamente pela maternidade, período menstrual e até mesmo por faixa etária. Estes são problemas que mantêm a diferença salarial entre gêneros, atribuindo menores salários às mulheres, mesmo desempenhando as mesmas funções exercida pelos homens.

Segundo Teixeira (2018):

Há justificativas práticas e filosóficas para as análises de segregação ocupacional. Na prática, esta segregação é um importante fator da desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Sua existência é um sintoma de que as mulheres não têm acesso irrestrito às oportunidades do mercado de trabalho. A segregação tem também importantes implicações para o descompasso salarial entre homens e mulheres, assim como nas oportunidades de promoção no mercado de trabalho. Compreender as causas e consequências da segregação ocupacional é decisivo para a formulação de políticas para o mercado de trabalho mais inclusivas para as mulheres. (Teixeira, 2018, p.74)

Apesar de todas as dificuldades vivenciadas, as mulheres conseguiram grandes avanços com muito trabalho e abertura no pensamento administrativo das novas empresas. Os avanços contam com a liderança feminina, na qual cada vez mais mulheres alcançam cargos executivos e de grande expressão em suas

áreas com uma taxa de 38% em 2022, embora haja certa desigualdade competitiva entre os sexos. Atualmente, segundo Global Entrepreneurship Monitor (GEM), cerca 30 milhões de mulheres conduzem suas próprias empresas (SEBRAE, 2022). Todos esses avanços no mercado de trabalho criam possibilidades para o servidor empresarial e empreendedor feminino, fazendo o mesmo ser protagonista nesta nova jornada corporativa de inclusão. Entretanto, foi uma longa trajetória de conquistas para as mulheres.

No meio jurídico e legislativo, em 1933, a grande novidade foi o voto feminino, fato que ocorreu pela primeira vez quando uma mulher foi eleita constituinte: Carlota Pereira de Queiroz (1892 – 1982); houve também preocupação com o preconceito por motivos de sexo, etnia e classe social. Um exemplo é o artigo 113, parágrafo 1º, que diz: “todos são iguais perante a lei”. Algo que mudou a perspectiva de muitas mulheres e, até hoje é considerado um avanço impactante nas evoluções legais, foi o direito das mulheres na Constituição Federal de 1988; que destaca a igualdade de gênero, assegurando

direitos maternos, licença gestacional, proteção no mercado de trabalho da mulher etc. (Teles, 2022)

Com a promulgação destas leis, pode ser concretizada a formulação da jornada de trabalho e a remuneração feminina, solidificando o trabalho da mulher na nossa sociedade e trazendo sucesso à luta das mulheres.

2. Objetivos

Ao apresentar os pontos problemáticos, os objetivos a serem abordados são:

Objetivo geral: compreender a importância da liderança feminina no funcionamento de uma

empresa.

Objetivos específicos: a) identificar características produtivas laboratoriais de uma empresa composta por maioria de mulheres em seu quadro, b) identificar problemáticas e principais desafios vividos pela gestão na administração desta empresa c) expor com mais especificidade o modo de seleção de candidatas d) destacar os principais pontos positivos que a gestão feminina se demonstrou eficaz.

3. Metodologia

A pesquisa realizada teve um caráter qualitativo, considerando os dados coletados de diferentes textos acadêmicos, livros sobre direito feminino e afins, além da legislação brasileira. Foram feitas observações e consulta às documentações dentro da empresa proposta para desenvolver o estudo sobre o tema abordado, a fim de compreender os principais méritos da atual gestão feminina e seus pontos de possíveis melhoras.

4. Desenvolvimento

4.1. Medidas de mudanças

Antes das mudanças bem-sucedidas, a empresa em questão enfrentou muitos problemas com funcionários no meio laboratorial, dentre esses problemas haviam muitos casos de abandono de responsabilidades éticas e a permanência de certos vícios mantidos pela cultura da primeira gestão, sendo que muitos destes problemas aconteciam pelas ações de líderes de setores e até diretores, que adotavam medidas

questionáveis em seu comportamento profissional nas posturas com o sexo feminino e o preconceito explicitado em relação às ques-

tões empregatícias das mesmas.

Por todos esses comportamentos, a empresa que, em um primeiro momento era considerada um empreendimento gerido por um grupo familiar e com o costume de sempre promover e manter membros masculinos, teve que fazer uma drástica mudança pela perda de notoriedade vivenciada nos primeiros 20 anos de existência. Essa mudança só entrou em vigor quando seu novo dono, que já vinha do mesmo ramo, decidiu adotar medidas inclusivas por notar diferenças na forma como funcionários e funcionárias do mesmo departamento trabalhavam, sendo que sua primeira mudança significativa foi adotar planos de carreira que visaram igualar os salários de homens e mulheres, além de dar oportunidades expressivas a ambos. Desta forma, aumentou a produtividade ao destacar os que mais se adequavam a frente de liderança e adotavam uma atitude trabalhista.

Essas mudanças geraram uma urgência de prioridade na ação de incluir todos os subordinados na aceitação de diferentes modos de trabalhos, como o colaborativo e o de auto rendimento. Com isso, a diretoria começou um estudo sobre o perfil dos seus colaboradores e chegaram à conclusão que as mulheres de diversos setores costumavam trabalhar mais que a maioria dos homens, pois faziam bem mais horas extras, mantendo seu horário de expediente sem nenhuma pendência antes de ir embora. Além disso, depois da medida tomada de plano de carreira, foi observado que cerca de 60% dos funcionários que foram promovidos ou tiveram destaque eram mulheres, sendo que elas tinham um trabalho constante e sem erros. Outro aspecto observado foi que 35% das colaboradoras femininas voltaram a estudar, procurando uma projeção profissional e se preparando para a oportunidade que poderia contemplá-las.

Entretanto, nem tudo ocorreu como a nova gestão estava esperando, pois, uma empresa que se considerava familiar teve que adotar uma das medidas mais duras, que foi fechar a abertura para a permanência e contratação de parentes e a existência de novos “relacionamentos amorosos e de amizades” na empresa em questão. Isso fez com que muitos funcionários viessem a se desligar e houvesse uma ruptura na empresa, pois muitos não concordaram com a medida e não acreditavam que essas relações mais estreitas entre trabalhadores pudessem influenciar a produção da fábrica. Entretanto, com o tempo foram convencidos de que a medida produziu mudanças positivas no trabalho.

Ao enfrentar o problema das demissões, por justa ou não justa causa, a empresa mudou também o modo de seleção do seu contingente, renovando o setor de recursos humanos e separando este do setor financeiro. Fazendo isso, o modo de seleção de candidatos focou na contratação de mulheres que já tiveram contato com a área laboratorial, que tivessem uma carta de referência dos seus antigos empregadores e possuíssem disponibilidade de horários. Entretanto, a empresa deveria atentar para a possibilidade de equívoco na tramitação do contrato de trabalho, pois

[...]Quando as mulheres se inserem no espaço da produção, estão entrando em um mundo de exploração e dominação masculina. Se no espaço privado havia o controle da mulher pela via do corpo biológico, no espaço público as vias de controle e dominação masculinas se transformam apoiados no sistema capitalista em diversas formas, por exemplo, desigualdades salariais, feminização de algumas profissões e desvalorização do trabalho feminino [...] (Teixeira, 2009, p. 240)

Porém, a forma como a renovação foi feita na empresa possibilitou uma outra cultura, com mais consciência social.

4.2. Diretoria feminina e gestão consciente

Depois dessa mudança, na perspectiva ideal, a empresa sofreu um duro golpe na sua estrutura, que foi o falecimento de seu dono e fundador, o qual deixou a empresa para suas duas filhas, que tomaram para si o desafio da reformulação e modernização da empresa ao ponto de criar mais departamentos e ampliar o negócio do pai. Neste momento, decidiram dividir a empresa em duas. Uma para a parte comercial e outra para a parte de produção, fazendo com que a empresa mudasse de status e de visão no mercado nacional.

A parte da indústria de produção ampliou mais os estudos e tomou mais medidas administrativas interessantes, levando a algumas mudanças significativas. Sua dona, fazendo parte integral dos negócios da empresa, disponibilizou grande parte de seus lucros para a modernização laboratorial, atualizando materiais e equipamentos de qualidade e reorganizando também os setores, ao abrir as áreas de: finanças, administrativo, comercial, marketing, gerenciamento da fábrica e área de expedição. O diferencial desta atitude foi que ela fez com que 80% dos profissionais destas áreas fossem mulheres, implantando de vez a inclusão nos moldes ideológicos de seu pai.

Outras dificuldades depois da mudança são visivelmente encontradas na indústria em questão, pois mulheres nas fábricas sofrem muito mais pressão que os

homens quando seus chefes são do sexo masculino e precisam sempre provar suas habilidades para que se estabeleçam em relação de igualdade com o sexo oposto. Este comporta-

mento, mesmo não sendo regra, é vivenciado por muitas colaboradoras.

Pode -se comparar esta situação a uma forma de patriarcado forçado, o que é algo infelizmente bem presente na sociedade e no mercado de trabalho atual brasileiro. Siqueira e Samparo afirmam que:

Levado em consideração o fato de que o patriarcalismo influenciou diversas doutrinas quanto à percepção de gênero. Nesse sentido, a concepção aristotélica argumentava que o feto era fruto do encontro do esperma com o Mênstruo e a mulher seria apenas uma matéria passiva nesta relação. (Siqueira e Samparo, 2017, p. 291)

Assim, a ideologia do patriarcado presente na sociedade não só enfraquece a luta da mulher, mas a relativiza e a faz se sentir menor na presença de um homem que a considera inferior a ele.

4.3. Seleção de candidatos conforme critérios e políticas inclusivas

Para o recrutamento de candidatos às vagas, a gestão tem o cuidado específico de ter diversas medidas de divulgação e de seleção voltadas à cultura de inclusão se mulheres, com isso, as divulgações das vagas acontecem principalmente por indicação das próprias colaboradoras e de mídias voltadas ao desenvolvimento social, como o LinkedIn, com o intuito de passar a ideia de que a proposta de vaga valoriza o elemento feminino como profissional e as acolhe.

As políticas de seleção giram em torno da inclusão de funcionárias com experiência na área ou de jovens aprendizes que mais se adequam à cultura da empresa, que exige o

comprometimento com o trabalho exercido, prioriza futuras candidatas que estudem ou pretendem a graduação, de preferência na área laboratorial. Estas medidas são tomadas, pois a própria gerência é composta por mulheres que cresceram junto com a empresa e querem passar a inspiração e a oportunidade de contar com futuras colaboradoras.

Na pesquisa observa-se que todo modo de seleção é voltado para a cultura de inclusão e produtividade das suas candidatas. A performance com o foco na aprendizagem e na responsabilidade de produção e os traços do perfil são as principais formas criteriosas que a empresa quer alcançar com suas candidatas. Assim sendo, o público feminino é o foco e o apoio da empresa, pois dentro da sua cultura organizacional, na escolha deste público encontra -se o sucesso da empresa, de acordo com os selecionadores.

Por último, mas não menos importante, as ferramentas são as principais formas de seleção válidas aos entrevistadores, pois ela é feita com dinâmicas (individuais e em grupo) e provas (comportamentais e escritas).

Uma última observação importante é que antes da seleção todos os candidatos sondados são estudados e separados nas entrevistas, com o intuito de sempre priorizar mulheres.

4.4. Liderança afirmativa feminista

Dentro deste estudo, pode -se observar muitas formas de uso da ideia de feminismo em atitudes tomadas pelos administradores da empresa abordada, porém para continuar a informar os fatos apresentados é de prioritária importância definir o que é feminismo. Segundo o dicionário online de português a palavra “feminismo” refere - se a doutrina cujos preceitos indicam e defendem a igualdade de direitos

entre mulheres e homens. (Feminismo,2023). Depois de caracterizar todas as fases de evolução e medidas tomadas pela liderança feminina nesta empresa, pode -se afirmar que além do ganho monetário e estrutural, a corporação também se apossou de ganho inclusivo, o que muda a perspectiva dos seus investidores ao ver que a gerência de uma mulher e inclusão de muitas outras levará ao sucesso corporativo.

Estas medidas, além de inovadoras, se tornaram eficazes e reafirmaram que a liderança também pode ser propiciada e cedida incontestadamente ao gênero feminino, o que corrobora com a tese apresentada por Frankel (2007) no texto de Luciane Querino e outras autoras (2013):

[...]o sexo feminino é por natureza líder, e que certas qualidades são exclusivas do até então sexo frágil, mas é o que faz o diferencial no novo olhar da liderança e que as empresas mais tem buscado atualmente. (Frankel, 2007, apud Querino, 2013, p.18).

5. Resultados

Ao vislumbrar toda a pesquisa, é inegável o exemplo de um caminho traçado pela microempreendedora para a integração igualitária de mulheres no mercado de trabalho, pois mesmo com problemas nos processos de seleção para recrutar o público feminino, por falta de referência desta prática no mercado corporativo, a

empresa em questão tem uma iniciativa inovadora no quesito de promover e propagar a integração feminina. Com isso, apresenta avanços significativos pela comprovação da qualidade de seus produtos e sua eficiência na produção,

mantendo a inclusão cooperativa entre o funcionário e a empresa. Constatei que esta estratégia foi válida e basicamente é o futuro, pela conquista da mulher contemporânea, pois as lutas feministas têm possibilitado a integração social e a igualdade de gênero nos campos econômicos e culturais.

Procurei com esta pesquisa demonstrar as possibilidades de um trabalho eficiente e eficaz das mulheres em diferentes espaços e, especificamente, na liderança de uma empresa laboratorial. A microempreendedora e as lideranças femininas adotam medidas enriquecedoras para a empresa e o mercado de trabalho desta área, apoia, com seu exemplo, a ascensão de todas as mulheres no mundo empresarial e competitivo, no qual os homens ainda têm destaque.

Assim, com todas as observações feitas e as evidências acadêmicas, pode -se verificar a qualidade e a eficiência que cada vez mais vem sendo alcançada por mulheres, explicitada pelo bom funcionamento do trabalho nas áreas em que atuam como gerentes. Portanto, a presença delas no mercado de trabalho torna-se fundamental e indiscutível.

6. Considerações finais

Ao partir do histórico de uma empresa e das dificuldades encontradas por ela na construção de um olhar positivo para o trabalho feminino, a pesquisa mostrou um contraponto a realidade mercadológica nacional, apresentado por uma diretoria consciente que se propôs a abrir oportunidades empregatícias às mulheres e fazê-las maioria dentro de uma empresa laboratorial e indústria do mesmo ramo. Nessa observação minuciosa, há hipóteses do sucesso da empresa na mudança de direção e administração, fazendo com que essa se diferencie de suas concorrentes e tenha um espaço consi-

derável no mercado.

Como consideração final quero engrandecer e citar o ponto de partida e o ponto de nova perspectiva pessoal como pesquisador; que se aprofundou dentro do tema, que foi o livro Feminismo em comum, da autora Marcia Tiburi, que me mostrou pontos não só antes não perceptíveis no meu cotidiano, mas também me fez abordá-los na pesquisa e reiterá-los nos diversos temas de uma seleção e integração corporativa,

o que aparentemente não é abordado nas áreas trabalhistas, se faz cada dia mais urgente para o social.

Em citação ao livro destaco o texto, com o título “O feminismo é o contrário da solidão” onde a autora discorre que:

[...] nos tornamos feministas porque houve mulheres que foram duramente oprimidas, mas também porque no passado existiram lutadoras incomuns, pessoas que se tornaram exemplos, mulheres que devemos o nosso lugar[...] (Tílburi, 2018, p.31)

Esta frase não se refere só às mulheres, mas sim a toda uma sociedade que lutou e deve lutar para que casos como desta pesquisa sejam algo natural e que a igualdade seja a pauta mais abrangente e aceita em todos os meios. Com este trabalho. Pretendo que todos e todas divulguem novas pesquisas, semelhantes ou não a essa que apresento para reafirmarem o poder da liderança feminina e a necessidade da igualdade na contratação, na remuneração e na oportunidade do exercício de funções de destaque entre mulheres e homens.

Referências

FEMINISMO. Dicionário online da Língua Portuguesa. <https://www.dicio.com.br/feminismo/#:~:text=Movimento%20que%20combate%20a%20desigualdade%20de%20direitos%20entre%20mulheres%20e%20homens>.

Acesso em 11 de agosto de 2023.

QUERINO, Luciane Cristina Santos; DOMINGUES, Mariana Dias dos Santos; LUZ, Rosângela C. A evolução da mulher no mercado de trabalho. E-FACEQ. Revista dos discentes da Faculdade Eça de Queiroz, v.2, n.2, p1-32, 2013.

SEBRAE. Participação das mulheres empreendedoras cresce no Brasil. <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/noticias/participacao-de-mulheres-empendedoras-cresce-no-brasil,06fd4563d8318710VgnVCM-10000d701210aRCRD>. Brasil, 2022. Acesso em 11 de agosto de 2023.

SIQUEIRA, D. P.; SAMPARO, A. J. F. Os direitos da mulher no mercado de trabalho: da discriminação de gênero à luta pela igualdade. Revista Direito em Debate, [S.l.], v.26, n.48, p.287325, 2017. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/revista-direitoemdebate/article/view/7233>. Acesso em: 18 jul. 2023.

TEIXEIRA, Cíntia Maria. As Mulheres no Mundo do Trabalho: Ação das Mulheres, no Setor Fabril, para a Ocupação e Democratização dos Espaços Público e Privado. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa Abr-Jun 2009, Vol. 25 n. 2, pp. 237-244. Brasília: Instituto de Psicologia - UnB, 2009.

TEIXEIRA, Marilane Oliveira. O que gera e perpetua a segregação, a Discriminação e as desigualdades salariais. In.: LEONE, Eugenia Troncoso at all (Orgs). Mundo do Trabalho das Mulheres: ampliar direitos e promover igualdades. São Paulo: Secretaria de Políticas do Trabalho e Autonomia Econômica das Mulheres

/ Campinas, SP: Unicamp. IE. Cesit, jun. 2017.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Feminismo, ações e histórias de mulheres São Paulo: Emma livros/ Alameda, 2022).

TIBURI, Márcia. Feminismo em comum: para todas, todes e todos – 4ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

WENTZEL, Marina - Basileia (Suíça) para a BBC Brasil. Maior participação feminina traria R\$ 382 bilhões à economia brasileira até 2025, diz OIT. URL: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40281756> - 14 junho 2017



CAPTAÇÃO DE RECURSOS E DOAÇÕES EM UMA MICROEMPRESA DA BRASILÂNDIA

Rafaele Gomes Santos¹

Resumo

O objetivo deste trabalho foi investigar as estratégias utilizadas por uma microempresa social para a captação de recursos necessários na realização de doações à comunidade da Brasilândia, com a finalidade de propor medidas para planejar o equilíbrio entre estes dois elementos, melhorando a eficiência da microempresa em alcançar seus propósitos. Para isto, foram analisados documentos fornecidos pela microempreendedora, observações da pesquisadora presente na instituição e realizadas pesquisas bibliográficas na área da Administração de Empresas, que auxiliaram na compreensão do percurso da microempresa e no levantamento de possibilidades para criar formas inovadoras de atuar, dando continuidade aos benefícios oferecidos à população local. A partir das análises realizadas e dos materiais acadêmicos consultados, foi proposta uma série de medidas para alcançar o equilíbrio entre captação de recursos e as doações com transparência, entre elas: a divulgação e comunicação com o entorno, a busca de novos parceiros, a realização de eventos e o planejamento de projetos e das ações.

Palavras-chave: Microempreendedor social. Captação de Recursos. Doações.

1. Introdução

A importância desta pesquisa qualitativa explicitou-se na dimensão social alcançada pela possibilidade de renovar as estratégias de captação de recursos, transparência e visibilidade da instituição, utilizando os conhecimentos da Administração de Empresas. Neste sentido, foi essencial a realização de uma análise do histórico da microempresa social que apresentava dificuldades para continuar o trabalho de doação de pães em um bairro periférico da cidade de São Paulo e beneficiar a comunidade da Brasilândia. Para chegar à constatação destes fatos, verifiquei os documentos e fiz observações das dinâmicas da instituição, de forma voluntária.

A dirigente da microempresa social é uma mulher inspiradora, que se dedica a ajudar famílias em situação de vulnerabilidade dessa comunidade. Portanto, a pesquisa poderá contribuir para o desenvolvimento e crescimento contínuo da microempresa de forma prática e eficiente, propondo ações planejadas e projetos estruturados para equilibrar a captação de recursos e a doação.

Assim, refletindo sobre as microempresas so-

1 - Estudante do quarto semestre do curso de Administração da FAEP e participante do Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, no ano de 2023.

ciais: “Não é porque elas apresentam um contexto sem fim lucrativo, que não necessitem dos recursos financeiros para sua sobrevivência.” (Angnes et al, 2011, p.12)

Para isto, organizei o problema em forma de questionamento para melhor orientar a pesquisa: Ao considerar o caminho percorrido por uma microempreendedora, quais são as possíveis medidas para que a microempresa social pesquisada possa manter o equilíbrio entre doações para a comunidade e a captação de recursos?

A partir desse questionamento, a hipótese pensada para respondê-lo foi: com um estudo detalhado sobre a captação de recursos e as doações feitas pela microempresa, será possível auxiliar a microempreendedora para que ela atinja seus objetivos com o máximo de eficiência, apresentando estratégias adequadas, a partir dos conhecimentos e informações obtidos em materiais referentes à administração de empresas.

2. Objetivos

Aponto os principais objetivos propostos para orientar a pesquisa:

Objetivo Geral: Propor o planejamento de estratégias para equilibrar a captação de recursos e as doações da microempresa à comunidade, após a análise da trajetória de uma microempreendedora social.

Objetivos Específicos: a) Investigar as medidas utilizadas pelos integrantes da microempresa para captar recursos; b) Identificar formas diversificadas e inovadoras da captação de recursos necessárias, para que a microempresa social possa dar continuidade à quantidade de doações realizadas no início do empreendimento, considerando o aumento da demanda.

3. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, a

partir de uma investigação documental e de observações da dinâmica da instituição, com a finalidade de analisar os caminhos percorridos pela microempresa social com um desequilíbrio entre captação de recursos e doação de pães para a comunidade, objetivou conhecer as

ações realizadas pelos responsáveis para obter uma receita suficiente e produzir este alimento para doar. Ao observar e analisar essas práticas, pude identificar os desafios enfrentados pela microempresa no equilíbrio entre as doações e a captação de recursos, bem como as oportunidades existentes nesse contexto. Ao considerar as perdas da microempresa na captação de recursos, propus algumas medidas e estratégias que visaram aprimorar a sua eficiência, contribuindo para sua sustentabilidade e crescimento, a partir de uma pesquisa bibliográfica na área da Administração de Empresas. Os resultados da pesquisa serão entregues à microempreendedora para contribuir com a retomada do desenvolvimento de suas ações transformadoras.

4. Desenvolvimento

A instituição pesquisada encontra-se em um bairro periférico de São Paulo, a Brasilândia. A microempreendedora começou a realizar a confecção de pães em casa durante a pandemia, considerando a dificuldade das pessoas da comunidade em obterem alimentos necessários para sua subsistência.

Com o apoio da comunidade e as doações, o projeto cresceu durante um período inicial de produção.

Com a divulgação do trabalho e a ajuda de colaboradores, chegou a receber gratuitamente várias máquinas para a produção de pães do apresentador Luciano Huck, que comandava o Programa Domingão do Huck, em 12/09/2021. Com esta ajuda, a ONG passou a distribuir dia-

riamente cerca de 2.000 pães, 300 litros de chá e oferece cursos, terapia em grupo, kits de higiene e cestas básicas. Assim, o projeto foi impulsionado pelo Programa Domingão com Huck em 2021, fortalecendo suas atividades e impactando a comunidade. Entretanto, alguns colaboradores acreditaram que, com a ajuda dos meios televisivos, poderiam diminuir as suas doações e a instituição passou a enfrentar novos desafios.

Ao considerar a sua origem e o seu percurso, pode-se caracterizar essa instituição como uma Organização Não Governamental (ONG), pois estruturou o seu registro como microempresa sem fins lucrativos e com responsabilidade pela emancipação social da população local.

Uma ONG é uma organização que trabalha para promover causas sociais, ambientais, culturais, humanitárias ou de direitos humanos. Elas não são governamentais, dependem de doações e parcerias, e atuam para melhorar a sociedade em várias áreas de necessidade. (Bezerra, s/d).

Ao pensar nestas trajetórias, tornou-se necessário investigar o conceito de captação de recursos.

Captação ou mobilização de recursos é um termo utilizado para descrever um leque de atividades de geração de recursos realizadas por organizações sem fins lucrativos em apoio à sua finalidade principal, independente da fonte ou do método utilizado para gerá-los. (Projeto Gets - United Way do Canadá, 2002, p.14)

De acordo com os autores do material citado, a captação de recursos realizada de forma transparente possibilita: a ampliação do apoio da comunidade, o alargamento para outros doadores que venham conhecer o trabalho, crescimento do número de voluntários, credibilidade por parte de pessoas físicas e jurídicas (p. 15-16). Aponta também a necessidade de

preocupar-se com as questões éticas, indicando a necessidade de conhecer os objetivos de quem oferece os recursos, mantendo a transparência na prestação de contas (p.17):

Qualquer organização que queira iniciar uma atividade mais intensa de captação de recursos deve antes de tudo refletir muito bem sobre qual será sua política em relação a esse setor. Isso envolve pensar, tendo em vista sua missão e seus objetivos, como será orientada essa política, como será a relação com os financiadores, como serão geridos os recursos, que tipo de prestação de contas dos recursos doados deve ser feita (Projeto Gets - United Way do Canadá, 2002, p.17)

Com base nestas definições, passou-se a pesquisar as medidas adotadas pela microempresária para obter recursos e sustentar a atividade de doação, bem como analisar como essas medidas influenciaram suas operações e se estavam sendo eficazes. Assim, foi possível observar que ela implementou uma variedade de estratégias. A microempresária estabeleceu parcerias com empresas locais, mobilizou a comunidade por meio de campanhas de conscientização e eventos beneficentes, utilizou recursos online, como plataformas de financiamento coletivo e promoveu a participação de voluntários. Essas medidas influenciaram positivamente as operações da microempresa, resultando em uma maior captação de recursos e uma expansão da capacidade de doação. No entanto, foi fundamental realizar uma avaliação constante para garantir a eficácia e a coerência com os objetivos traçados dessas medidas e realizar ajustes necessários para aprimorar o processo de captação de recursos da ONG.

No Brasil a captação de recursos é tida como um dos maiores desafios para as organizações do Terceiro Setor, devido ao grande crescimento e ao aumento da

competitividade entre as próprias ONGs para obter parceiros e recursos. Neste caso, grande parte das ONGs obrigam-se a investir nas formas de captação de recursos que estimulem a contribuição de pessoas, do governo e da iniciativa privada. Portanto, acredita-se ser essencial que estas reconheçam a relevância em realizar-se um planejamento de ações de captação de recursos por meio de projetos próprios. (Adulis, 2002 apud Angnes, 2011)

Desta forma, identificou-se os desafios enfrentados pela microempresa para manter o equilíbrio entre as doações e a captação de recursos e observou-se que os valores disponíveis ainda eram insuficientes para a produção de pães, que atendesse a demanda. Para enfrentar os novos obstáculos, foram adotadas novamente algumas estratégias para superá-los: rifas divulgadas no Instagram, doações em dinheiro ou materiais de pessoas físicas e jurídicas, captação nas redes sociais: a “Campanha doe um real.” A instituição contou também com alguns voluntários, que ajudaram nas ações de captação de recursos, de confecção de produtos e distribuição das doações. Após a análise das notas fiscais que contém o valor dos gastos com: gás, luz e materiais para a confecção dos pães, verificou-se que o valor aproximado desses gastos foi de mais de dez mil reais, ao mês. Portanto, o custo destes serviços e da matéria-prima foi bastante alto e a microempreendedora necessitava de um planejamento criterioso para utilização dos recursos, com a finalidade de atingir seus objetivos, mesmo que algumas empresas colaboradoras, de forma voluntária, tenham assumido esses gastos. Com base nessas estratégias adotadas pela microempresa, a solução seria propor medidas para otimizar a sua eficiência, utilizando conhecimentos de administração de empresas para encontrar soluções práticas e viáveis.

5. Resultados

Desta forma, ao investigar e analisar as medidas adotadas pela microempresária e documentadas em materiais disponibilizados por ela, foi possível identificar os desafios enfrentados para captação de recursos e distribuição de pães para a população local. Essa análise preliminar permitiu ter uma visão mais clara do impacto das ações realizadas até o momento e identificar possíveis ajustes necessários para alcançar os objetivos estabelecidos.

As ONGs podem obter receitas próprias de forma regular por meio de contribuição de sócios e rede de amigos, prestação de serviços de forma remunerada, venda de produtos, ou ainda por meio de fontes de financiamento públicas, privadas e não governamentais nacionais e internacionais”. (Armani, 2003, p.143 apud Angnes, 2011)

No material acadêmico consultado, encontrei exemplos de ações para captação de recursos de entidades pesquisadas:

Verificamos que a ONG capta recursos de diversas formas, como campanhas de arrecadação (“Seja um Mantenedor, Marmita Solidária, Pedágio do Asilo”, outras), depósito bancário, PagSeguro, doação na conta de energia, pequenos eventos (“Bazar de Outono, Bazar de Natal”, Leilões Beneficentes). A captadora explicou: “Faz parte da rotina do captador, mensurar os resultados e manter um relacionamento com doadores e parceiros”. A 7 gerente disse que a instituição usa Whatsapp e Facebook, principalmente para recolter itens com baixo estoque, como alimentos e materiais de limpeza. (Matos et al., 2020, p.6-7)

Assim, a partir das reflexões sobre os dados coletados e o estudo do material bibliográfico, pude propor algumas estratégias para diversificar as formas de equilibrar a captação de recursos e as doações:

I. Realizar campanhas de conscientização e engajar a comunidade: distribuição de folhetos impressos e divulgação contínua pela internet, com explicações sobre a instituição e as suas necessidades. Essas ações podem estar associadas às campanhas de porta em porta, realizadas pelos próprios beneficiados com as doações.

II. Buscar novas parcerias e pesquisar potenciais doadores: investigar empresas de grande porte que podem contribuir com recursos financeiros maiores, entrar em contato com fundações familiares e comunitárias, igrejas e clubes sociais.

III. Organizar bazares quinzenais, utilizando as doações de roupas e acessórios, podendo ampliar para outros produtos.

IV. Planejar eventos com arrecadação de fundos: feira solidária, jantar beneficente, leilão da caridade, festas e espetáculos com concertos musicais e atividades esportivas, apresentações culturais e seminários sobre assuntos relevantes.

V. Realizar o cadastro das famílias que recebem a doação, com a finalidade de organizar o fluxo e planejar a continuidade da oferta dos produtos.

Todas essas estratégias necessitam também de comunicação clara com doadores e total transparência na captação e na utilização dos recursos. A microempresa deve adotar abordagens estratégicas e um planejamento adequado, gerindo os recursos de forma eficiente, monitorando gastos e priorizando as necessidades locais. Desta forma, ela poderá estar preparada para alcançar a sustentabilidade financeira e continuar impactando positivamente a comunidade.

Portanto, o planejamento das ações constitui-se em um fator essencial para o equilíbrio cada vez maior entre a captação de recursos e

as doações. De acordo com Manten e Pridhan (2017, p.12), desenvolver, escrever e vender projetos pode salvar a biodiversidade mundial, que é o foco do material publicado com o auxílio destes autores. Portanto, a microempresa pesquisada pode também organizar projetos e vendê-los, seguindo as propostas desses pesquisadores:

Princípios gerais do desenvolvimento de projectos

- Assegurar que todas as partes interessadas principais estão envolvidas no processo de desenvolvimento do projecto
- Tornar claro o problema que o projecto está a tentar enfrentar
- Assegurar que os objectivos propostos abordarão os problemas identificados de forma realista e viável. (Manten e Pridhan 2017, p.13).

Para complementar, os autores (p.14) insistem na avaliação criteriosa da situação enfrentada, considerando as diferentes análises de todas as partes interessadas: colaboradores, população atendida etc. Esta foi uma das principais estratégias sugeridas à microempreendedora. Assim, acredito que com esta pesquisa possa contribuir com reflexões para a atuação de diferentes atores em espaços microempreendedores, especificamente aqueles que se propõem a colaborar com as questões sociais.

6. Considerações Finais

A pesquisa abordou as estratégias de captação de recursos e doações em uma microempresa social localizada na Brasilândia, visando encontrar maneiras de equilibrar esses dois elementos para melhorar a eficiência da organização em atingir seus propósitos. Para alcançar esse objetivo, foram analisados documentos fornecidos pela microempreendedora, observações feitas na instituição e pesquisas bibliográficas na área da Administração de Empresas.

Os principais objetivos da pesquisa foram identificar as medidas utilizadas pela microempresa para alcançar seus objetivos, observar alguns resultados dessas medidas e propor estratégias inovadoras para equilibrar as doações e a captação de recursos. A metodologia empregada foi qualitativa, envolvendo investigação

documental, observação da dinâmica da instituição e análise dos caminhos percorridos pela microempresa. A pesquisa buscou coletar dados sobre as ações realizadas por ela para obter recursos e produzir alimentos para doações.

No desenvolvimento, foram destacadas as ações da microempresa na Brasilândia, onde ela iniciou a confecção de pães durante a pandemia e, com o apoio da comunidade e doações, expandiu suas atividades para distribuir alimentos, oferecer cursos, terapia em grupo, entre outras ações. A captação de recursos foi apresentada como um desafio para organizações do Terceiro Setor e várias estratégias adotadas pela microempresa foram mencionadas, como parcerias com empresas locais, mobilização da comunidade, recursos online e participação de voluntários.

Os resultados da pesquisa apontaram para a importância da captação de recursos de forma transparente para ampliar o apoio da comunidade e atrair novos doadores. A necessidade de um planejamento criterioso dos recursos foi destacada, especialmente considerando os gastos com serviços e matéria-prima. A pesquisa também identificou desafios enfrentados pela microempresa e propôs estratégias para otimizar sua eficiência, como campanhas de conscientização, busca de novas parcerias, organização de eventos e o cadastro das famílias beneficiadas.

Dessa forma, o trabalho explorou as estratégias de captação de recursos e doações na microempresa social na periferia da cidade de

São Paulo, buscando equilibrar esses elementos para melhorar a eficiência da organização e contribuir para seu crescimento contínuo e obter um impacto positivo na comunidade local.

Referências

ANGNES, Juliane Sachser et al. Captação de Recursos Na Ong "X": uma Experiência Prática Interdisciplinar entre Profissionais Administração e Secretariado Executivo. *Revista de Gestão e Secretariado*, vol II, número 2, julho - dezembro, 2011, pp 5 -32. São Paulo: SINSESP, 2011.

BEZERRA, Juliana. Organização Não Governamental (ONG). Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/organizacao-nao-governamental/>. Acesso em: 19 ago. 2023.

MANTEN, Maaike; PRIDHAM, Caroline .Angariação de Fundos Institucionais para Projectos de Conservação. Nairobi, Kenya: BirdLife International Africa Partnership Secretariat, 2017.

MATOS, Francisco Carlos Dantas; et al. Empreendedorismo Social: captação de recursos nas ONGs X e Y. XXIII SemeAd. Seminários em Administração. ISSN 2177- 3866, novembro de 2020. Universidade do Vale do Itajaí. Disponível em <https://login.semead.com.br/23semead/anais/arquivos/124.pdf>. Acesso em : 19 de agosto de 2023.

PROJETO GETS - UNITED WAY DO CANADÁ. Captação de recursos: da teoria à prática. São Paulo, 2002. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/278570>>. Acesso em: 19 de agosto de 2023.



EM BUSCA DE UMA GESTÃO PÚBLICA ESCOLAR INCLUSIVA PARA O PÚBLICO-ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Ivan Paulo Amorim¹

RESUMO

O presente artigo objetivou explicitar as ações de inclusão dos educandos considerados público-alvo da Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, realizadas por uma escola pública municipal da cidade de São Paulo, considerando os princípios da Gestão Pública: legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência. Foram realizadas observações e feitos registros que, neste texto, dialogaram com as vozes de autores de diferentes áreas do conhecimento, presentes em livros e textos acadêmicos, constituindo-se em uma pesquisa bibliográfica. Após a investigação fundamentada no método científico, de cunho qualitativo, constatou-se que a escola atende aos requisitos essenciais na construção de uma Educação Inclusiva de qualidade, pois atua dentro dos preceitos legais, com eficiência, eficácia e transparência, procurando integrar os atores e protagonistas da ação educativa. Desta forma, essa escola constituiu-se em um referencial significativo para a Educação Pública Municipal.

Palavras-Chave: Administração Pública. Gestão Escolar. Inclusão

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa foi explicitar a importância das ações de escola inclusiva para o aluno que é público-alvo da Educação Especial, sendo que a minha linha de pesquisa foi caracterizada como Inovação e Educação.

O curso de Gestão Pública, do qual sou integrante, está relacionado também com a Gestão de Escolas Públicas. No caso desta pesquisa, a escola pública de Ensino Fundamental está vinculada à administração municipal de São Paulo.

Neste sentido, pesquisei sobre a inclusão da pessoa público-alvo da Educação Especial, investigando os princípios da Gestão Pública que indicassem a construção de uma escola de fato inclusiva. Para isto, realizei observações como integrante desta instituição educacional.

Ao conviver com a comunidade escolar em uma região periférica, identifiquei a necessidade do atendimento de qualidade da educação especializada inclusiva.

A escolha do tema é extremamente relevante, pois tenho participado de encontros e seminários que explicitam as dificuldades enfrentadas pelas escolas para efetivar a inclusão da

1 - Estudante do quarto semestre do curso de Gestão Pública da FAEP e participante do Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, no ano de 2023.

pessoa com deficiência e Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD). Compreendo de forma significativa o contexto geral da problemática, pois, sendo um aluno com deficiência visual (baixa visão), experienciei inúmeras situações desafiadoras para mim e para as escolas que frequentei.

Pretendi observar o que a Gestão Escolar planejou e realizou na perspectiva de alcançar a inclusão do aluno que é Público-Alvo da Educação Especial, considerando os cinco princípios da Gestão Pública estabelecidos na legislação federal. São eles: legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência. Observei também ações e projetos que ampliaram a inclusão destes estudantes, caracterizados por práticas significativas para a comunidade escolar e que constituíram a escola como uma instituição sustentável.

Desta forma, o problema eleito para orientar a pesquisa foi: Quais as ações que a Escola “A” realiza para incluir a pessoa que é público-alvo da Educação Especial, considerando os cinco princípios da Gestão Pública?

Elaborei uma hipótese para esse problema: a escola realiza ações para incluir a pessoa que é público-alvo da Educação Especial, na perspectiva inclusiva, orientando -se pelos cinco princípios da Gestão Pública, por meio de projetos de inclusão e de práticas cotidianas, realizando ações afirmativas e inovadoras.

Para realizar a pesquisa, fiz observações durante e depois do meu período de atividade na escola e as relatei em um “diário de campo”, no qual estão registradas anotações sobre os projetos e ações inclusivas da escola e sobre as intervenções cotidianas do professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE), sendo que as funções desse atendimento estão na legislação municipal, no Capítulo III do Decreto 57.379/2016:

[...]§ 1º O AEE terá como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras existentes no processo de escolarização e desenvolvimento dos educandos e educandas, considerando as suas necessidades específicas e assegurando a sua participação plena e efetiva nas atividades escolares. (São Paulo, 2016).

Para apoiar a minha pesquisa realizei estudo da bibliografia relacionada à Gestão Pública, Gestão Escolar e Inclusão, buscando suporte na legislação vigente, considerando que a Constituição Federal de 1988 já indica que as pessoas com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento são sujeitas de direito, realizando uma verdadeira revolução para a Educação Especial, que passa a ser concebida no bojo da Educação Inclusiva. Mais recentemente a Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva, determinou as diretrizes para atender as concepções que sustentam o enfoque inclusivo:

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais, garantindo:

- Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior;
- Atendimento educacional especializado;
- Continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino;
- Formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar;
- Participação da família e da comunidade;
- Acessibilidade urba-

nística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação; e • Articulação intersetorial na implementação das políticas públicas. (Brasil, 2008)

2. OBJETIVOS

Os objetivos traçados para orientar a pesquisa foram:

Objetivo Geral: Investigar as ações inclusivas realizadas por uma escola pública municipal, considerando os cinco princípios da Gestão Pública e as práticas e projetos para a inclusão dos educandos que são público-alvo da Educação Especial.

Objetivos Específicos: a) Pesquisar autores que escreveram sobre gestão pública, gestão escolar e inclusão, para apoiarem os argumentos apontados; b) Buscar suporte legal na legislação vigente; c) Observar as ações em geral e as formas de convivência realizadas pela escola pública, considerando a perspectiva humanizadora.

3. METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, com investigação em um referencial teórico, com recorte humanizador e emancipatório, obtido pela leitura de material bibliográfico relacionado à Gestão Pública, Gestão Escolar e Inclusão da pessoa considerada público-alvo da Educação Especial, na perspectiva inclusiva. Ao estudar textos acadêmicos e livros sobre o tema em questão, estabeleci um diálogo com as observações feitas no cotidiano escolar, como integrante da escola pública pesquisada.

4. DESENVOLVIMENTO

5.1. Gestão Pública

Ao iniciar o relato da pesquisa, torna-se essencial destacar o conceito da Administração Pública e os princípios que orientam as ações de gestores dos diferentes setores: educação, saúde, moradia, trabalho, transporte e outros serviços. A Gestão Pública trabalha com questões de interesse público, oferecendo atendimento de qualidade para aqueles que não querem ou não podem buscar serviços no setor privado, que exige uma relação financeira, com custos para o usuário. Desta forma, a ação do poder público pretende reduzir a desigualdade social.

A Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), no Artigo 37 e a Emenda Constitucional nº 19 (Brasil, 1998) estabeleceram os princípios da administração pública: "A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência. " Esses princípios devem ser seguidos em todos os serviços públicos, pois objetivam assegurar a qualidade no atendimento à população.

Cabe explicitar o conceito de cada um desses princípios, com a finalidade de facilitar a análise do trabalho da escola em questão (Prestes, 2014): 1. Legalidade: agir de acordo com preceitos legais, fazer o que a lei permite; 2. Impessoalidade: lutar pelo interesse público e não privado, sem privilégios e perseguições; 3) Moralidade: finalidade bem definida, dentro da lei e buscando o bem da coletividade; 4. Publicidade: todos devem saber o que acontece na política pública, fiscalizar e controlar; 5. Eficiência: melhor resultado com uso racional dos recursos.

Portanto, no caso da inclusão da pessoa que é público-alvo da Educação Especial, na perspectiva inclusiva, deve-se seguir a legislação vigente - princípio da legalidade e os gestores devem buscar a impessoalidade, a eficiência,

a moralidade e a publicidade ou transparência no atendimento às crianças e adolescentes que fazem parte desse público.

5.2. Gestão Escolar

Para o professor Vitor Henrique Paro (2002), a educação tem um caráter intrinsecamente político e democrático, pois refere-se às aprendizagens pela interação entre sujeitos com diferenças e relações de poder, que só podem ser democráticas. Ele afirma:

[...]pode-se considerar a educação como intrinsecamente política numa dupla dimensão: por um lado, é por meio da educação, entendida como atualização histórico-cultural, que o homem se constrói em sua historicidade (historicidade esta que traz inclusa a dimensão política); por outro lado, a educação, fundada na aceitação do outro como legítimo sujeito, apresenta-se como a realização da convivência pacífica e cooperativa que nega a dominação e labora em favor da democracia. (Paro, 2002, p.17)

Para esse autor (2012, p. 25), gestão e administração são utilizadas como sinônimos e referem-se à utilização racional dos recursos materiais e conceituais para a realização de fins determinados, que no caso da educação é sempre pedagógico: atualização histórico-cultural, formação da personalidade e desenvolvimento das potencialidades. Portanto, o educando é essencialmente o fim da educação. Ele afirma que: “Considerar o homem como fim implica tê-lo como sujeito e não como objeto no processo em que se busca a realização dos objetivos.” (p.33)

Neste sentido, a educação é essencialmente democrática e inclusiva, o que exige da gestão escolar uma organização adequada para trabalhar com todos os educandos, aproveitando as

suas diferenças para a constituição do sujeito histórico pelo “esforço humano coletivo” (p.31)

5.3. Inclusão

Diferentemente do termo integração, que era usado anteriormente, a palavra inclusão na Educação Especial, aqui tratada, refere-se às mudanças radicais e enfrentamento dos desafios diários, flexibilizando o currículo, implementando recursos tecnológicos, organizando ambientes quanto ao mobiliário e à iluminação, fazendo ajustes nos planejamentos dos professores. Essas transformações são necessárias para garantir a aprendizagem e proteger os educandos, ampliando a participação de todos em um ambiente inclusivo, de acordo com suas necessidade e possibilidades educacionais, o que exige a formação dos profissionais envolvidos e a compreensão de que a educação inclusiva atende a uma concepção democrática e igualitária (Chequim, 2018). Portanto,

[...]a educação especial na perspectiva da educação inclusiva é reposicionada como atendimento educacional especializado, focalizando o trabalho do professor a partir da disponibilização de recursos e materiais adaptados, de forma que o aluno incluído acompanhe o ensino regular com base nas suas necessidades e possibilidades educacionais (Chequim, 2018, p. 13).

5.4. Observações de educandos da escola são considerados alunos público-alvo da Educação Especial

A escola observada atende aproximadamente quinhentos estudantes do Ensino Fundamental da região Noroeste/Pirituba. Desses estudantes, dezessete possuem laudo médico que atesta alguma deficiência ou transtorno global do desenvolvimento. São autistas, deficientes

visuais e deficientes intelectuais espalhados pelos diferentes anos da segunda etapa da Educação Básica. A escola realiza a matrícula, sem restrições e processos seletivos, com os alunos considerados Público-alvo da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.

Na escola, pude observar um aluno autista que foi trazido pelos pais e entregue à Assistente de Vida Escolar (AVE). Neste momento, ele fez um gesto de rejeição à entrada na escola e se jogou no chão. Para ele se levantar e entrar em sala de aula, os funcionários presentes, inicialmente o Auxiliar Técnico de Educação (ATÉ) e a AVE, cantam e ele aceita participar do trabalho pedagógico. Na hora do lanche, a AVE (Auxiliar de Vida Escola) assiste esse educando em sua alimentação. Essas ações demonstram um planejamento estruturado entre a gestão e o quadro de profissionais de apoio, para possibilitar a inclusão verdadeira do aluno. A legislação municipal define AVE e aponta suas funções:

[...] I - Auxiliar de Vida Escolar - AVE: profissional com formação em nível médio, contratado por empresa conveniada com a Secretaria Municipal de Educação, para oferecer suporte intensivo aos educandos e educandas com deficiência e TGD que não tenham autonomia para as atividades de alimentação, higiene e locomoção. (São Paulo, 2016).

A escola possui uma sala Multifuncional e a professora de AEE (Atendimento Educacional Especializado) que, juntamente com sua estagiária, estudante do curso de Pedagogia, exerce atividades integradas ao planejamento da escola como um todo, pois realiza uma atuação conjunta com o corpo gestor, docentes e o quadro de profissionais de apoio da gestão. Em observação feita na escola, notei que a estagiária da sala Multifuncional realiza também um trabalho junto ao Professor de Projeto de

Apoio Pedagógico (PAP), que auxilia na recuperação de aprendizagens, sob a supervisão da coordenação, da professora responsável pela sala de recursos e dos professores regentes, realizando atividades complementares para alunos de educação inclusiva e para outros alunos que precisam de apoio para suas aprendizagens. Todos os trabalhos têm como foco principal respeitar as particularidades de cada um deles, ou seja, cada um irá evoluir gradativamente à sua maneira. O trabalho da estagiária se resume em auxiliar na proposta adaptada pelo professor da disciplina correspondente e assim fazer com que os alunos possam efetivar as atividades de maneira natural.

A atuação do professor de PAP visa garantir resultados efetivos na melhoria do desempenho escolar por meio de estratégias didáticas atrativas e interativas que contribuam para o engajamento e autonomia dos estudantes que precisam de mais tempo para aprender a ler, escrever e resolver problemas (São Paulo, 2019).

As especificidades e particularidades dos alunos público-alvo da Educação Especial são consideradas e eles acessam os recursos para concretizar a aprendizagem por meio do uso de equipamentos e materiais disponibilizados na sala Multifuncional, no turno e contraturno em que estudam e contam com a ajuda do professor do AEE e do PAP.

Cabe destacar que as estagiárias do CEFAL (Centro de Formação e Apoio à Inclusão) acompanham os educandos citados em suas respectivas salas e apoiam as atividades pedagógicas, integradas com o professor da sala e o professor do AEE.

No pátio, no horário do recreio, o aluno X aproxima-se do Inspetor de Aluno (função ocupada por mim) e diz “McDonald’s traz para você a big refeição”. Considerei a fala significativa

e comuniquei aos gestores que iriam refletir formas de utilizar essa fala para realizar discussões sobre currículo nas reuniões pedagógicas, demonstrando flexibilidade curricular ao considerar a escuta atenta de todos os trabalhadores da escola.

Todas as ações integradas para apoiar e proteger os direitos fundamentais do educando público-alvo da Educação Especial são planejadas coletivamente e divulgadas para todos os integrantes da comunidade educativa (trabalhadores da educação e famílias).

5. RESULTADOS

Após os estudos realizados e as observações feitas na escola, pude refletir sobre a resposta para o problema que orientou a pesquisa: Quais as ações que a Escola "A" realiza para incluir a pessoa que é público-alvo da Educação Especial, considerando os cinco princípios da Gestão Pública?

A escola realiza ações de inclusão planejadas, envolvendo todos os atores e protagonistas da ação educativa, desde o primeiro contato do estudante e da família no momento de matrícula, as práticas pedagógicas dentro e fora da sala de aula, os horários de intervalo, os espaços do AEE e do PAP, até o momento da saída e orientação para os responsáveis pelo transporte escolar.

Ao considerar os cinco princípios da Administração ou Gestão Pública e a inclusão dos educandos público-alvo da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, foi possível elaborar as seguintes ponderações:

a) Quanto ao princípio da legalidade, a escola cumpre o seu papel e aplica devidamente o que lhe compete diante da legislação vigente: realiza matrículas sem restrições, incluindo todos os educandos público-alvo da Educação Especial e atendendo as exigências legais de sua

inclusão, ao procurar avaliar as possibilidades dos educandos, acompanhá-los e intervir para desenvolver todas as suas potencialidades;

b) Quanto ao princípio da impessoalidade, a escola procura atender o interesse público da inclusão, proporcionando a inserção destes educandos em todas as atividades desenvolvidas pela escola, mudando suas práticas pedagógicas e organizando planos de ação para que todos participem das atividades propostas.

c) Quanto ao princípio da moralidade, a escola tem objetivos claros, dentro da legalidade, atendendo as necessidades de todos os alunos para o benefício da coletividade, pois acredita que com a inclusão desses estudantes todos são favorecidos.

d) Quanto ao princípio da publicidade, a escola utiliza as verbas recebidas e as oportunidades oferecidas pela gestão municipal para possibilitar a inclusão dos educandos público-alvo da Educação Especial. Estes processos de ações propositivas e utilização das verbas são discutidos e planejados com o Conselho de Escola, a Associação de Pais e Mestres e o Grêmio Estudantil.

e) Quanto ao princípio da eficiência, a escola respeita os direitos do educando, realizando ações de inclusão, tanto nos espaços fora da sala de aula, como nos ambientes de aprendizagem: com o professor de classe e com o professor do Atendimento Educação Especializada. O ponto mais significativo dessa eficiência são os processos de integração dos diferentes profissionais da escola: docentes, gestão, trabalhadores de apoio a educação que atuam nos intervalos, na entrada e na saída dos estudantes, no transporte escolar, bem como na circulação dos educandos. As ações são sincronizadas, pois todos atuam de acordo com a concepção de inclusão defendida pela escola. Além disso, os materiais e equipamentos

disponibilizados, bem como a formação dos profissionais na escola procuram concretizar a concepção de uma educação inclusiva que atenda às necessidades dos educandos e potencializa as possibilidades de cada um.

Portanto, essa escola de Ensino Fundamental cumpre todos os princípios da Gestão Pública, sendo que as ações se realizam de forma politicamente democrática e coletiva, buscando fins pedagógicos para todos os educandos, de tal forma que seja garantida a atualização histórico-cultural e a formação de toda a comunidade educativa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi fundamentado em pesquisas bibliográficas e observações na escola na qual trabalho e foi possível acompanhar e observar todas as ações desenvolvidas em busca da inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. O objetivo foi investigar as ações afirmativas da escola que visaram o desenvolvimento cotidiano laboral de todos os integrantes do espaço educativo. A partir daí, foram feitos registros e análises das observações, explicitando que a escola respeita todos os princípios da Gestão Pública em uma Administração Pública Escolar, como também os aspectos fundamentais da inclusão e da sustentabilidade das organizações.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Brasília, DF, 1988. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso: 26 de agosto de 2023

BRASIL. Emenda constitucional nº 19, de 04 de junho de 1998. Brasília, DF, 1998. Disponível

em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso: 26 de agosto de 2023

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Decreto nº 6949 de 25 de agosto de 2009. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm Acesso em 16 de julho de 2023.

CHEQUIM, Caroline Corrêa Fortes et al. Educação Inclusiva. Porto Alegre: SAGAH, 2018.

PARO, Vitor Henrique. Implicações do caráter político da educação para a administração da escola pública. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.2, p. 11-23, jul./dez. 2002.

PARO, Vitor Henrique. Administração Escolar: introdução crítica. 17ªed. São Paulo: Cortez, 2012 .

SÃO PAULO, PMSP. Secretaria Municipal de Educação. Decreto nº 57.379, de 13 de outubro de 2016. Institui, no âmbito da Secretaria Municipal de Educação, a Política Paulistana de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva. São Paulo: PMSP/SME, 2016. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-57379-de-13-de-outubro-de-2016..> Acesso em 24 de agosto de 2023

PMSP. Secretaria Municipal de Educação. Educação Especial. Projeto de Apoio Pedagógico – PAP. São Paulo: SME, 2019. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/educacao-especial/> Acesso em 26 de agosto de 2023

PRESTES, Bibiana. Rabaioli. Administração pública: um breve histórico. Juris Way, 10 set. 2014. Disponível em: https://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=12343. Acesso em: 03 de agosto de 2023.



A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DO ELEMENTO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL, DE 0 A 3 ANOS

Leila Vaz Luz¹

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo explorar a importância da atuação dos profissionais do sexo masculino na educação infantil de 0 a 3 anos, considerando os impactos da presença do professor de educação infantil na dinâmica de experiências vivenciadas pelas crianças pequenas e bem pequenininhas. A pesquisa foi realizada a partir de revisões bibliográficas e de observações em instituições de educação infantil, nos momentos do estágio supervisionado do curso de graduação, e relatadas pela pesquisadora neste texto, considerando o tema tratado. Apurou-se que existe um ideário na sociedade em geral e nas escolas de que as mulheres devem ser professoras de Educação Infantil e os elementos masculinos devem ser evitados nestes espaços, porém em algumas escolas e na visão dos pesquisadores a presença de professores na educação da primeira infância constitui-se em uma experiência importante na construção das masculinidades e feminilidades de meninos e meninas.

Palavras-chave: Educação Infantil. Gênero. Educadores do sexo masculino.

1. Introdução

Este trabalho objetivou contribuir com uma produção escrita e compartilhada que possibilitasse ampliar o entendimento sobre a importância da presença masculina na área da pedagogia, impulsionando novos olhares para uma forma de diversidade que enriquece a experiência educacional e o trabalho pedagógico, ampliando um tema escasso na literatura acadêmica brasileira. Portanto, foi realizada uma revisão bibliográfica dos artigos que se referem à temática abordada, visando: contextualizar os desafios e oportunidades vivenciados pelos profissionais de educação masculinos em ambientes de educação infantil, destacando como sua presença pode potencializar as práticas pedagógicas de diferentes formas no ambiente educacional e contribuir para o desenvolvimento das crianças. Pretendeu apresentar casos de sucesso sobre a participação masculina nesses ambientes, a partir de observação qualificada.

Desta forma, o problema escolhido para possibilitar a organização dos caminhos da pesquisa foi: qual a importância da participação do elemento masculino na Educação Infantil de 0 a 3 anos?

1 - Estudante do oitavo semestre do curso de Pedagogia da FAEP e participante do Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, no ano de 2023.

A hipótese possível para responder a esse problema foi apontada como: a presença do homem na educação infantil, com crianças de 0 a 3 anos, é essencial pela diversidade de convivência com inúmeras formas de se relacionar, de conhecer, de ser e estar no mundo, porém os profissionais do sexo masculino que estão presentes na Educação Infantil encontram muitos desafios, que podem conviver com inúmeras oportunidades abordadas neste texto.

Para desenvolver esta pesquisa, contei prioritariamente com a contribuição de estudos realizados pelo educador Peterson Rigato da Silva, diretor de uma Escola Municipal de educação infantil na cidade de Piracicaba-SP. Ele é Militante do Fórum Paulista de Educação Infantil (FPEI) e Doutor em educação pela UNESP. Esse autor estudou em diferentes espaços e tempos as questões de gênero na educação infantil, especialmente a presença de elemento masculino na docência das crianças pequenas e bem pequeninhas.

Assim, mesmo estudando o referencial citado de forma prioritária, busquei outros autores que refletiram sobre o tema ou sobre assuntos relacionados, como Roseli Sayão, Daniela Finco e outros.

Esses diferentes autores discutem que:

A presença masculina aparece como um elemento de estranhamento em um local de educação ocupado predominantemente por mulheres, uma profissão que nasce feminina e que apresenta em seu bojo essências, características, ainda ditas “biológicas” da mulher. Não encontramos nenhuma pesquisa que tenha mostrado uma forma específica de docência masculina em creches e pré-escolas. (Silva et al, 2020, p.16)

Portanto, com a certeza da relevância desta temática, destaco que foi feito um recorte no

material pesquisado, considerando o que pudesse dialogar com as minhas observações e experiências vividas nas instituições de educação Infantil, nos momentos de estágio supervisionado, relativos ao curso de Pedagogia.

2. Objetivos da pesquisa

Objetivo geral: Compreender a importância da presença de educadores do sexo masculino na educação infantil de 0 a 3 anos. Objetivos específicos: a) Apontar os desafios e oportunidades enfrentados pelos educadores do sexo masculino na educação infantil; b) Identificar aspectos importantes de figuras masculinas no desenvolvimento emocional e social das crianças; c) Investigar casos de sucesso de educadores masculinos na educação infantil.

3. – Metodologia

Foi realizada uma revisão da literatura, por meio de pesquisas bibliográficas em livros, artigos científicos, teses, dissertações para identificar estudos prévios sobre o tema. Dada a relevância e o impacto social do tema, foi incluída a literatura cinzenta, tais como artigos não científicos e apresentações de especialistas. Foram aplicadas análises teóricas e temáticas para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa. Para dialogar com o referencial teórico foram relatadas e analisadas observações em instituições de educação infantil, no estágio supervisionado. O diálogo entre teoria e prática foi possível ao entrelaçar os estudos de referenciais teóricos e práticos e as experiências vivenciadas nessas instituições que explicitaram as relações entre seus integrantes, quando existe a presença de um professor do sexo masculino.

4. – Desenvolvimento

A educação infantil é uma etapa crucial no desenvolvimento das crianças, pois é nesse perí-

odo que se possibilita de forma intensa as relações com o meio físico e humano, por meio de experiências proporcionadas em diferentes espaços e tempo pelos profissionais da educação infantil. Essas experiências diferenciadas possibilitam a construção da cognição e os primeiros movimentos de formação da personalidade. Tradicionalmente, a presença feminina tem sido predominante nesse ambiente nos processos cotidianos de cuidar e educar, entretanto não se encontra o elemento masculino na maioria das instituições de educação infantil. Surge, então, uma importante indagação: qual a importância da participação do elemento masculino na Educação Infantil de 0 a 3 anos?

Para caminhar em direção às respostas para essa indagação, uma retomada histórica torna-se necessária:

A história da Educação Infantil é marcada pela persistente luta das mulheres em busca de creches para seus filhos e para o próprio emprego, apesar de receberem menores salários. Desde os primórdios do século XX, as mulheres têm sido fundamentais na prestação de cuidados e educação às crianças pequenas, muitas vezes assumindo papéis de professoras em creches e pré-escolas. No entanto, essa dedicação não foi acompanhada por reconhecimento salarial adequado e condições de trabalho justas, resultando em uma contínua batalha por melhores condições de emprego e a garantia de creches como um direito essencial para a equidade de gênero no mundo do trabalho. Essa busca incansável tem sido uma parte crucial da evolução da Educação Infantil e da luta pela igualdade de oportunidades para as mulheres, visando um futuro mais justo e igualitário.

Durante grande parte dessa história predominou a ideia de que bastava ser mulher para ser aceita como “professora” de crianças pequenas e bebês, baseando-se em percepções ligadas a características biológicas e funções

atribuídas culturalmente às mulheres. A sociedade, de maneira geral, via a maternidade como uma espécie de pré-requisito natural para o cuidado e a educação das crianças pequenas, perpetuando a visão de que as mulheres possuíam uma afinidade inata para essa tarefa. Essa concepção, embora tenha aberto algumas oportunidades de trabalho para as mulheres, também reforçou estereótipos de gênero e desvalorizou a importância do conhecimento e da formação específica necessária para lidar com o desenvolvimento e aprendizado infantil. Felizmente, ao longo do tempo, houve um progresso significativo na compreensão de que a atuação profissional na educação infantil requer habilidades, competências e formação adequadas, independentemente do gênero, contribuindo para uma valorização mais justa e respeitosa do trabalho com crianças pequenas, contribuindo para a conscientização sobre a relevância da diversificação do corpo docente na fase inicial de formação educacional. (Finco,2011, p.56).

Desta forma, constatou-se que a presença de educadores do sexo masculino pode trazer uma série de benefícios para as crianças, permitindo uma ampliação de perspectivas, quebra de estereótipos de gênero e um ambiente mais equilibrado em termos de representatividade. Além de influenciar positivamente as relações interpessoais entre os profissionais e os pais, bem como as percepções dos estudantes sobre papéis de gênero e equidade. Segundo Silva (2014, p.14) “o envolvimento entre o professor e as famílias é intenso e a participação faz parte das estratégias do trabalho com os meninos pequenos e as meninas pequenas.” Isso pode envolver uma análise do impacto dos modelos de referência masculina na vida das crianças e a construção de relacionamentos saudáveis e igualitários.

4.1. Os desafios da presença do elemento masculino na Educação Infantil – 0 a 3 anos

Associado a um estigma social, os professores masculinos enfrentam diversos desafios ao trabalharem na educação infantil de 0 a 3 anos, incluindo o preconceito e a discriminação por escolherem essa profissão, pois há uma

percepção equivocada de que esse trabalho é mais adequado para mulheres. De acordo com Sayão (2005), em sua tese de doutorado, “gênero é uma construção que se dá ao longo da vida.” A autora afirma ainda que é “em diferentes instituições e práticas sociais que nos constituímos como homens e mulheres num processo que nunca se finaliza ou se completa.”

Outro desafio que o elemento masculino que trabalha com crianças bem pequenas enfrenta é a desconfiança dos pais que, muitas das vezes, se sentem desconfortáveis com a presença de homens cuidando de seus filhos pequenos, isso pode surgir devido às preocupações relacionadas à segurança ou à ideia de que apenas as mulheres são capazes de fornecer cuidados adequados nessa faixa etária. Conforme a dissertação de Silva (2014, p.09):

Tal relação é colocada como um mecanismo de reprodução das desigualdades de gênero e o fato de haver docentes do sexo masculino na educação infantil causa estranhamento e gera uma atenção redobrada, a qual incide, principalmente, em algumas funções executadas pelos professores, como os cuidados com o corpo.

Alguns homens podem também enfrentar dificuldades emocionais ao lidar com estereótipos de masculinidade e expressão emocional, sentindo-se pressionados a reprimir suas emoções ou adotar uma abordagem mais rígida, podendo entrar em conflito com a sensibilidade e a abertura emocional necessárias ao lidar com crianças pequenas.

Os professores homens também podem duvidar de suas habilidades e competências em trabalhar com crianças pequenas, prejudicando sua confiança e afetando sua motivação e satisfação no trabalho. Em um encontro realizado no canal do Youtube em 2021, com Bernardo Ribeiro, Luciano Silva e Alex Oliveira, foram contadas experiências de profissionais da educação masculinos, que relataram seus medos, problemas e preconceitos vividos, tais como: a desconfiança, o receio de serem mal interpretados ou suspeitos associados a homens, a resistência de algumas famílias que questionam a sua capacidade de cuidar e educar, a falta de representatividade masculina nos espaços de formação e discussão da educação infantil, gerando sentimentos de isolamento e exclusão.

Com alguns desses aspectos abordados, torna-se importante reconhecer e superar esses desafios, com o intuito de promover uma igualdade de gênero e valorizar o trabalho dos homens na educação infantil.

4.2. Aspectos importantes da participação masculina na educação de crianças bem pequenininhas em instituições educativas

É fundamental desafiar e dismantelar os estereótipos que associam determinadas profissões, como a educação infantil, apenas às mulheres. É importante que os ambientes educacionais sejam inclusivos e acolhedores para homens que desejem trabalhar com crianças pequenas. Conforme Silva (2014, p.16), a diversidade de profissionais enriquece o ambiente educacional e proporciona às crianças uma visão mais ampla e inclusiva do mundo.

[...] a complexa relação dos professores do sexo masculino nos espaços da educação infantil permite pensar em uma educação para a pequena infância, na qual homens, mulheres e as crianças pequenas aprendam no coletivo que as di-

ferenças entre os sexos estão presentes e que ao serem afirmadas não se transformem em desigualdades, pelo contrário, que se criem formas de eliminação de hierarquias de gênero. (Silva, 2014, p.16)

Outro aspecto importante é incluir a criação de práticas que promovam a diversidade de gênero na contratação de educadores e garantam a igualdade de oportunidades para todos os profissionais. Para que se promova um ambiente inclusivo e equitativo é necessário um esforço contínuo e colaborativo de toda a sociedade, sendo assim, é preciso envolver as famílias e responsáveis no processo educacional, mostrando a importância da presença masculina na educação infantil. Com uma comunicação aberta e transparente, pode-se fornecer informações sobre a importância do envolvimento dos homens no cuidado e na educação das crianças pequenas, para que a comunidade educativa considere o trabalho dos homens na educação infantil, reconhecendo o impacto positivo que têm nas vidas das crianças e contribuindo para uma conscientização do trabalho masculino nessa área.

O papel dos homens na educação infantil é essencial para proporcionar um ambiente completo e abrangente para as crianças. Ao garantir oportunidades iguais para educadores de ambos os gêneros, molda-se uma sociedade mais justa, em que todos os profissionais poderão contribuir significativamente para o desenvolvimento das futuras gerações. (Silva, 2021).

A presença masculina desde cedo na educação infantil é fundamental para que nossas crianças aprendam desde cedo sobre a importância da igualdade e do respeito mútuo. (Silva, 2021).

4.3. Casos de processos transformadores e resultados emancipatórios com a presença de

educadores masculinos na educação infantil

A presença de educadores masculinos na educação infantil tem se mostrado um processo transformador, resultando em avanços significativos. Ao quebrar estereótipos de gênero arraigados na sociedade, esses educadores têm contribuído para uma visão mais ampla e inclusiva dos papéis de cuidado e educação infantil, permitindo o desenvolvimento das relações diversificadas e saudáveis, abrangendo diferentes perspectivas e formas de ensino.

No Brasil, o projeto Meninos de Rosa é uma iniciativa brasileira que promove a valorização dos profissionais do sexo masculino na educação infantil. Eles oferecem cursos e capacitações para homens interessados em trabalhar nessa área, buscando desafiar estereótipos de gênero e promover a igualdade. O projeto tem alcançado sucesso ao atrair e formar mais homens para atuarem na educação infantil.

Nos estágios realizados, observei um professor homem em uma escola particular de Educação Infantil, que trabalha com crianças de 3 e 4 anos e que, embora demonstre ter experiência no trabalho com crianças pequenas e explicitar concepções provenientes das abordagens socioconstrutivista e aquelas defendidas na cidade italiana - Reggio Emilia, observei que o fato dele, sendo homem, ter ingressado nessa área tem exigido o enfrentamento do preconceito de um imaginário patriarcal que perpetua a ideia de que o cuidado com crianças é tarefa das mulheres. Entretanto, a escola observada estabelece uma relação próxima com as famílias e rompe com a prática educacional tradicional. Acredito que a gestão dessa instituição é fundamental para que ele e outros homens possam atuar na educação infantil, caracterizando-a como inclusiva e não seletiva. Considero que tenha sido acolhido e apoiado pela gestão, que compreendeu a importância de ter uma figura masculina na vida das crianças, ensinando e cuidando. Apesar dos desafios em

busca de novas oportunidades, o prazer de ser professor nesse ambiente me pareceu indescritível, especialmente quando realiza os trabalhos e se conecta com os meninos e meninas, criando laços acolhedores e carinhosos, sendo valorizado pelas famílias que buscam romper com o tradicionalismo na educação infantil.

Analisei um artigo elaborado por um coordenador do gênero masculino (Barbosa e Micael, 2023), que trabalha em uma escola pública de Educação Infantil. Em seu texto, ele reflete sobre as questões de gênero e aborda as relações sobre a importância de romper com os preconceitos e estereótipos. Ele destaca no texto que a educação deve ser baseada em diálogo, respeito e igualdade e não deve reforçar padrões limitantes de comportamento e expectativas de gênero. Na unidade em que trabalha, ele enfatiza que a prática pedagógica deve ser coerente com os valores de respeito à diversidade, o protagonismo das crianças e a desconstrução de ideias preconceituosas. Além disso, ressalta a necessidade de formação contínua dos educadores e a constante reflexão sobre suas práticas para a criação de ambientes inclusivos e acolhedores para todas as crianças, independente do seu gênero.

5. – Resultados

Nesta pesquisa, foi possível verificar a complexidade das docências quando se tem homens atuando na educação de crianças pequenas em creches, ressaltando que a presença masculina nessas instituições pode ser vista como um elemento de estranhamento, não rompendo com a ideia de uma única masculinidade ou feminilidade, uma vez que a educação infantil é predominantemente ocupada por mulheres. As contribuições do elemento masculino são abordadas indiretamente, enfocando mais a discussão sobre a interseção entre gênero e outras dimensões sociais, como raça, classe e sexualidade, podendo problematizar modelos hegemônicos de masculinidade e possibilitar

a desconstrução de visões binárias de identidade de gênero.

A análise de casos de sucesso, como o projeto Meninos de Rosa, demonstrou que a promoção da presença masculina na Educação infantil pode ser realizada por meio de ações concretas, como capacitações e sensibilização da sociedade. Essas iniciativas contribuem para a desconstrução de barreiras e para a construção de uma visão mais ampla sobre o papel dos educadores masculinos nesse contexto.

A formação das educadoras e educadores se destaca como uma questão importante para a consolidação da pedagogia da educação infantil e das diferenças de gênero, buscando respeitar os direitos das crianças pequenas e assim promover o aprimoramento profissional das pessoas que atuam nessa área. É importante reconhecer e valorizar as diferentes masculinidades e feminilidades presentes no contexto educacional, buscando uma abordagem mais inclusiva e igualitária na educação das crianças pequenas.

Assim, os desafios enfrentados por educadores masculinos nessa área são notórios, incluindo o preconceito, a desconfiança por parte dos pais e a necessidade de lidar com normas e estereótipos de masculinidade. No entanto, esses desafios não devem ser vistos como obstáculos intransponíveis, mas sim como oportunidades de conscientização e mudança. A desconstrução desses estereótipos possibilita uma Educação Infantil que respeita o direito das crianças.

6. – Considerações Finais

Este estudo buscou identificar os benefícios da presença dos educadores masculinos, entender os desafios enfrentados por estes profissionais e destacar casos de sucessos que demonstram a transformação positiva que eles podem trazer para o ambiente educacional. Ao

reconhecer a relevância dessa temática, este trabalho contribuiu para uma reflexão sobre o papel do elemento masculino na formação das futuras gerações. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar desafios, oportunidades e aspectos relevantes relacionados a essa presença, além de analisar casos de sucesso que evidenciam o impacto positivo da participação de educadores do sexo masculino nesse ambiente.

A revisão bibliográfica realizada permitiu compreender a complexidade da inserção masculina na Educação Infantil, em meio a um cenário historicamente dominado por mulheres. Ficou evidente que a presença masculina pode ser vista como um elemento de estranhamento, mas ao mesmo tempo, pode desempenhar um papel crucial na diversificação das perspectivas, na quebra de estereótipos de gênero e no enriquecimento da experiência educacional das crianças.

A pesquisa também destacou a importância da formação dos educadores, independentemente do gênero, visando uma educação mais justa e respeitosa no trabalho com criança, promovendo uma compreensão mais profunda da necessidade de habilidades, competências e formação adequada para lidar com o desenvolvimento e aprendizado infantil.

Portanto, este trabalho ressalta a importância da presença masculina na Educação Infantil para promover uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade. A valorização do conhecimento, a formação adequada e a quebra de estereótipos, bem como a conscientização da sociedade, são passos essenciais para criar um ambiente educacional que proporcione o pleno desenvolvimento das crianças, considerando a diversidade de experiências e perspectivas.

Referências

BARBOSA, Célio Jafer Lima; MICAEL, Gabriela Rodrigues. Diálogo sobre gêneros e estereótipos na Educação Infantil. Monografia apresentada para conclusão de Curso de Pós – Graduação em Educação Infantil, 2023.

FINCO, Daniela; Oliveira, Fabiana. A sociologia da pequena infância e a diversidade de gênero e de raça nas instituições de Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de e FINCO, Daniela (Org..). Sociologia da infância no Brasil. Campinas-SP: Autores Associados, 2011, p.55 – 80).

RIBEIRO, Bernardo Mendes e outros. FALA PROFESSOR@! - Professores homens na Educação Infantil: um debate urgente – Youtube 21/05/2021. disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nH-3D0pOKhbA>>. Acesso em: 03 julho 2023.

SAYÃO, D. T. Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creches. 2005. 274f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, P. R. Não sou tio, nem pai, sou professor! A docência masculina na educação infantil. 2014. 222f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SILVA, Peterson Rigato da; FINCO, Daniela e SILVA, Tássio José. Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado da arte. Núcleo de Estudos de Gênero: Caderno Pagu (58). Campinas – SP: UNICAMP, 2020

SILVA, Peterson Rigato da. Conversa de portão: Homens na Ed. Infantil: Um debate urgente! - YouTube, 01/04/21. disponível em link: <<https://www.youtube.com/watch?v=FDm-tPYaFmiM>>. Acesso em: 03 julho 2023.



O ENCARCERAMENTO DE MULHERES: POR AMOR OU PELA DOR? UM OLHAR FEMINISTA

Joyce de Oliveira¹

RESUMO

Estudos recentes apontam uma crescente taxa em relação ao encarceramento e situações drásticas em relação à mulher encarcerada, e as ocorrências muitas vezes implacáveis na vida extramuros, levando essas mulheres a uma “pena de morte” em vida. Lança-se o olhar quanto às múltiplas violências na vida e no cárcere. O peso da desigualdade de gênero que acompanha mulheres ao longo da vida. É notório que o feminino encarcerado passa a colher o gosto amargo do abandono e das dores dilacerantes do cárcere, efetivando-se a violência estatal que se apresenta e impõe à dignidade humana comandando o monopólio da violência quando prende mulheres em prisões feitas para homens, quando passa a inviabilizar e/ou dificulta, por exemplo, as visitas no cárcere, quando nega os produtos de necessidades básicas de higiene íntima, afetando diretamente os direitos humanos. Corolário a isso propõe apontar a vulnerabilidade, invisibilidade e preconceito em relação a essas mulheres no cárcere, bem como a discriminação presente em relação a elas, a

influência do feminismo em relação a este público, e impacto que o movimento feminista causa na vida destas mulheres encarceradas. Estatísticas apontam que o Brasil é o 3º país com o maior número de mulheres privadas de liberdade, sendo aproximadamente 42.694. Esta pesquisa trata-se de um trabalho com caráter qualitativo e tendo por base a metodologia bibliográfica. Objetivando maior aproximação das histórias de vida aqui traçadas.

Palavras-chave: Encarceramento. Mulheres. Direitos Sociais.

1. INTRODUÇÃO

A prisão se torna um meio de fazer com que as pessoas desapareçam, sob a falsa promessa de que também desaparecerão os problemas que elas representam (Angela Davis).

Refletir a mulher no extremo de sua privação decorre da minha condição de mulher, estudante e futura profissional do Serviço Social.

1 - Estudante do quarto semestre do curso de Serviço Social da FAEP e participante do Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, no ano de 2023.

Assim, partindo desta perspectiva lanço-me a observar e com isso indignar-me levando aos fundamentos para a problematização do sistema patriarcal, sistema que insere a mulher na situação de cárcere por intermédio da aplicação de diversos tipos penais ao que passam a ser construídos de maneira seletiva, e na maioria das vezes duplamente seletiva se aplicados à mulher, podendo estes ser questionáveis, portanto, os motivos determinantes que criminalizam certos comportamentos e quais as raízes dessas condenações.

Neste trabalho de pesquisa a partir dos objetivos elencados pretende-se explorar a partir da função social das prisões na atualidade, marcada pelo recrudescimento de uma lógica punitiva e possivelmente duplamente punitiva no cárcere feminino. Ao analisarmos essa lógica ela irá se apresentar e será reforçada quando olharmos para a presença masculina em um congresso conservador e reforçada por intermédio da grande mobilização midiática que em um efeito de massa intensifica o “medo social” e passa a enaltecer o abrupto encarceramento de pessoas.

A prisão cumpre o papel na sociedade capitalista como solução para os conflitos de classe dentro de um sistema que criminaliza determinado grupo social, utilizando-se da prerrogativa de combate à criminalidade como justificativa para punição. A prisão é o resultado de um processo seletivo iniciado anteriormente a intervenção penal, consequência da relação sócia histórica de exclusão reforçada pela discriminação social, escolar e no mercado de trabalho na reprodução de menos oportunidades. O cárcere representa a consolidação de todo um processo social de desigualdade social (Batista,

2011).

Conforme ressalta Foucault (2012, p.191), é primordial repensar toda a lógica do punível na atual sociedade e “as relações entre a potência pública com o direito de punir e o direito de colocá-lo em prática”.

Caracterizando o fato de que o corpo feminino que mais sofre com as punições tem endereço certo e características próprias como, raça, território, classe social específicos.

Assim buscarei contribuir para reflexões sobre a questão aqui apresentadas, trazendo à tona a presença de um Estado punitivo e como este atua no cárcere feminino, compreendendo as violações de direitos e possíveis novos olhares que possam contribuir na transformação da realidade social existente.

Seguindo este caminho, este trabalho é de cunho qualitativo a partir da revisão bibliográfica que trará o arcabouço necessário a essa reflexão.

2. Objetivos

O trabalho aqui apresentado tem por objetivo geral identificar as práticas pela qual o Estado pode intervir quanto a garantia dos direitos violados no cárcere feminino. Para que seja possível alcançar este objetivo propõe-se por intermédio dos objetos específicos apresentar as principais violações destes direitos e assim elencar possíveis melhorias para a vida e convivência no cárcere garantindo qualidade para essa população.

3. Metodologia

Esta pesquisa se constitui como de natureza qualitativa. O objeto e objetivo deste estudo não se pautam em referências quantitativas, desta maneira entendemos que a pesquisa qualitativa se constitui em método que incluem e considera a relação dialética entre objetividade e subjetividade:

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). (Minayo, 2010, p. 14).

Para que os objetivos sejam alcançados utilizarei do método de pesquisa bibliográfica. Neste sentido a pesquisa bibliográfica será utilizada a partir do levantamento ou revisão de obras publicadas tomando por base a teoria que irá direcionar o trabalho científico.

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2007, p. 122).

Assim, é possível então definir que a pesquisa qualitativa por base na pesquisa bibliográfica é um método investigativo que atua com hipóteses que não são perceptíveis. Objetiva-se então na imersão da subjetividade e

do simbolismo particular de cada sujeito em seu contexto social.

4. Desenvolvimento

A partir dos estudos realizados cabe-se destacar a grande máxima de que ser mulher parece ser também uma condenação a um "lugar" de inferioridade, menosprezo e de irracionalidade. Esse lugar torna-se essencial, gerando a máxima de que a construção social de gênero destina as mulheres e que não é necessário estar em uma prisão para saber disso, mas é a partir da prisão que todos esses estereótipos sobre o feminino afloram como uma ferida, sem tratamento, que possa amenizar a dor de ser o que se é, ou seja, uma mulher criminosa.

Ressalta-se que o cárcere sempre esteve presente ao longo de toda história, apresentando-se com a mesma finalidade ou não. Porém, cabe destacar a temática com predominância periférica, seja nos interesses da academia e da sociedade em geral; podendo ser por puro descuido ou por ser mais cômodo, posto que a prisão em nada se relaciona com nossas vivências do dia a dia. O fator predominante e como consequência é de que as pessoas que fazem parte dessa dinâmica acabam sendo esquecidas e as violações de direitos sofridas por elas tornam-se invisíveis. Do "lado de fora", existe aquele que cobra, fere, abandona, estigmatiza e culpabiliza.

Partindo destas primícias que se busca neste trabalho trazer à tona a prática deste Estado o qual encarcera em massa. Sendo preeminente a análise de fácil constatação, uma vez que historicamente e na contemporaneidade são diversos os problemas e discriminações; que se apresentam desde a precariedade da

estrutura física destes estabelecimentos até o descaso aos cuidados básicos de saúde e ainda quanto a impossibilidade de convivência sadia e adequada com a família e filhos.

É diante do aumento substancial da população carcerária feminina e do cenário de violações de direitos, que se verifica a real importância de se tratar da temática mulher em situação de cárcere; promovendo reflexões quanto ao cárcere feminino no Brasil, onde os estabelecimentos de privação da liberdade (presídios e cadeias) públicas afiguram-se como depósitos humanos, e tornam-se grandes palcos das maiores violações aos direitos fundamentais do homem.

Na sentença penal não só há o encarceramento da liberdade do cidadão, mas de outros direitos essenciais. O direito à honra, privacidade, intimidade, liberdade sexual, saúde, educação, assistência jurídica, alimentação e vestuário digno, são os exemplos de direitos violados que parecem invisíveis aos olhos do poder estatal. A ressocialização no sistema prisional vigente apresenta-se como utopia.

No cenário brasileiro são cerca de 726.354 pessoas privadas de liberdade (BRASIL, 2017 a), ficando abaixo apenas dos Estados Unidos e China, sendo notificados e encarcerados os jovens, pobres e com baixa escolaridade. Nosso país é o terceiro em número de pessoas em situação de cárcere no mundo.

Encarceramento em massa afeta a sociedade como um todo. Há um grande dano social causado gerado por opções punitivas de alto custo econômico, cultural e político-social. Isso decorre porque contribui para maximizar ainda mais a vulnerabilidade de muitos setores sociais. O cárcere segue ocupando posição central no sistema for-

mal de controle, e seus números são muito significativos, revelando a potência crescente de uma política criminal hostil e excludente, marcada, sobretudo, pela seletividade e pela negação de direitos a parcelas mais vulneráveis da população – a juventude negra e pobre – que é a que mais sofre a seletividade genocida das agências punitivas brasileiras (Carvalho, 2010, p.143).

Neste sentido é possível apontar que o encarceramento se delimita a uma classe social específica, ou seja, a classe pobre como sua principal vítima.

Como afirma Foucault (2014 p. 273); acusada de todos os lados pela polícia, exposta a longas penas de prisão, depois a uma vida definitivamente “especializada”.

A situação degradante da prisão brasileira já foi amplamente explorada e está descrita em diversos relatórios de organizações nacionais e internacionais que monitoram as violações de direitos humanos no sistema carcerário, além de estar amplamente estampada em todos os dados oficiais do governo brasileiro, que não deixam dúvidas sobre a insuficiência das políticas públicas voltadas ao cárcere até então desenvolvidas.

De acordo com Paiva (2012), a prisão é mais uma forma de poder em um sistema precário e de condições degradantes. Em suas condições e estrutura ela impossibilita qualquer tratamento adequado e pacificador nos indivíduos.

Vale reforçar que nas trincheiras das relações sociais do cárcere, levam em consideração o fato de existir mulheres em várias partes do mundo e em contextos os mais variados, que lutaram e, ainda lutam, contra as

formas de opressão a elas impostas. Assim, o feminismo teria genealogias múltiplas.

Pode-se, então, considerar que o feminismo conservador, também chamado de feminismo burguês, se preocupa com as tensões presentes nas relações entre as categorias de sexo derivadas da dominação exercida sobre a mulher, mas não questiona as origens político-culturais dessa desigualdade (Saffioti, 1976, p.105).

Existe também o feminismo liberal; sua luta se dá no plano formal da lei, por acreditar no aperfeiçoamento progressivo dos dispositivos legais como forma de instituir a igualdade de direitos. Outro feminismo é o dogmático-marxista, inspirado nas obras de Marx e, sobretudo, Engels, quando todos os fenômenos sociais podem ser interpretados como lutas de classes e o problema da mulher seria parte dos problemas sociais gerais.

O feminismo radical, no entanto, trabalha com a ideia de patriarcado, um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres em todas as esferas da sociedade. Nesta reflexão assume-se que a família se apresenta como o local onde se torna por excelência uma psicologia do poder, passando a servir de base para hierarquizações e subjugações em todos os campos do social.

Em uma perspectiva socialista, ela se baseia a partir da dialética marxista enquanto método este que exige a formulação de novos conceitos, ou seja, mais adequados à luz da análise de novas realidades, ou também na reformulação de categorias conceituais onde possam enfatizar as classes sociais e categorias de sexo e suas inter-relações (Saffioti, 1987, p.113-114).

Nesta concepção pode-se apresentar o direito penal onde criminalizava as condutas

das mulheres, ou seja, rotulando aquelas das quais não exerciam o papel definido socialmente, assim utiliza-se da punição que passa a servir como forma de normalização dos corpos femininos para que se enquadre novamente nos ditames da ordem patriarcal de gênero. Nesse ínterim, afirma Sposato (2011, p. 89): “[...] no que se refere às mulheres e à sua criminalização, percebemos que o direito penal não só ajuda a solucionar certas questões como origina novas discriminações e reforça velhas”.

5. Resultados

“A única coisa da qual se pode ser culpado é ter dado base ao desejo de alguém”.

(Jacques Lacan)

Partindo das análises pode-se engendrar o fato de que o problema do presente estudo no qual consiste em dar visibilidade à está parcela da sociedade, ou seja, a mulher no cárcere que se torna muito estigmatizada, esquecida e em colocada em uma situação de extrema vulnerabilidade, ou seja, as mulheres encarceradas pelo sistema prisional brasileiro. Buscou-se assim, transpor os muros penitenciários na intenção de apresentar essas quem são essas mulheres e sua trajetória no cárcere.

No estudo se tornou claro que a grande maioria das mulheres em situação de cárcere vive em um cenário de negligência, sendo a realidade brasileira marcada pelo processo de criminalização da miséria. Constatou-se, assim, que as ações institucionais vêm se desenvolvendo sem nenhum planejamento que leve em consideração a humanização da execução penal, violando o direito a uma vida digna, principalmente referente a reali-

dade de mães presas e seus filhos.

Constata-se, portanto, a necessidade da criação de políticas públicas específicas, para prevenir as situações de vulnerabilidade que tem orientado essas mulheres para o ingresso no crime, principalmente quando da prática do ato relacionado ao tráfico de drogas, bem como oportunizar, aquelas que já estão nas prisões, aqui como alternativas e formas de geração de trabalho e renda.

O Estado por meio da prisão executa de maneira plena o seu papel de controle social, privação de liberdade, e principalmente local de punição, e por vezes de tortura. No sistema penitenciário brasileiro permanece o desrespeito pela cidadania dos custodiados, superlotações, doenças, torturas, grande reincidência, abusos e violações das mais variadas de Direitos Humanos.

Pensar na possibilidade de ressocialização é ter como principal objetivo proporcionar a retomada a uma vida digna onde seus direitos serão garantidos, executando e garantindo em sua efetividade a Lei de Execução Penal como sua principal aliada, considerando que nela estão expressos todos os direitos e deveres relacionados ao cumprimento da pena.

Dessa forma, evidencia-se o poder público como garantidor da dignidade da mulher em privação de liberdade, passando a resguardar e garantir seus direitos mais essenciais a sua vida, além dos direitos básicos de saúde, educação, moradia, entre muitos outros, na direção da ressocialização para que este volte ao convívio social de maneira equilibrada.

Investir na educação é falar de humanização, diminuir as rebeliões e ajudar a criar um clima de expectativa favorável para o reingresso na vida social, quando em liberdade.

6. Considerações finais

“Nunca se esqueça de que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes.

Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.”

(Simone de Beauvoir)

Soares (2011, p. 87), em sua obra *inferi Justiça* não é punição aponta a forma como é conferida à sociedade, ou seja, a forma desigual a qual o Estado trata a sociedade de iguais. De antemão posso apresentar a forma desigual do acesso à justiça conferido a mulher no cárcere.

A palavra “prisão” contém apenas 6 letras e trás consigo um peso enorme, se tratando do cárcere feminino o peso dobra. As mulheres encarceradas sofrem diversas violências, abandonos, julgamentos, preconceitos e discriminações. Já nascem vítimas de seu próprio gênero, porém não conseguem ter essa empatia por parte da sociedade.

Falhas cometidas dificilmente serão perdoadas. São simplesmente abandonadas por seus companheiros, família e amigos. A solidão se faz presente, transformando a prisão da estrutura física para realidade do próprio corpo. Nesta dialética sofrem múltiplas condenações pelo ato que cometeram e pelo simples fato de ser mulher. Ao que se pode considerar uma forma de pena de morte ao que temos um Estado com uma sentença de morte.

As formas de dominação simbólicas e violentas acarretam quadros de opressão e silenciamento, principalmente no que se refere à mulher. De acordo com Bourdieu

(2012, p.45), os privilégios do masculino e a consequente submissão do feminino não se sustentam apenas pela violência simbólica repassada pelas vias do conhecimento e da comunicação, que é absorvida tanto pelos algozes quanto pelas vítimas.

Quanto aos resultados, analisados à luz dos fenômenos históricos fica evidente a necessidade do poder Estado em lançar seu olhar para o feminino e as mulheres no cárcere se apropriarem de seus direitos fortalecidos pelo movimento feminista.

8. Fontes consultadas

BATISTA, V. M. Introdução Crítica à Criminologia Brasileira. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

BRASIL, Ministério da Justiça. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias-Infopen. Brasília, DF, 2017 a.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica. 11. Ed. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARVALHO, SALO. A política criminal de drogas no Brasil: estudo criminológico e dogmático da Lei 11.343/06. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

FOUCAULT, M. Ditos & Escritos: VIII Segurança, Penalidade e Prisão. (Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MINAYO, M. C. DE S. E GOMES, S. F. D. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 29ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Feminismo e seus frutos no Brasil. In: SADER, EMIN. Movimentos sociais na transição democrática. São Paulo: Ed. Cortez, 1987. P.105-157.

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SOARES, E. L. Justiça: pensando alto sobre violência, crime e castigo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SPOSATO, Karyna Batista. Mulher e cárcere: uma perspectiva criminológica. Disponível em: <[http://www.unit.br/arquivos/npgd/SPOSATO,%20Karyna %20%20MULHER %20E% 20C3%81RCERE%20%20Uma%20 perspectiva%20criminol%C3%B3gica%20.pdf](http://www.unit.br/arquivos/npgd/SPOSATO,%20Karyna%20%20MULHER%20E%20C3%81RCERE%20%20Uma%20perspectiva%20criminol%C3%B3gica%20.pdf)>. Acesso em: 20 de março de 2017.



CRISTIANISMO E LIDERANÇA FEMININA

Cleverson Araújo dos Santos¹

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar e discutir a liderança feminina no contexto da religião cristã ao longo da história, com a finalidade de compreender a trajetória do papel das mulheres nos espaços religiosos até os dias de hoje. Foram examinados alguns textos do Antigo e Novo Testamento da Bíblia Sagrada, principal literatura do cristianismo e judaísmo, referindo-se à Antiga Aliança, como também textos acadêmicos que relataram e descreveram achados arqueológicos, pesquisas históricas e estudos de caso. Experiências e observações realizadas em algumas comunidades cristãs corroboraram com as análises do material teórico pesquisado. Os estudos e pesquisas realizados demonstraram a invisibilidade da mulher e o silenciamento em relação às suas ações de liderança na religião cristã, em diferentes momentos da história e explicitaram as repercussões desta trajetória no ideário social até os dias de hoje.

Palavras-chave: Cristianismo. Liderança Feminina. Silenciamentos.

1. INTRODUÇÃO

Como apresentado no título do trabalho, o tema principal é o entrelaçamento entre a Religião e a Liderança Feminina ao longo da história, considerando que ambos os termos são substantivos que, na prática, nem sempre andaram juntos, pois, no decorrer da história, houve silenciadores, ou seja, pessoas que não admitiam mulheres e homens compartilhando da mesma autoridade. Ainda nos dias de hoje, em alguns segmentos religiosos, o consentimento de mulheres na liderança é algo inegociável, não há uma concordância na comunidade cristã, sendo que, em seminários e escolas bíblicas dominicais, este é um assunto recorrente e controverso. Ao considerar a relevância do tema, tanto para a comunidade acadêmica como para os integrantes das igrejas cristãs, estudei um material bibliográfico diversificado que dialogou com estudos realizados e com as minhas experiências e observações como participante ativo de uma comunidade cristã. O material estudado continha textos bíblicos, artigos em periódicos e livros acadêmicos que apresentaram achados arqueológicos e pesquisas envolvendo discursos reveladores relacionados ao assunto tratado.

1 - Estudante do quarto semestre do curso de Serviço Social da FAEP e participante do Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, no ano de 2023.

Desta forma, o problema que possibilitou percorrer os caminhos da pesquisa foi: Houve aceitação e incentivo para a atuação das mulheres como líderes em igrejas cristãs, ao longo da história até os dias de hoje?

A hipótese inicial para responder a esta pergunta era a de que seria difícil verificar as lideranças femininas ao longo da história, considerando a grande possibilidade de um movimento para ocultar a participação ativa das mulheres como dirigentes e autoridades religiosas nas igrejas. Portanto, mesmo com atividades de lideranças nos espaços cristãos, as mulheres não eram reconhecidas como líderes, fato que provavelmente ocorre até os dias de hoje.

O trabalho partiu de uma abordagem do Antigo Testamento, trazendo quando, como e quem realizava o culto à deusa Asherah, adorada no antigo oriente próximo, bem como revelou quem apagou da história das páginas da Bíblia este símbolo de adoração à fertilidade. O trabalho abordou pesquisas realizadas na Bíblia Sagrada para os cristãos e em livros canônicos e apócrifos, no que se refere à liderança feminina no Novo Testamento e nas primeiras igrejas do século II D.C. Destacou também a cultura na época do apóstolo Paulo e a influência de mulheres como Febe, Júnias e Tecla. Tratou da indicação de mulheres que fizeram a diferença no século XX, especificamente Frida Maria Strandberg e mostrou personagens marcantes que contribuíram para o apagamento de vozes relevantes de mulheres nas igrejas cristãs. Trouxe como última análise, as observações e experiências vividas por mim no exercício da participação ativa na religião cristã, considerando o tema tratado. Finalizei com uma análise crítica e construtiva do tema, fundamentado no contexto histórico e na observação do momento atual do ponto de vista social e teológico.

2. OBJETIVOS

Ao considerar a problemática exposta no trabalho, foi necessário tomar por base os seguintes objetivos: A) Objetivo Geral: Compreender o ideário que permeou a liderança feminina na igreja cristã ao longo da história até a atualidade. B) Objetivos específicos: a) Conhecer algumas mulheres que exerceram papéis de liderança nas comunidades religiosas e na igreja cristã ao longo da história; b) Reconhecer os personagens que contribuíram para a invisibilidade das dirigentes religiosas femininas na trajetória histórica da humanidade; c) Revelar o ideário

observado nas ações dos atuantes em duas vertentes de interpretação bíblica na atualidade, com relação à presença das mulheres como líderes religiosas.

3. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado considerando a análise dos dados obtidos em diferentes suportes de texto, que incluem: a Bíblia Sagrada, principal literatura cristã; textos publicados em periódicos e livros acadêmicos organizados por pesquisadores dos temas religiosos e estudiosos da Teologia. Para desenvolver uma reflexão relacionando teoria e dados da realidade, com a finalidade de compreender a liderança feminina hoje e ao longo da história, bem como os silenciamentos da atuação da mulher na igreja cristã, foram registradas algumas observações e vivências para dialogar com o aporte teórico. Sendo assim, o caminho percorrido contará com a pesquisa qualitativa, que mais se aproxima dos objetivos propostos, predominando a catalogação de fontes bibliográficas.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1. CRISTIANISMO E LIDERANÇA FEMININA

Inicialmente, a pesquisa busca definir os termos utilizados no título do trabalho, que correspondem ao tema escolhido. Desta forma,

de acordo com o Dicionário Online de Português, a palavra “Cristianismo” é uma “Religião ou doutrina cristã que propaga a fé em Jesus Cristo, na sua vida e nos seus ensinamentos, como filho de Deus”. Cristianismo deriva do latim christianismus. O Cristianismo é uma religião que acredita em um Deus que subdivide-se em três pessoas distintas: o Pai (Deus), o Filho (Jesus, o Cristo) e o Espírito Santo.

De acordo com o Dicionário Online de Português, a palavra “Liderança” refere-se às ações de alguém que está ou vem ocupando o primeiro lugar, com tendência para chefiar ou para demonstrar autoridade. (Liderança, 2023).

Ao tratar do termo liderança, a Bíblia Sagrada apresenta o conceito de “chefe” referindo-se à líder, no hebraico “sar”, procedente de: príncipe, governante, líder, chefe, comandante (STRONG’S NUMBER:h8269, 2023), sendo que, na língua grega, no Novo Testamento, “archon” significa governador, comandante, chefe, líder”. (STRONG’S NUMBER:g0758, 2023). Entretanto, em todo o texto bíblico, os

termos “sar” hebraico e “archon” grego não se referem diretamente às mulheres, mesmo que elas tenham exercido funções de comando em momentos da história, como no caso da juíza e profetisa Débora, no livro de Juízes na Bíblia, que liderou uma infantaria de soldados. Por outro lado, a liderança masculina é citada de forma ampla e sem restrições em relação ao papel do homem como chefe ou governante, considerando-o natural em diferentes circunstâncias.

Portanto, ao analisar as definições oficiais contidas nos dicionários, cristianismo e liderança feminina exercem uma relação muito estreita, pois no cristianismo observamos um fenômeno chamado “graça progressiva”, um advento que permite mais autonomia e liberdade das mulheres, pois até então, eram proibidas de fazerem diversas coisas.

4.1.1. A PRESENÇA FEMININA NO ANTIGO TESTAMENTO

a) Casal de deuses e as mulheres em liberdade de culto no antigo Israel

No antigo oriente próximo, as religiões dos povos que viviam ao redor das tribos israelitas colocavam seus deuses como um casal, a partir do qual tudo era formado. Segundo Matos (apud Solano e Monteiro, 2020, p. 63), “Apsu e Tiamat formam o casal primordial que deu origem aos deuses babilônicos” como: Marduk e Ishtar. A concepção de uma deusa materna, que criou o universo e de cujo ventre emergiu a vida, atuando juntamente com um deus-homem é muito mais antiga do que a ideia que temos hoje de um Deus único e com características masculinas. (Matos, apud Solano; Monteiro, p. 64, 65).

Desta forma, na gênese das religiões, o elemento feminino era tão importante quanto o masculino. No antigo Israel, divindades femininas eram cultuadas livremente, como é o caso da deusa Asherah, que, de acordo com evidências arqueológicas, era a mais importante delas, sendo adorada ao lado de Javé (Matos apud Solano; Monteiro, 2020, p. 66). Entretanto, o politeísmo (Mendonça apud Solano; Monteiro, 2020, p. 57) e a presença das deusas, constatados na sociedade israelita até o século VII a.C., foram diminuindo e a existência das mulheres-deusas foram apagadas. Existem informações nos textos sagrados sobre as ações do rei Josias (640 a 609 a.C), que solicitou a retirada e a incineração dos utensílios de adoração à Asherah e a seu consorte, Baal.

4.1.2. ATOS DE PAULO E AS MULHERES NOS PRIMEIROS SÉCULOS D.C.

Ao pesquisar os escritos do evangelista Mateus sobre o começo da era cristã, as informações encontradas sobre a primeira comissão escolhida por Jesus demonstram que ela era composta somente por homens (doze após-

tolos), sendo que as mulheres que o acompanhavam eram consideradas apenas como “discípulas informais”.

É inegável que Jesus escolheu doze discípulos homens, mas os evangelistas destacam a grande quantidade de mulheres que O seguiam como discípulas informais do Mestre (Lc 8.1-3, 23.49; Jo 19.25). No judaísmo, a posição corporal característica de um discípulo é assentar-se aos pés de seu mestre enquanto este ensina (At 22.3). Curiosamente, os evangelhos só se referem a mulheres assumindo esta posição junto a Cristo (Lc 10.39-42). O discipulado também implica em uma relação de proximidade, intimidade e até de cumplicidade entre mestre e discípulo.. E, mais uma vez, são as mulheres que têm a coragem e a audácia de acompanhar Jesus desde a Galileia até a cruz (Mt 27.55-56)”. (Meyer, Lidice, 2021).

Portanto, mesmo apontando apenas essa posição informal do elemento feminino ao lado de Jesus, os estudos de Meyer (2021) destacaram a possibilidade de certa cumplicidade entre o Mestre e quem se sentava aos seus pés, as mulheres. Além disso, aponta a coragem dessas “discípulas” que acompanharam Jesus até a cruz, ficando o tempo todo ao seu lado, mesmo com as ameaças dos representantes de Roma e da população. Boni (2014) afirma que centenas de mulheres foram vítimas da perseguição pelo imperador romano, juntamente com inúmeros cristãos. Esses eram considerados ameaçadores para o judaísmo e para os representantes e governantes de Roma, pois pregavam a liberdade espiritual, acreditavam na subordinação a um único Deus e não a um imperador, nem à multiplicidade de deuses cultuados.

Assim, em meio a torturas, mortes e perseguições, os homens e mulheres do início da era cristã escondiam-se em casas e porões realizando cultos e reuniões clandestinas. Desta forma, a Igreja cresceu, sendo que esses

cristãos, de ambos os sexos, arriscavam suas vidas levando cartas e verbalizando as boas novas de Cristo. Nesse sombrio pano de fundo, que exalava morte, surgem algumas lideranças femininas que se expuseram, cedendo residências, ajudando

financeiramente, pregando e ensinando. Como consequência de suas ações corajosas, muitas delas foram condenadas à morte, sendo chamadas até mesmo de dementes. Mulheres que marcaram suas épocas, tanto nas páginas da Bíblia cristã, quanto nos textos apócrifos, sendo exemplos de coragem para a contemporaneidade.

Dentre as mulheres que se destacaram no Antigo Testamento, a diaconisa Febe, que significa “brilhante”, foi um elemento importante. Ela realizou o diaconato executando o trabalho de outras pessoas, na igreja de Cencreia, próximo a Corinto, tendo sido muito recomendada para a função por seus trabalhos anteriores.

Febe, segundo Castelli, é o dado mais significativo da atuação das mulheres em Paulo, pois nela se encontram o papel de benfeitora e de liderança local. Ou melhor, num momento em que os cristianismos urbanos estavam dependentes das lideranças locais e itinerantes, o que se observa são mulheres assumindo funções co-iguais nas casas-igrejas e como grandes patrocinadoras desse movimento. (Cavalcanti, 2021, p. 26).

Entre as vinte e seis pessoas citadas por Paulo em uma carta à Igreja em Roma, ele apontou dez mulheres de destaque. Nessa carta, vale a pena atentar para a citação sobre Júnias, que foi importante para Paulo, como em Rm.16.7: “Saúdem Andrônico e Júnias, meus parentes que estiveram na prisão comigo. São notáveis entre os apóstolos, e estavam em Cristo antes de mim”, (BÍBLIA NVI, 2023). Existem dois pontos importantes de Júnias, o primeiro é apoiado pelo trecho do texto sagrado citado acima

- “são notáveis entre os apóstolos”, confirmando o apostolado de Júnias, que tinha o dever de levar a mensagem, como um missionário atualmente; o segundo é apoiado pelo trecho - “estavam em Cristo antes de mim”, pois eles antecedem a Paulo como servos de Cristo, antes da conversão deste apóstolo.

Na literatura apócrifa, datada por volta do ano 160 d.C., estão registrados a existência e o trabalho de Tecla, mulher corajosa que atuou de forma significativa para a constituição e ampliação das comunidades cristãs. Essa literatura serve de base material para entender um cristianismo feito, contado e lembrado por mulheres. No material “Atos de Paulo e Tecla” (AT), existem elementos para identificar que Tecla recusa a se casar com o homem indicado pela sua família e decide viver uma vida de castidade, pois alega estar arrebatada pelas mensagens presentes nos discursos do apóstolo Paulo (Chagas, 2017, p. 31). Ela “foi livrada” duas vezes da morte. Na primeira, ao ser condenada à fogueira, ela conseguiu sair viva, pois, no momento da execução, aconteceu uma tempestade de chuva e granizo; na segunda, ela se defende de uma acusação por ter se protegido do assédio de Alexandre II. Desta forma, como sobrevivente e defensora dos preceitos cristãos, após realizar o próprio batismo, fez muitas viagens, ora sozinha, ora com Paulo, iluminando a muitos com a palavra de Deus, até o dia da sua morte aos noventa anos. Segundo Chagas (Op.cit., p. 95), ela rompeu com a sociedade patriarcal, pois apesar das críticas, continuou a batizar e evangelizar a todos que encontrava em suas peregrinações.

4.1.3. FRIDA, UMA LIDERANÇA QUE TENTARAM CALAR NO SÉCULO XX

Neste trabalho, a pesquisa da história da sueca Frida Maria Strandberg (1891-1940) é relevante. Ela foi a segunda missionária enviada da Suécia para o Brasil, em 1917. Casou-se e teve filhos neste país. O marido de Frida, o sue-

co Vingren, e seu amigo, Daniel Berg, fundaram a importante Assembleia de Deus, com início em Belém do Pará.

Após verificar os referenciais teóricos que destacaram o trabalho dessa importante missionária sueca que atuou no Brasil, constatei a insuficiência de material que circulava nos meios acadêmicos sobre ela. Surgiu a pergunta: como a memória de uma mulher tão incrível e relevante na fundação da igreja Assembleia de Deus foi silenciada?

Para compreender a questão, as informações das origens das igrejas pentecostais auxiliaram nesta pesquisa. O pentecostalismo surge nos Estados Unidos, no início do século XX, influenciando fortemente o Brasil. Nesse momento, no território norte-americano, brancos e negros começavam a dividir lugares e espaços na sociedade e o ponto de partida era o ambiente congregacional. Em meio às relações que originaram o pentecostalismo, as mulheres continuavam nos bastidores e saíam às costas de seus esposos ou superiores nos retratos da época.

No Brasil do início do século XX, aconteceram importantes mudanças que influenciaram todos os integrantes do território brasileiro, tanto no aspecto sociocultural, quanto político e econômico. Enquanto ocorriam essas mudanças,

Frida confirmava a sua formação ampla e integral em um trabalho que demonstrava o seu papel vanguardista, confirmado por diferentes estudiosos, como Vilhena (2016 p. 117), que afirma: “Frida, uma mulher à frente de seu tempo”.

Ela era enfermeira de formação com especialidade em obstetrícia, poeta, musicista, (compositora de vinte e três hinos da harpa), professora, pastora e escritora, além de ter sido redatora dos jornais “Boa Semente”, “O Som Alegre” e “Mensageiro da Paz” (Chagas, 2017,

p. 95).

Ao integrar todos os seus conhecimentos e experiências, Frida, frequentemente, pastoreava e possibilitava momentos de estudos para as pessoas, chegando a fundar a primeira Escola Bíblica do Rio de Janeiro.

É claro que, para os padrões da época no Brasil, Frida incomodaria e muito a liderança masculina. Seu maior opositor era o missionário também sueco Samuel Nystrom (1891-1960), que encabeçava, juntamente com Lewi Petrus (1884-1974), uma igreja luterana na Suécia, o que segundo Vilhena, vai desencadear “uma rede de fofocas” (Vilhena, 6º Teologando - FAEP, 2022). As críticas feitas por eles foram utilizadas pelos líderes pentecostais brasileiros, que não concordavam com a atuação de Frida, sendo assim, motivaram a convocação da primeira convenção nacional das Assembleias de Deus, em 1930, que teve como pauta única a atuação de Frida e das demais mulheres a frente de trabalhos nas igrejas brasileiras. Alegavam que elas davam mal testemunho.

Com o surgimento dessas contraposições à atuação de Frida e de outras mulheres nas igrejas, em 1932, juntamente com sua família, ela é praticamente expulsa do Brasil e retorna à Suécia. Frida tentou várias vezes retornar ao Brasil, mas todas sem sucesso. Sofria de dores constantes no estômago, aflições que abalavam seus nervos, até que, no início de 1935, Frida é internada em um hospital psiquiátrico e, depois de cinco anos, morre aos 49 anos de idade.

Frida Maria Strandberg representa até hoje as centenas de milhares de mulheres de todo o século XX, aquelas que, por longos períodos, exerceram cargos de liderança, seja em igrejas ou nos meios corporativos e que permaneceram invisíveis nos registros escritos das igrejas pentecostais.

4.1.4. A HISTÓRIA DAS MULHERES NAS IGREJAS CRISTÃS NOS DIAS DE HOJE: IMPRESSÕES DE UM PARTICIPANTE DA COMUNIDADE CRISTÃ

Para ilustrar o que foi estudado teoricamente pelos autores pesquisados, apontaremos pensamentos e ações referentes à liderança das mulheres nas igrejas que observo na atualidade, em alguns segmentos religiosos da esfera cristã. Para isto, escrevi minhas observações em um “diário de campo” e relato nesta pesquisa o papel das mulheres nesses espaços.

Ao observar diferentes locais de culto, algumas igrejas tradicionais mais conservadoras adotam a leitura Histórico Gramatical da Bíblia, pois não cederam completamente ao avanço da modernidade e das mudanças ocorridas na sociedade. Quase na totalidade dessas igrejas, as mulheres atuam livremente em áreas operacionais, bem como de limpeza geral, preparação dos objetos litúrgicos, ensino e liderança de departamentos de crianças e adolescentes, trabalhos na temática da oração, louvor, culto nos lares e serviços relacionados à assistência social; não sendo consagradas, nem reconhecidas a títulos eclesiásticos referenciados na Bíblia Sagrada, relatados em Efésios 4:11: “E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres.”

Já em visita a outro segmento, ainda no âmbito cristão, o qual estudou e se apropriou da leitura Histórico Crítico das Escrituras Sagradas, acontece o oposto. Mulheres são consagradas a pastoras, apóstolas, profetas, evangelistas e mestres, exercendo o ministério sem a necessidade do vínculo do esposo à mesma posição. As experiências relatadas pelas lideranças femininas nesses espaços e o meu olhar atento para a atuação delas levaram-me a compreender que existe de fato um acolhimento dessas igrejas para a liderança feminina, recebem e ajudam a resolver as diversas demandas que

oprimem as mulheres em vários aspectos da vida, não só espiritual, mas sentimental, familiar e de saúde pública.

Portanto, na atualidade, ainda existem igrejas cristãs que perpetuam ideias e ações que excluem as mulheres das funções de liderança, não atribuindo a elas papéis de dirigentes ou de líderes religiosos, enquanto em outras existe uma divisão equitativa dos postos de maior responsabilidade entre homens e mulheres.

Essa diversidade de encaminhamentos nos espaços das igrejas cristãs também é observada por Dusilek (2019), membro da Academia Evangélica de Letras no Brasil:

Nas igrejas evangélicas, de modo geral, os cargos de liderança são ocupados por homens e mulheres. No entanto, essa não é uma verdade absoluta. Em alguns grupos a mulher não tem voz nem vez. Em outros há uma tolerância por parte de alguns ao constatarem mulheres no topo da liderança. Mas há outros grupos em que o espaço dado às mulheres é conservado, mas com uma certa distância, como a dizer: “nós deixamos vocês liderarem e trabalharem, mas fiquem aí nas organizações femininas. Esse é o lugar de vocês”. Não é uma mensagem aberta e declarada, mas velada (Dusilek, 2019).

5. RESULTADOS

A partir da presente pesquisa realizada, após as reflexões e análises, posso afirmar que existiram várias mulheres que se destacaram ao longo da história bíblica, como também da modernidade, atuando sempre no contexto sociorreligioso. Essas investigações possibilitaram alcançar o objetivo proposto para a pesquisa: compreender o ideário que permeou a liderança feminina na igreja cristã ao longo da história até a atualidade.

Perante os resultados obtidos no estudo da

história e na observação atenta das ações nas igrejas, os casos identificados cooperaram para o entendimento de que o pensamento radical conservador vai frontalmente contra a feminilidade bíblica, replicando atitudes cíclicas ao longo da história. Desde a restrição das mulheres com suas famílias nos cultos públicos no Antigo Israel, como também a tentativa de apagamento de mulheres como Febe, Júnias e Tecla, que serviram de verdadeiras lideranças, sendo mensageiras e empreendedoras, arriscando suas vidas, abrigando cristãos foragidos da perseguição do império romano. No século XX, analisei a tentativa do injusto apagamento da liderança de Frida Maria Strandberg e, desta forma, pude constatar em um passado recente, um pensamento machista que aparece também em algumas instituições (conservadoras e ultraconservadoras), atualmente.

Em contrapartida, existem igrejas que entendem a importância de uma leitura mais crítica e acolhedora dos textos bíblicos que, aparentemente, excluem mulheres, promovendo uma clerezia mais receptiva no que se refere às necessidades e às demandas femininas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao exposto neste trabalho, que pretende trazer a reflexão sobre a liderança feminina ao longo da história e na atualidade, constatei que as mulheres estão dirigindo os ministérios e ocupam cargos que antes eram, majoritariamente, comandados por homens. Assim, assumi a responsabilidade de tornar público o debate, pensando sempre em ampliar os estudos sobre o tema, para evitar “O perigo de uma história única”, livro publicado pela nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019).

Para apontar os casos identificados na história que, de alguma forma, contribuíram para responder, mesmo que parcialmente, a pergunta orientadora da pesquisa, busquei informações

desde o culto às deusas que envolviam o acesso livre de mulheres no Antigo Israel, ao apagamento dessas divindades, influenciado diretamente pela implantação da cultura patriarcal e monoteísta, que se deu pela atuação do rei Josias. Ao buscar o Novo Testamento, analisei o contexto sociocultural greco-romano, em que mulheres convertidas ao cristianismo ganhavam sua liberdade religiosa e pessoal, liderando diversas causas sociais. Já no contexto contemporâneo, abordei a história parcial de Frida, uma mulher incrível que lutou até o fim para trazer a palavra de Deus para as pessoas e, por este motivo, foi calada e praticamente expulsa do Brasil.

Ciente da relevância do tema escolhido e compreendendo os limites da pesquisa, aponto a necessidade da continuidade das investigações sobre o tema “Cristianismo e Liderança Feminina” e as conquistas das mulheres em geral, especificamente, aquelas cuja crença as vincula a uma religião cristã.

Para reflexão e encerramento deste trabalho, uma frase do filósofo Edmund Burke pode ser significativa para a compreensão da problemática apresentada: “Um povo que não conhece sua História está fadado a repeti-la.” (Edmund Burke).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA NVI; Bíblia - Nova Versão internacional. Disponível em: Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi>, 2023. Acesso em 26/04/2023.

BONI, Luiz Alberto; O Estatuto Jurídico das Perseguições dos Cristãos no Império Romano. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/YF9bbyQYs74GKMwJGRxJLxH/#>. Acesso em 27/05/2023.

CAVALCANTI, Juliana B; Mulheres nos Cristianismos Paulinos. Rio de Janeiro: Editora Kliné, 2021.

CHAGAS, Cláudio Soares; Atos de Paulo e Tecla -

Narrativa Romanesca e o discurso sobre a imagem. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie; O Perigo de uma História Única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DUSILEK, Nancy Gonçalves; Liderança Feminina na Igreja. Revista Ultimato online (opiniões).

Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2019. Disponível em <https://www.ultimato.com.br/conteudo/lideranca-feminina-na-igreja>. Acesso em 01/07/2023.

GARCIA, Gabriel Ignácio; Olhares sobre o Papel das Mulheres no Cristianismo do Segundo Século. 2017. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/sieam/article/view/4/203>. Acesso em 27/05/2023.

LIDERANÇA. In: DICIO; Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/lideranca/>. Acesso em 26/04/2023.

MEYER, Lidice. P. Ribeiro; 12 discípulos, “discípulas” e “apóstolas” ao lado do Mestre, Revista online Ultimato, 2021. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/12discipulos-discipulas-e-apostolas-ao-lado-do-mest>. Acesso em: 13/05/2023.

OLIVE TREE; Bíblia Almeida Strong’s. E.U.A: Olive Tree Bible Software, 2023.

RELIGIÃO. In: DICIO; Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/religião/>. Acesso em 26/04/2023.

SOLANO, Luiz Alexandre Rossi; MONTEIRO, Sue´Hellen de Matos; Asherah a Deusa de Israel. São Paulo, Editora Fonte Editorial, 2020.

VILHENA, Valéria Cristina; 6º Teologando FAEP. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IzdySKJK3bc>. Acesso em 20/05/2023.

VILHENA, Valéria Cristina; Um Olhar De Gênero Sobre A Trajetória de Vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, 2016.



A PARTICIPAÇÃO ATIVA DAS MULHERES COMO LÍDERES NAS IGREJAS CRISTÃS CONTEMPORÂNEAS

Viviana Inês da Silva Santos¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi explicitar o empenho de inúmeras mulheres para conseguirem ocupar lugares de destaque nas igrejas cristãs, especificamente as evangélicas, no sentido de exercerem cada vez mais papéis de liderança. A pesquisa foi realizada a partir de observações da atuação das mulheres em igrejas e um relato da experiência de mulher na conquista pelo pastorado. Essas investigações e análises da participação feminina foram aprofundadas pelo estudo e reflexão sobre o material teórico, encontrado em livros, textos acadêmicos e na Bíblia. Ao finalizar a pesquisa, as informações coletadas possibilitaram um olhar mais apurado sobre a inserção das mulheres no pastorado evangélico, as quais ainda encontram dificuldades de serem consideradas capazes de exercerem funções importantes no espaço público, da mesma forma que os homens. Será preciso traçar percursos e abrir caminhos para que nas funções de pastoras nas igrejas e em diferentes cargos e funções no mundo do trabalho, as mulheres possam demonstrar o seu potencial de liderança, contribuindo com

a melhoria de vida das pessoas.

Palavras – chave: Liderança das mulheres. Igreja Cristã. Pastoreado Feminino.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretendeu abordar a inserção das mulheres no pastorado e as dificuldades que as mulheres ainda enfrentam para serem reconhecidas, nos dias de hoje, em vários espaços da sociedade e, nas situações estudadas neste trabalho, nas igrejas cristãs. Esta abordagem sobre as barreiras em relação a atuação das mulheres no ministério das igrejas, reproduzindo o que aconteceu fora delas, foi vivenciado por mim no espaço religioso que frequentei. Algumas mulheres acabaram desistindo de sua posição de liderança pela pressão de grupos que acreditavam na superioridade masculina para liderar.

Assim, pude constatar em algumas igrejas em situações do cotidiano que as mulheres não são consideradas tão capazes como os homens. Chimamanda Adichie, em seu livro

1 - Estudante do segundo semestre do curso de Teologia da FAEP e participante do Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, no ano de 2023.

Sejamos todos feministas, comentou que a igualdade dos gêneros, os direitos iguais não significam visões iguais, mesmo com essas conquistas feministas, a mulher ainda não é vista como um sujeito de direitos semelhantes aos dos integrantes do sexo masculino. A mulher ainda ganha salários diferenciados, mesmo nas mesmas funções que os homens, ela é aquela que trabalha fora e em casa, que tem que carregar nos ombros a criação dos filhos e agradecer quando os homens (maridos, filhos, pais) fazem algo por elas, como se não tivessem as mesmas responsabilidades ou as mesmas condições de fazer o que ela faz (Adichie, 2015).

Desta forma, decidi relatar a minha experiência como mulher em uma igreja cristã, refleti sobre ela apoiada em referenciais teóricos que ajudaram a argumentar a importância de repensar o papel das mulheres nestes espaços, por meio da análise das escritas sagradas presentes na Bíblia e de outros textos e livros acadêmicos sobre o tema.

Assim, optei por uma pesquisa bibliográfica, cujo material apoiasse as minhas necessidades como mulher que sempre desejou participar ativamente das práticas religiosas de liderança.

Portanto, o problema elaborado para orientar a pesquisa foi: Como as igrejas cristãs consideram a participação ativa das mulheres como líderes?

Para responder a esta questão, as hipóteses levantadas foram: a) as igrejas cristãs não consideram a liderança feminina; b) algumas igrejas admitem a importância do papel feminino no trabalho religioso e outras ainda utilizam a força feminina apenas em situações operacionais e orientação de crianças.

Portanto, essa pesquisa é extremamente relevante, pois abordou a inserção ativa das mulheres nas lideranças em diferentes setores da sociedade e, especificamente neste estudo, nas igrejas cristãs, pois acredito como Adichie (2015, p. 48) que: “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura.”

2. OBJETIVOS

Para tratar desta problemática foram elaborados os seguintes objetivos:

Objetivo Geral: Compreender a participação ativa das mulheres como líderes nas igrejas cristãs.

Objetivos específicos: a) Investigar a participação ativa feminina nos diferentes setores da sociedade, especialmente nas igrejas; b) Estudar como os livros sagrados e os textos acadêmicos abordam a participação feminina; c) Identificar experiências de participação ativa das mulheres nas igrejas.

3. METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, para apoiar a reflexão sobre os relatos de experiências vividas pela pesquisadora em igrejas cristãs, quanto à participação ativa das mulheres, principalmente em funções de liderança. Pretendeu-se também dialogar com autores e autoras de textos e livros que defendem a ampliação da inserção das mulheres em cargos e funções que antes eram exercidos apenas pelos homens, buscando relatos que comprovem a importância da mulher nos espaços religiosos, tanto nos textos bíblicos como em textos acadêmicos. Buscou trazer alguns exemplos de experiências concretas dessa participação.

4. DESENVOLVIMENTO

Para apoiar as escolhas realizadas para o estudo feito neste trabalho, o desenvolvimento destacou as minhas experiências como mulher na igreja que frequentei e apontou as investigações realizadas em material bibliográfico.

Ao ler e estudar os textos bíblicos, quis aprofundar o tema do feminismo na igreja, pois, sendo mulher, sinto na pele as dificuldades dos elementos femininos dentro e fora destes espaços, porque constato até a falta de respeito com nosso ministério pessoal, em pleno século XXI. Quando as mulheres se destacam mais que os homens, eles começam a reagir de forma a inibir as atitudes delas e calar suas vozes com olhares de repreensão e até conflitos com seus maridos no lar. Algumas ficam desanimadas e tristes e desistem do ministério para salvar o seu casamento e se contentam em trabalhar com as crianças que frequentam as igrejas.

Assim como Adichie, precisamos romper com as barreiras para chegar aos nossos objetivos: “Sim, existe um problema de gênero hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar” (Adichie, 2015, p.50).

5.1. Experiência pessoal como mulher na igreja

Embora o relato da minha experiência pessoal no ministério cristão seja descrito e analisado sob a ótica da minha pessoa como pesquisadora e autora deste texto, ele se justifica pela necessidade de apontar a real situação das mulheres no interior de algumas igrejas cristãs, no sentido de explicitar a resistência de muitas delas que reivindicam a liderança

feminina.

Particpei do ministério cristão durante 10 anos (2005 – 2015), nos quais aprendi como “construir a obra de Deus”, no sentido bíblico, com grande envolvimento e dedicação. Neste período, realizei várias tarefas. Fui líder da consagração, coordenadora do trabalho das mulheres, ao mesmo tempo que limpava e organizava o templo, fazia visitas nos lares para aconselhamento e outras ações que fossem necessárias. Nestes anos, vivenciei muitos momentos em que participantes da liderança masculina se recusavam a responder questões e ensinar sobre conhecimentos presentes nos textos bíblicos para mim, afirmando que eu deveria pesquisar sozinha. Desta forma, embora tenha enfrentado estas e outras dificuldades, consegui fazer um seminário de teologia e me apropriei de muitos conhecimentos e, alguns líderes masculinos passaram a me respeitar como uma mulher que estudava e tinha possibilidade de exercer funções de liderança. Fui consagrada Evangelista e pude reconhecer o meu crescimento na igreja, pois as pessoas me procuravam para pedir uma palavra de conforto e orações. Estas conquistas provocaram comportamentos de aproximação e afastamento por parte do Pastor da igreja. Em 2013, fui consagrada Pastora e o relacionamento com este líder tornou-se mais difícil, até que em um sermão no altar, ele referiu-se a mim de forma vergonhosa frente aos fiéis. Neste momento, percebi que deveria me afastar desta igreja.

Na igreja em que estou hoje, a situação não é muito diferente, porém, a rejeição à liderança feminina, ocorre de forma mais velada.

Essas experiências confirmam as pesquisas e estudos de Mello e Lima:

[...] muitas pessoas na sociedade ainda são contra a presença feminina no púlpito das igrejas no papel de pastoras, e muitos homens recusam sua autoridade, por considerar a mulher incapaz de exercer funções tradicionalmente exercidas por homens, como o pastorado (Mello e Lima, 2016, p.120).

5.2. Existem experiências diferentes no que se refere à liderança feminina nas igrejas cristãs

Diferentemente das minhas experiências pessoais, observei em algumas outras igrejas cristãs que frequentei pastoras como presidentas e que organizavam de tal forma os trabalhos que proporcionavam o crescimento e a expansão das suas igrejas, exercendo uma forte liderança em seus espaços de atuação, sendo como pastoras ou bispas respeitadas por homens e mulheres.

Chantal organiza reflexões sobre esta questão, após entrevistar fiéis em igrejas lideradas por mulheres:

A membresia entrevistada possui opiniões parecidas sobre a liderança das suas pastoras líderes. Definem a liderança como forte, compreensiva e atenciosa. Avaliam as relações pessoais com as pastoras líderes como sendo de cuidado e harmonia. Isso se confirma quando respondem sobre o fato de serem pastoreados(as) por uma mulher. Todos afirmam que é um pastoreio de cuidado. Um membro chega a dizer que é como ter uma mãe (Chantal, 2019, p.179).

Portanto, existem diferenças entre as igre-

jas na aceitação e integração das mulheres como líderes.

Mello e Lima apontam as contradições presentes nas igrejas cristãs, no que se refere à liderança feminina.

[...]conforme observação de alguns estudos há que se levar em conta que nem sempre as mudanças nas hierarquias eclesiais resultam das reivindicações e da pressão das mulheres que as integram. Fatores de outra natureza têm favorecido a adoção do pastorado feminino em algumas igrejas, como, por exemplo, o acirramento da competição religiosa e o reduzido número de homens para o sacerdócio, podendo-se observar também que, em sua forma mais simples, as opiniões com relação ao papel do ministério das mulheres nas igrejas estão divididas em dois grupos distintos: aqueles que acreditam que às mulheres deve ser permitido ocupar posições de autoridade pastoral na igreja, e aqueles que creem que somente homens podem ter tais posições (Mello e Lima, 2016, p.124).

5.3. A mulher na igreja: um olhar sobre a Bíblia

No Antigo Testamento, pode-se identificar algumas mulheres que tentaram romper com as barreiras para não serem consideradas inferiores aos homens, entretanto, já ao nascer, elas não eram recebidas com festas e alegrias, como os homens. Mesmo assim, podemos identificar mulheres que se destacaram, como: Débora, a juíza, que aceita ir à guerra com Baraque (Bíblia, 2023, Juízes 4, 8 - 9) e Ester, que foi “indicada por Deus” (de acordo com os textos bíblicos) para libertar o

seu povo e se tornou uma grande líder. As palavras de Ester podem demonstrar o seu poder de liderança:

Vá reunir todos os judeus que estão em Susã, e jejuem em meu favor. Não comam nem bebam durante três dias e três noites. Eu e minhas criadas jejuaremos como vocês. Depois disso irei ao rei, ainda que seja contra a lei. Se eu tiver que morrer, morreréi (Bíblia, 2023, Ester 4, 16).

Entretanto, neste contexto, muitas mulheres eram criadas para o casamento e eram consideradas “mercadoria de troca” para os pais, pois o homem que se casava com elas pagava um dote para a família da noiva.

Sobre estas questões, afirmam Mello e Lima:

Na tradição judaica, de características eminentemente patriarcais, a mulher sempre foi considerada diferente do homem. Essa forma de pensar vem embasada na tradição bíblica, que diz que Deus se revela na pessoa humana. Mulher e homem como pessoas distintas, iguais, livres em comunhão recíproca, desde a criação. Apesar deste pensamento divino de igualdade entre o homem e a mulher no Antigo Testamento, já se pode observar a discriminação da mulher, que era propriedade do marido; não tinha autonomia nem era contada entre os habitantes; se nascia estéril, era relegada ou substituída pela escrava; tinha participação passiva somente para procriação; convivia com a poligamia do marido, sem direito de reclamar (Mello e Lima 2016, p.121).

Assim, de acordo com a Bíblia, em uma parte as mulheres precisam ser submissas, porém,

o que significa ser submissa? Para entender o que a Bíblia diz sobre a mulher ser submissa, primeiro é preciso entender o que é a verdadeira submissão. Na escritura sagrada, a submissão é uma regra para todo cristão. Todos devem se submeter à autoridade suprema de Deus (Bíblia, 2023, Tiago 4, 7). A autoridade de Deus está acima de qualquer outra autoridade e devemos sempre obedecer a Ele. Portanto, este livro explicita a necessidade de submissão de todos que pretendem seguir os preceitos cristãos.

Constata-se que na Bíblia, no Antigo Testamento, não existem muitas histórias de mulheres na liderança, porém, no Novo Testamento, nos Evangelhos, as personagens femininas são numerosas e grupos de mulheres acompanhavam Jesus e seus discípulos. Jesus Cristo deu voz às mulheres. Ele considerava a importância de todos obedecerem, sem fazer a distinção de homem, mulher, classe social ou pecador. Ele olhava para a intenção do coração

Jesus citava mulheres como exemplo de confiança e caridade, como é o caso de Cananea, que demonstrava uma grande fé ou como a mulher “pecadora” que derramou em seus pés um perfume muito caro. Algumas delas foram acusadas pelos fariseus de serem “pecadoras”, mas Jesus libertou a mulher adúltera, que seria lapidada. Ele conversou longamente com a samaritana, para grande surpresa dos discípulos.

Tamez (2004 apud TEIXEIRA, p. 4), nos diz que Jesus não fazia distinção (Ou seja, mesmo inseridas numa sociedade patriarcal em que as mulheres eram concebidas como bens do chefe de família e inferiores, dentro do movimento de Jesus, não existia esta distinção entre mulheres e homens). Segundo ele,

existia uma ordem de vida diferente do modelo hierárquico no qual as mulheres da época estavam acostumadas. Talvez por isso, deixou-se cercar e ser seguido por mulheres, já que as mesmas eram discriminadas dentro do judaísmo, restabelecendo assim a dignidade perdida dentro de uma sociedade patriarcal. Não deixando de destacar que, a referida posição de Jesus quanto às mulheres, também poderia ter sido motivada pela proximidade de suas pretensões, ou seja, proteção das minorias e dos excluídos. Embora a autora direcione a sua fala as mulheres, essas faziam parte de um grupo de excluídos seja economicamente (pobres), socialmente (mulheres, crianças, prostitutas e doentes), politicamente (cobradores de impostos, revolucionários etc.), culturalmente ou religiosamente (soldados romanos, pagãos etc.).

Para identificar o papel das mulheres dentro e fora da igreja, os elementos femininos podem fazer como as mulheres citadas que ficavam perto de Jesus, ouviam seus ensinamentos e os seguiam.

5.4. A liderança feminina na escrita de estudiosos e pesquisadores da teologia.

Para Margaret Rago (2010), que faz a apresentação do livro de Gebara (2010), a autora que discute o feminismo na religião apresenta ideias fascinantes pela lucidez e ousadia em tratar de assuntos polêmicos como: o aborto, o direito das mulheres em diferentes setores da sociedade, o combate à exclusão do sexo feminino, a denúncia do fundamentalismo nas religiões e a constatação da desqualificação da figura feminina. Neste livro, Gebara aponta que as mulheres têm demons-

trado atitudes de rebeldia em relação às leis prioritariamente masculinas, especialmente nas igrejas. Assim, afirma que junto às diferentes disputas, aparecem as diferenças nas interpretações em relação à liderança feminina nessas igrejas:

As Igrejas e as religiões são também lugares, talvez de forma diferente do que no passado, de disputas internas e dissensões, não só do ponto de vista doutrinário como do ponto de vista das práticas religiosas e políticas. Cada grupo quer ter razão sobre a maneira de interpretar a tradição religiosa e a maneira de torná-la presente na história atual (Gebara, 2010, p.74).

Portanto, como apontado anteriormente não existe uma visão homogênea sobre a liderança das mulheres nas igrejas. Cabe a toda a sociedade abrir caminho para que esta participação seja cada vez mais ativa.

Miranda (2009), em sua dissertação de mestrado, pesquisa a participação das lideranças femininas nas igrejas pentecostais, investigando se a possibilidade do crescimento de pastoras mulheres contribui para transformar a hierarquia social de gênero, tentando romper com a ideia de que a mulher deve permanecer no âmbito doméstico, sem almejar o âmbito público, que ocuparia no caso de ser pastora. Nessa pesquisa qualitativa e empírica em uma cidade do Rio Grande do Norte, a estudiosa organiza suas considerações finais, apontando que as mulheres já conseguiram um lugar de destaque na sociedade como pastoras, entretanto, na maioria das vezes, ainda permanece a desigualdade de gênero, a predominância da atuação da mulher no âmbito privado e a dependência da visão masculina. Entretanto, a autora afirma que:

[...]o exercício do pastorado feminino e o campo pentecostal evangélico brasileiro, ao legitimar o pastorado feminino, adapta -se à conjuntura moderna de fragmentação e complexidade dos grupos sociais e sua influência pode determinar, mesmo que lentamente, alterações nas relações de gênero (Miranda 2009, p.78).

Desta forma, pela afirmação da autora, observa-se uma mudança do ideário no que se refere a liderança feminina e as relações de gênero em geral, pois explicita-se um movimento de diálogo mútuo entre ambos, indicando possibilidades promissoras para a inserção da mulher em espaços públicos, como líder em diferentes setores da sociedade.

Silva (2014, p.163) apresenta uma dissertação que teve como objetivo “compreender o sentido e o significado da ordenação feminina ao pastorado.” A autora realizou uma pesquisa qualitativa e entrevistou pastores e pastoras, chegando à constatação de que, inicialmente, as mulheres foram valorizadas para exercerem a liderança auxiliar por realizarem aconselhamentos familiares de forma mais adequada que os pastores masculinos, porém nem sempre são consideradas para outros trabalhos e para exercer o pastorado principal.

Desta forma, os diferentes autores procuram estudar e pesquisar a ascensão feminina no pastorado religioso e as dificuldades que essas mulheres ainda enfrentam para serem reconhecidas como líderes.

5. Resultados

Na maioria das igrejas cristãs, as mulheres

não são consideradas como pessoas que podem exercer a liderança como pastoras. Algumas delas procuram trabalhar para conquistar espaços significativos e serem líderes, enquanto outras mulheres desistem deste “chamado de Deus” e se conformam em ficar apenas cuidando do círculo de orações e da organização da igreja.

Pude também observar e confirmar, pela leitura dos textos, que todas as situações que vivenciei na prática estão presentes nas escritas de pesquisadores, que investigaram sobre a liderança das mulheres nas igrejas cristãs. Sendo que, esses textos também ajudaram a constatar que não estou sozinha no enfrentamento do poder patriarcal dentro da igreja. Essas constatações comprovaram a importância da relação teoria e prática.

Ao fazer a leitura apurada da Bíblia Sagrada, em alguns trechos estudados, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, embora tendo observado que as mulheres foram tratadas como inferiores aos homens, constatei que os trechos que expõem a “palavra de Deus” e muitas ações de Jesus Cristo demonstraram considerar a igualdade entre homens e mulheres.

Os textos estudados mostraram uma diversidade de situações em igrejas cristãs espalhadas pelo país. Acredito que as mulheres necessitam reivindicar seus direitos de liderança com autoridade, porém, com uma expressão respeitosa para atingir os seus objetivos e que as suas conquistas podem colaborar com a igualdade de gênero em diferentes espaços da sociedade. Quanto ao aconselhamento familiar, considero que pastores e pastoras podem realizá-lo de forma adequada.

6. Considerações Finais

Este trabalho pretendeu compreender a participação ativa das mulheres como líderes nas igrejas cristãs. Para isso, busquei relatar as minhas experiências em diferentes igrejas e as vivências de pastoras conhecidas, constatando que as mulheres têm demonstrado ousadia na busca de colaborar, cada vez mais, como líderes, com o crescimento espiritual das pessoas, orientando-as nas questões familiares e financeiras, possibilitando a melhoria de suas vidas.

Verifiquei que na Bíblia também aparecem comprovações da importância da mulher na liderança religiosa. Tanto no Antigo, como no Novo Testamento aparecem relatos de mulheres que se destacaram como guerreiras e pregadoras, colaborando com o alcance dos objetivos cristãos, de acordo com “os propósitos de Deus”, no sentido bíblico.

Considero que tanto os pastores quanto as pastoras são importantes no trabalho religioso dentro e fora das igrejas cristãs, embora as mulheres ainda necessitem de um movimento gradativo de conquista de espaços para exercerem uma liderança diferente, porém tão valiosa como a liderança masculina.

Desta forma, seria necessária a continuidade desta pesquisa, complementando as comprovações sobre o valor da liderança feminina nos espaços religiosos.

7. Fontes Consultadas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CHANTAL, Graziela Silva. *Agora que são elas: a liderança do pastorado feminino*. Revista

Coisas de Gênero: revista de estudos feministas em teologia e religião. São Leopoldo: v. 5 n. 1 | p. 179-193 | Jan.- Jun. 2019.

Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>. Acesso em 14 de agosto de 2023

GEBARA, Ivone *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. Antologia de textos São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010.

MELLO, Adriana Girão da Silva e LIMA, Daniel Barros de. *A mulher e os desafios na conquista do pastorado: Um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus*. Revista *Coisas de Gênero: revista de estudos feministas em teologia e religião*. São Leopoldo: v. 2 n.1|p.119-134| jan.-jul.2016. Disponível em:

<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

MIRANDA, Fernanda Honorato. *Religião e mulher: liderança e feminismo no pentecostalismo evangélico*. 2009. - Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pós – Graduação em Ciências Sociais, Natal: (RGN), 2009 Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13579>. Acesso em 26 de agosto de 2023.

SILVA, Eliana Coelho da. *Chamadas por Deus: características do pastorado feminino na cidade de Fortaleza*. 2014. 172f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2014. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/18205>. Acesso em 18 de agosto de 2023.



O MOVIMENTO FEMINISTA E A SUA INFLUÊNCIA NO LAR CRISTÃO

Elino Júlio dos Santos¹

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar e refletir sobre movimento feminista e a sua influência no lar da família cristã. Fez-se necessária uma breve contextualização da história do movimento feminista, assim como dos escritos presentes na Bíblia. A finalidade foi compreender a trajetória do papel das mulheres no lar familiar e na sociedade, até os dias de hoje. Foram pesquisados e analisadas literaturas acadêmicas e textos do Antigo Testamento e Novo Testamento da Bíblia. Sendo assim, passou-se a análise da influência do movimento feminista no lar da família cristã, considerando os diferentes estágios desse movimento. As análises das pesquisas realizadas demonstraram que as famílias, na sua maioria, não somente as cristãs como as não cristãs, ao longo da história, foram impactadas pelo feminismo. Portanto, esse movimento provocou uma transformação no conceito e na estrutura da família, e conseqüentemente na sociedade.

Palavras-chave: Movimento Feminista. Famí-

lia Cristã. Transformações

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende aprofundar as raízes do movimento feminista ao longo dos tempos, na perspectiva de compreender como as suas diferentes ramificações e tendências influenciaram as famílias cristãs até a contemporaneidade. Essa influência foi constada por mim em diferentes organizações familiares, em múltiplos relacionamentos parentais, nas práticas educacionais adotadas na educação dos filhos e nas interações dos casais.

Assim, pretendo explicitar o posicionamento de autores sobre este tema e aprofundar os escritos presentes na Bíblia que indicam questões relacionadas às mulheres e à família cristã.

Desta forma, o problema central que organizou a pesquisa foi: Como o movimento feminista transformou a organização e os relacionamentos nas famílias cristãs até os dias de hoje?

1 - Estudante do terceiro semestre do curso de Teologia da FAEP e participante do Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, no ano de 2023.

2 - Organizações familiares São elas: Família "Tradicional"; União Estável; Família Homoafetiva; Família Paralela ou Simultânea; Família Poliafetiva; Família Monoparental; Família Parental ou Anaparental; Família Composta, Pluriparental ou Mosaico; Família Natural, Extensa ou Ampliada; Família Substituta; Família Eudemonista.

Fundamentado nesse problema, a hipótese elaborada foi: o movimento feminista modificou a organização e os relacionamentos da família cristã, interferindo no pensamento, na dinâmica de poderes, na educação dos filhos e na estrutura econômica, social, cultural e religiosa dos seus integrantes.

Portanto, considero de extrema relevância conhecer as origens do movimento feminista e sua trajetória, na perspectiva de compreender as suas influências na estrutura familiar e por consequência na sociedade.

2. OBJETIVOS

Os objetivos propostos para desenvolver a pesquisa foram:

- Objetivo Geral: Compreender as principais influências do movimento feminista na família cristã.

- Objetivos Específicos: a) estudar as origens e fundamentos dos Movimentos Feministas; b) analisar as características da família cristã desde os tempos registrados na Bíblia, no Antigo Testamento e no Novo Testamento; c) identificar as principais influências do movimento feminista nos diferentes aspectos do lar da família cristã.

3. METODOLOGIA

Para organizar a pesquisa e o texto que relata os principais aspectos estudados e analisados, foi realizada uma revisão da literatura sobre o tema, portanto, inicialmente uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Esta investigação, na Bíblia e em textos e li-

vros acadêmicos, possibilitou a elaboração de resultados provisórios que responderão parcialmente à questão levantada. Por meio da experiência vivida nas igrejas cristãs e com diferentes famílias, foi possível realizar um recorte no material consultado e um entrelaçamento entre as leituras e as observações concretas sobre os encaminhamentos das famílias frequentadoras das igrejas cristãs.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1 O que é o movimento feminista?

O movimento feminista é um movimento político, filosófico e social, o qual defende que homens e mulheres tenham os mesmos direitos e oportunidades. É uma luta contra a violência à mulher; é uma luta por igualdade salarial; é uma luta por maior representatividade feminina na política; é uma luta contra o assédio à mulher. Isto é, uma luta para alcançar a igualdade de direitos e também uma luta contra as manifestações do machismo³ na sociedade, para que se possa construir uma sociedade com igualdade de condições entre os gêneros.

4.2 Origem do movimento feminista

A origem do Movimento Feminista aconteceu no período das revoluções liberais, no século XVIII, principalmente na Revolução Francesa e dos ideais do Iluminismo. Apesar do surgimento destas novas ideias, as mulheres não se viam contempladas com direitos iguais a dos homens. Desta forma, elas começaram a lutar por estes direitos. Porém, somente no século XIX que o movimento ganhou força, principalmente nos Estados Unidos da Amé-

3 - Machismo é uma forma de discriminação e desigualdade de gênero que favorece e promove a superioridade e o poder dos homens sobre as mulheres; Opinião ou atitudes que discriminam ou recusam a ideia de igualdade dos direitos entre homens e mulheres.

rica e na Europa.

Foi no período da Revolução Industrial na Inglaterra que as mulheres começaram a lutar por igualdade de condições de trabalho. Elas exigiam uma carga de trabalho e salários iguais a do homem. Nos Estados Unidos da América a pauta principal das mulheres foi o direito ao voto (sufrágio).

4.3 Ondas do Movimento Feminista

Ao pesquisar a história do movimento feminista, percebe-se que há uma evolução nas principais pautas de reivindicação das mulheres, assunto que abordarei a seguir:

4.3.1 Movimento Sufragista (Primeira Onda)

Pode-se dizer que o Movimento Sufragista foi a primeira onda do movimento feminista. Movimento que ocorreu em diversos países, entre o fim do século XIX e a primeira metade do século XX, feito por mulheres que reivindicavam direitos políticos, especificamente direito de votar e de serem votadas.

4.3.2 Segunda Onda Feminista

A Segunda Onda do Movimento Feminista aconteceu na década de 1960 até a década de 1980. Período em que o contexto no mundo era de Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética e ditaduras em vários países da América Latina.

As principais pautas de reivindicação do feminismo neste período era a liberdade de auto-

nomia da mulher sobre seu corpo, acesso a método anticonceptivos e distinção entre gênero e sexo.

4.3.3 Terceira Onda Feminista

A Terceira Onda Feminista tem início a partir da década de 1980. Surgiu em um contexto de pós-Guerra Fria. As feministas começaram a debater sobre alguns aspectos do movimento das ondas anteriores. Uma das questões debatidas foi sobre a necessidade de a mulher ser feminina, ou seja, o conceito de feminilidade. Além disso outras questões que começam a ser debatidas são o ⁴gênero fluido, o ⁵não binarismo, a ⁶interseccionalidade e a ⁷teoria queer.

4.3.4 Quarta Onda Feminista

A Quarta Onda Feminista tem início a partir da década de 2010, surgindo em um contexto em que as tecnologias digitais se desenvolvem cada vez mais. Podemos dizer que o mundo digital mudou e está mudando a maneira das pessoas pensarem, agirem e ter uma percepção de si próprio e do mundo ao redor.

4.4. O Feminismo e as suas Vertentes

No Movimento Feminista há mulheres de várias classes sociais, classe alta, classe média

4 - Pessoas que não se identificam com um único papel de gênero ou identidade de gênero, fluindo entre vários. São também aquelas cujo gênero é insólito ou muda de tempos em tempos.

5 - Não se sentir pertencente ao gênero masculino ou ao feminino; pessoas que não se percebem como pertencentes a um gênero exclusivamente. Isso significa que sua identidade de gênero e expressão de gênero não são limitadas ao masculino e feminino.

6 - Permite compreender melhor as desigualdades e a sobreposição de opressões e discriminações existentes em nossa sociedade. Não existe uma mulher universal, mas sim vários grupos de mulheres, como as da classe alta, as da classe média, as da classe baixa, as mulheres brancas, as negras, as indígenas e etc., e cada grupo tem uma pauta de reivindicação específica, portanto, as reivindicações de cada grupo devem ser pensadas pelo movimento feminista.

7 - A teoria queer (do inglês: queer theory) é uma teoria sobre o gênero que afirma que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

alta, classe média, mulheres trabalhadoras e mulheres pobres, mulheres indígenas, mulheres negras etc. Sendo assim, cada vertente do feminismo é um grupo de mulheres que lutam por direitos, porém, por uma ótica diferente. Assunto que abordarei a seguir:

4.4.1 Feminismo: Vertente Liberal - Concentra-se mais em questões como a igualdade no local de trabalho, na educação e nos direitos políticos.

4.4.2 Feminismo: Vertente Marxista ou Socialista - A opressão contra a mulher não é só pelo machismo, mas também pelo capitalismo. Lutam por mudanças no sistema para alcançarem a igualdade.

4.4.3 Feminismo: Vertente Interseccional - Há vários grupos de mulheres, cada grupo tem uma pauta de reivindicação específica.

4.4.4 Feminismo: Vertente Radical - Buscam compreender as origens da opressão da mulher, então lutar contra a estrutura que gerou tal opressão. Lutam também pela abolição do conceito de gênero e são contra a prostituição e a pornografia.

4.4.5 Feminismo: Vertente Negro - Lutam contra o genocídio da juventude negra, contra preconceito e o racismo da mulher negra, contra preconceito das religiões de matrizes africanas.

4.5. O que é Família?

De acordo com o Dicio, Dicionário Online de Português (2023), a palavra “família” é um grupo de pessoas que partilha ou que já partilhou a mesma casa, normalmente estas pessoas possuem relações entre si de parentesco, de ancestralidade ou de afetividade. Pessoas cujas relações foram estabelecidas pelo casamento, por filiação ou pelo processo de adoção. Grupo de pessoas que compartilham os mesmos antepassados; estirpe, linhagem,

geração.

A palavra “lar” de acordo com o Dicio Dicionário Online de Português, significa, lugar onde vive uma família; habitação, casa; reunião das pessoas que vivem numa casa; família: casou-se para ter um lar. Local onde há harmonia, onde as pessoas vivem e sentem-se bem. Portanto, família são pessoas que possuem relações entre si de parentesco, de ancestralidade ou de afetividade, cujas relações foram estabelecidas pelo casamento, por filiação ou pelo processo de adoção, que vivem num mesmo lar. Podemos dizer que é o lugar onde os membros da família anseiam por estar nele, pois há harmonia. É o lugar onde as pessoas refazem suas energias, alimentam-se de afeto e encontram o conforto do acolhimento.

4.6 Origem da Família, Segundo a Bíblia

Na Bíblia (2023), no livro de Gênesis, está registrado que Deus criou o homem e a mulher. Criou a mulher para que ela seja uma ajudadora do homem. Relata que o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e eles se tornarão uma só carne. Afirma também que Deus abençoou o casal solicitando que eles sejam férteis e se multipliquem (Gn 1.27-28; 2.18; 2.22-24).

Ao meu olhar, isto significa dizer que Deus é o instituidor da família e do lar.

4.7 A Estrutura da Família no Antigo Testamento na Bíblia

Segundo Siqueira, em seu artigo, “Família e estrutura social no Antigo Testamento”, relata que a estrutura familiar no Antigo Testamento era composta da seguinte forma:

Ao marido: a) Administrador dos bens da famí-

lia. Distribuidor das tarefas de casa; b) Mantenedor da ordem sobre as questões de família, garantindo a integridade da moral da família. c) Responsável pelo culto familiar. A esposa: a) Compartilhar das responsabilidades exercidas pelo marido, educar os filhos e filhas, garantindo e ordenando o convívio em família; b) Dar à luz a filhos e filhas; c) Fonte de amor – proporcionar prazer ao marido, e ser fonte de amor na família. Aos filhos: a) Participar dos trabalhos em família; b) Observar e acatar os princípios éticos da família; c) Obediência ao pai e a mãe; d) Substituir o pai ou os irmãos, em caso de morte, exercendo as respectivas funções (Siqueira, 2010, p. 19-21).

4.8 Convívio Saudável em Família Segundo a Bíblia

A Bíblia nos dá ensinamentos fundamentais para um convívio saudável em família. No livro de Efésios, principalmente, e em outros livros da Bíblia encontramos referência de como deve ser o comportamento de cada membro da família:

A esposa: Ensina que, assim como se confia em Jesus como protetor e supremo Salvador, e por isso, voluntariamente, há obediência a Ele e a realização da Sua vontade, assim a mulher deve ser com seu marido (Ef 5.22-24).

Ao marido: Ensina que o marido deve amar a sua esposa, da mesma maneira como Jesus amou a igreja, cuidando dela e se entregando em sacrifício de morte por ela. Assim também o marido deve amar a sua esposa como a seu próprio corpo, pois o homem, unindo-se a sua mulher, tornam-se, os dois um só corpo, e quem ama a sua esposa ama o seu próprio corpo e cuida dele (Ef 5.23-33).

Aos filhos e filhas: Ensina que a obediência

deles ao pai e a mãe é de fundamental importância (Ef 6.1-3; Cl 3.20). Em Pv 1.8-9 ensina que os filhos devem aceitar a correção de seu pai e da sua mãe e não desprezar o ensino deles.

Ao pai e a mãe: São os responsáveis pelo cuidado e educação dos filhos; devem disciplinar os filhos e filhas, se quiserem ter esperança da não morte deles; devem corrigir a criança, porque ela se tornará sábia, caso contrário ela se tornará indisciplinada, e envergonhará a mãe e o pai; devem conversar com os filhos o tempo todo, em todos os lugares que estiverem; não irritar seus filhos, mas criá-los segundo a instrução e o conselho do Senhor; nunca se esquecer das coisas que Deus fez, conservando-as na memória por toda a sua vida, e que contar aos filhos e às filhas aos netos e às netas; ensinar os filhos com persistência, todas as coisas que Deus ordena. (Pv 22.6, 19.18, 29.15, 17; Ef 6.4; Dt 4.9, 6.6-7).

4.9 Vida Familiar Feliz, Segundo a Bíblia

A Bíblia ensina como é possível ter uma vida familiar feliz. Basta ter um comportamento conforme ela orienta. No livro de Tt 2.3-5, a Bíblia orienta que as mulheres mais velhas precisam ser reverentes na sua maneira de viver, não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas serem capazes de ensinar o que é bom, assim elas poderão orientar as mulheres mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus próprios maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada.

Quanto aos homens, o livro 1 Pe 3.7 afirma que os maridos devem ser sábios no convívio com suas mulheres e tratarem-nas com honra, como parte mais frágil e coerdeiras do dom da graça da vida, de forma que não

sejam interrompidas as suas orações. Em Ef 5.23-31 ensina que o marido deve amar a sua esposa, da mesma maneira como Jesus amou a igreja, cuidando dela e se entregando em sacrifício de morte por ela.

5. RESULTADOS

Diante desta pesquisa e reflexões realizadas, posso dizer que o movimento feminista contribuiu e ainda continua contribuindo, ao longo do tempo, para uma transformação sobre o conceito e sobre a estrutura da família. Esta pesquisa possibilitou alcançar o objetivo proposto do objeto de investigação, que é, compreender o Movimento Feminista e a sua influência no lar familiar.

O resultado obtido nestas pesquisas é que as reivindicações das feministas contribuíram fortemente para a mudança de pensamento, dos conceitos e sobre a estrutura do que se pensava sobre família. A mulher, no contexto atual, com as suas conquistas, não está mais sujeita a tradições conservadoras e sobre o conceito e estrutura da família, pois agora, elas podem ir para a escola; participar da política, votando e sendo votada, como vereadora, deputada, ministra, governadora e presidenta. Elas conquistaram o direito de ter e de participar de coisas consideradas masculinas, como em profissões, ocupando cargo de liderança, por exemplo, ser delegada de polícia; ser jogadora e árbitra futebol, participar de outras modalidades esportivas; ser engenheira; ser mestre de obra, liderar e sustentar uma família, um lar; ter propriedades, pedir o divórcio, e etc..

Com todas estas conquistas podemos dizer que é quase impossível não haver transformações na prática no conceito e na estrutura da família, seja cristã ou não cristã, que formam a toda a sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto neste trabalho, concluo que Deus, através da sua Palavra, a Bíblia, é o criador do homem e da mulher e instituidor da família. E como instituidor da família, Deus organizou-a, dando a cada membro responsabilidades, para que tudo ocorresse de forma saudável. Mas o ser humano, por razão da sua natureza interior corruptível, deturpou as orientações e ensinamentos de Deus, seguindo um caminho completamente contrário. Com este procedimento do ser humano, principalmente do homem, causou todo este caos de discriminação para com a mulher, colocando-a em um nível, erroneamente, de subjugação, de um ser inferior. Porém, o movimento feminista vem sendo a força da mulher, para desconstruir este pensamento machista que foi se estabelecendo durante séculos. E de forma efetiva, por meio do feminismo, a mulher, muito conquistou e ainda há muito a conquistar, libertando-se da opressão do machismo estrutural.

Segundo Hintze sobre machismo estrutural:

Machismo estrutural é a construção, a organização, a disposição e a ordem dos elementos que compõe o corpo social, dando sustentação à dominação masculina, branca, heterossexual (entre outros atributos), em detrimento da condição autônoma do feminino, da mulher e de todos os gêneros que escapem a qualquer classificação binária na sociedade e em seus aspectos subjetivos (Hintze, 2019).

Creio que homens e mulheres podem atuar em várias áreas na estrutura e na organização da família, visando o bem-estar dela, sem a necessidade de entrarem em guerra. Homem

e mulher têm a mesma essência, a divina, sagrada. Portanto, ambos devem expressar esta essência: ser justo, santo, amoroso, misericordioso, bondoso, benigno, verdadeiro. Sendo assim, a instituição família e o instituidor irão agradecer.

É grande e contínua a luta da mulher por conquistas. Penso que está longe de acabar. Dessa forma, o objetivo deste trabalho não é esgotar a discussão, o debate da relação mulher, homem e família. O que se busca é trazer à luz pensamentos que impulsionam essas transformações que a família e a sociedade tanto necessitam.

FONTES CONSULTADAS

ALMEIDA, Clarissa Lavocat Galvão. Perspectivas Feministas sobre a Família: A Influência do Movimento Feminista na Transformação do Direito de Família Brasileiro. Universidade de Brasília - Biblioteca Central. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/27430>>. Acesso em: 30/07/2023

BÍBLIA NVI; Bíblia - Nova Versão internacional. Disponível em: Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi>, 2023. Acesso em 27/07/2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 28 de julho de 2023.

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie; O Perigo de uma História Única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Dicio, Dicionário Online de Português. 2009 – 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 28/07/2023.

HINTZE, Hélio. Machismo Estrutural e Privilegios do Homem. Disponível em: <<https://heliohintze.com.br/post/machismo-estrutural-e-privilegios-do-homem/20>>. Acesso em: 29/08/2023

MENEZES, P. Família: conceito, evolução e tipos. Toda Matéria: conteúdos escolares. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/familia-conceito-tipos/>>. Acesso em 28 de julho de 2023.

PERRETI, C.; SBARDELLA, E. L. Família, fé e cultura: análise bíblica e contribuições de René Girard. Revista de Cultura Teológica. Ano XXIX - Nº 98 Jan - Abr 2021. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/49890>>. Acesso em 28/07/2023.

POLITIZE. O Que é Feminismo? | 4 Ondas e Principais Correntes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fHcnGaloygc>>. 30 de ago. de 2021. Acesso em: 14 de julho de 2023.

REZENDE, Milka de Oliveira. “Movimento sufragista”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/movimento-sufragista.htm>. Acesso em 19 de julho de 2023.

SIQUEIRA Tércio Machado. Família e estrutura social no Antigo Testamento. Revista Caminhando, v. 5, n. 2 [n. 7], p. 17-27, 2010 [2ª ed. on-line; 1ª ed. 1994] 27. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/2254/2188>>. Acesso em: 30/07/2023

VARGAS MURGA, H. Tipo de familia y ansiedad y depresión. Rev Med Hered, Lima, v. 25, n. 2, p. 57-59, abr. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1018-130X2014000200001&lng=es&nrm=iso>>. Acesso em: 29/07/2023.



O PAPEL DO NARRADOR NO LIVRO E NO FILME CIDADE DE DEUS DE PAULO LINS

Anderson Gonçalves Pereira

Resumo

O presente artigo é uma análise comparativa do papel do narrador no livro e no filme *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. O romance *Cidade de Deus*, que deu origem ao filme, nasceu de uma pesquisa realizada por Paulo Lins no conjunto habitacional *Cidade de Deus*, localizado na cidade do Rio de Janeiro. O livro começou a ser escrito em 1986 e foi publicado em 1997. Em 2001, *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, foi levado às telas por Fernando Meirelles. O filme revela como uma favela que surgiu nos anos 60 se tornou um dos lugares mais perigosos do Rio de Janeiro nos anos 80. A comparação entre o livro e o filme apontará as diferenças entre o narrador do livro e o do filme. Por meio do método comparativo e com base em estudos sobre o narrador no romance e no cinema, foi possível apontar que há uma distinção no papel do narrador do relato impresso na adaptação para o relato audiovisual.

Palavras-chave: *Cidade de Deus*. Narrador. Adaptação cinematográfica.

Introdução

Atualmente, as narrativas literárias que relatam o cotidiano dos excluídos e marginalizados têm alcançado posição de destaque nas

prateleiras das grandes livrarias e ganharam vida nas telas de cinemas tanto no Brasil como no exterior. Tais narrativas retratam o cotidiano da periferia dos grandes centros urbanos, onde há uma crescente onda de violência, que tem assolado a população brasileira.

Diante dessa realidade, essas narrativas podem ser consideradas instrumentos de denúncia das péssimas condições de vida dos habitantes das periferias das grandes metrópoles brasileiras, revelando o descaso das autoridades para com a população.

A adaptação dessas obras para o cinema tem ocorrido com frequência e os resultados alcançados são extraordinários, pois foram feitas belíssimas obras cinematográficas, que, apesar de serem ficcionais, procuram aproximar-se ao máximo da realidade.

Considerando a importância dessas obras e os temas polêmicos abordados em muitas delas, o presente trabalho escolheu como corpus, o romance *Cidade de Deus* de Paulo Lins, e o filme homônimo, dirigido por Fernando Meirelles, pois tanto o livro como o filme são narrativas que revelam com maestria as mazelas da periferia do Rio de Janeiro.

O foco de análise será direcionado para o nar-

rador. A pesquisa teve como objetivo investigar o papel do narrador em ambas as obras, visando distinguir a diferença entre a maneira de narrar em dois relatos: um impresso e o outro audiovisual.

A escolha do corpus pode ser justificada pelo impacto causado pelas duas obras na sociedade brasileira; tanto o livro como o filme podem ser considerados obras de arte singulares para a literatura e para o cinema brasileiro, além de tratarem de temas que são polêmicos e estão frequentemente em evidência, como: a corrupção de policiais, abusos da autoridade, o tráfico de drogas e a existência do poder paralelo nas periferias e outros.

O romance *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, foi publicado em 1996. Com esse romance, Lins estreia como romancista após um longo período atuando como poeta. O romance é dividido em três capítulos que retratam três períodos da favela, os anos 60, 70 e 80. A trama conta as mazelas dos habitantes do bairro e como o tráfico de drogas tomou conta do local e cada uma das três partes do romance é dedicada aos três protagonistas da narrativa.

O filme homônimo dirigido por Fernando Meirelles, lançado em 2002, também tem como cenário o bairro *Cidade de Deus*. O filme foi produzido após cinco anos da publicação do romance. A obra produzida por Fernando Meirelles teve a colaboração de Kátia Lund, como codiretora, e Bráulio Mantovani, como roteirista; teve César Charlone como diretor de fotografia e direção de arte de Tulé Peake.

Além disso, é importante destacar que a produção optou por escolher como atores os próprios moradores das comunidades periféricas do Rio de Janeiro. Esse elenco foi formado por centenas de jovens atores que, em sua maioria, atuaram pela primeira vez em cena.

A narrativa fílmica também é dividida em três partes. A primeira situada no fim dos anos 60 mostra os primeiros anos de existência desse conjunto habitacional, para onde se mudam duas crianças, Buscapé e Dadinho.

A segunda parte do filme se passa nos anos 70. Buscapé dá continuidade aos seus estudos e arruma um emprego em um supermercado. Ainda assim, ele vive na tênue linha que divide a vida “de otário” da vida no crime. Enquanto isso, Dadinho torna-se um pequeno líder de gangue com grandes ambições: quer se tornar traficante. Ele acredita que fazer assaltos não dava futuro, em um dia toma quase todas as bocas de fumo de *Cidade de Deus* e começa a vender cocaína. Rapidamente, Dadinho torna-se o bandido mais perigoso e temido do local, recebendo um novo apelido, Zé Pequeno, e expande seu negócio.

A terceira parte, situada no começo dos anos 80, mostra como Zé Pequeno se transforma em um dos traficantes mais poderosos do Rio de Janeiro, protegido por um exército armado de crianças e adolescentes entre 11 e 18 anos. Até que ele cruza o caminho de um trocador de ônibus conhecido como Mané Galinha.

Depois de ver sua mulher ser estuprada, Mané Galinha decide se vingar de Zé Pequeno associando-se a outro traficante local, Sandro Cenoura. Estoura a guerra na *Cidade de Deus*.

Nesse meio tempo, Buscapé, que sempre sonhou ser fotógrafo, consegue sua primeira máquina profissional. Registrar essa guerra será a grande chance de sua vida. Deve-se ressaltar que, no filme, a principal personagem não é uma pessoa, mas o próprio bairro. Nota-se que apesar de os fatos serem narrados pela personagem Busca-Pé, ele não é o protagonista da trama, ele atua apenas como um elemento condutor da narrativa, ou seja,

os fatos são apresentados sob o seu ponto de vista.

Referencial Teórico

O narrador na teoria da literatura

Desde a antiguidade até os dias de hoje, muitas histórias foram narradas, e em todas essas histórias a presença do narrador é indispensável, pois é por meio dele que se tem conhecimento dos fatos.

Por ser o detentor do conhecimento, ele assume a função de transmitir esse conhecimento para um determinado público. Esse conhecimento é transmitido pelo narrador da maneira que ele quer, portanto, ele narra os fatos com toda a liberdade e de diversas maneiras.

Essa liberdade do narrador pode ser observada ao longo do processo de evolução das narrativas. Segundo Leite (1997), da Epopéia para o Romance, já é perceptível a presença de diferenças na maneira de narrar:

Na EPOPÉIA, o NARRADOR tinha uma visão de conjunto e se colocava (e colocava o seu público) à distância do mundo narrado. O seu tom era solene; ele era o rapsodo, uma espécie de vate; de iniciado, de mediador entre as musas e seus ouvintes. Já no romance – quando a narrativa se prosifica na visão prosaica do mundo, quando se individualizam as relações, quando a família se torna nuclear, quando o que interessa são os pequenos acontecimentos do cotidiano, os sentimentos dos homens comuns e não as aventuras dos heróis – perde a distância, torna-se íntimo, ou porque se dirige diretamente ao leitor, ou porque nos aproxima intimamente das personagens e dos fatos narrados (LEITE, 1997, p.12).

Nota-se, portanto, que o ato de narrar sofre alteração ao longo do tempo, e que os fatos narrados fazem com que o narrador assumira um posicionamento diferenciado, para que ele possa se adequar a uma determinada situação, a um determinado público-alvo e ao momento em que esses fatos são narrados.

De acordo com Carvalho (1981), o estudo sobre o foco narrativo – ou ponto de vista ganhou destaque com a publicação do livro *The Craft Fiction*, de Percy Lubbock, em 1921. Lubbock em sua obra dedicou toda a sua atenção à investigação da problemática sobre o ponto de vista.

Posteriormente a Lubbock, E.M Foster publica o livro *Aspects of the Novel*, obra, que segundo Carvalho (1981), deu a impressão de apenar a importância do problema relacionada ao foco narrativo, tão agudamente tratado por Lubbock, porém, as investigações sobre o foco narrativo não pararam; outros estudiosos dedicaram-se à realização de novos trabalhos para esclarecer problemas a ele relacionados. Dentre os diversos estudos sobre o foco narrativo, a presente pesquisa destaca o trabalho de Norman Friedman:

Norman Friedman, em seu artigo publicado na revista *PMLA* em 1955 (vol. LXX), tratou extensamente do problema do foco narrativo. Friedman começa citando o crítico Joseph Warren Beach, para quem o maior feito da técnica novelística, desde os tempos de Henry James, foi de fazer com que “a história conte a si própria, sendo conduzida através dos personagens”, como o progressivo desaparecimento do autor “. Referindo-se a Beach e outros romances, Friedman se ocupa longamente da distinção entre contar (“telling”) e mostrar (“showing”) na arte narrativa, apontando

a tendência, cada vez mais marcante no romance do século XX, para que o autor seja objetivo, e nos apresente o evolucionar do enredo e dos personagens de maneira não opinativa (CARVALHO, 1981, p. 8).

Friedman baseia-se na distinção de Lubbock e outros teóricos para compreender os tipos de narradores. Friedman classifica os narradores como: autor intruso, narrador onisciente neutro, “eu” como testemunha, narrador e protagonista, onisciência seletiva, modo dramático e câmera.

O narrador no Cinema

Após a primeira exibição pública de cinema, em 1895, uma nova forma de contar história surgiu. O cinema tornou-se o maior contador de histórias da primeira metade do século XX. Assim como os livros, os filmes também contam histórias, mas há uma distinção entre a maneira de se narrar em um romance e em um filme:

Christian Metz aponta a diferença entre o romance e o filme: o romance é verbal por inteiro, a matéria do filme é amplamente extralingüística. Alguns pesquisadores chegam a recusar a noção de enunciação referindo-se ao filme, sob o pretexto de que esta só pode ser aplicada à palavra e à escrita e não a produção de imagens. Sem chega a privar o filme de enunciação, será necessário em todo caso “conceber um aparelho enunciativo que não seja essencialmente dêitico (e, portanto, antropomorfo), pessoal (como os pronomes denominados dessa maneira) e que não imite tão de perto este ou aquele dispositivo lingüístico”. Para isso, nosso autor propõe em primeiro lugar substituir os termos “enunciador” e “enunciatário”, cujo sufixo duvidoso soa mais à maneira antropomórfica, por “fonte ou

foco de enunciação” e “alvos ou desígnio da enunciação”, mais neutros (VANOYE, 1994, p. 44).

Ademais das distinções nas formas de narrar, deve-se destacar que as noções de tempo e de espaço também sofrem alterações no processo de adaptação de uma obra literária para uma narrativa cinematográfica. Porém, essa pesquisa não visa analisar tal alteração, pois tem como objeto de análise o narrador no cinema, mostrando a diferença que há entre o narrador do romance e o narrador do cinema. Primeiramente, deve-se destacar que no processo de adaptação de uma obra literária para o cinema as palavras são substituídas por imagens, portanto, o narrador já tende a desaparecer, pois é por meio das imagens que os espectadores conhecem os fatos, sem a presença de um narrador ou uma voz.

É por meio da montagem e da edição das cenas que se dá a presença do narrador no cinema:

Através da edição, ou da montagem, diferentes planos situados em um segmento espaço-temporal, podem ser articulados de forma subsequente e seqüências podem ser organizadas, não apenas linearmente, mas também numa variedade de formas. A montagem, determinada pela forma como uma história é contada, aponta para a existência de um mediador que organiza os eventos da história no tempo e no espaço: o narrador. O termo narrador não está necessariamente associado a uma individualidade, mas a presença da diegese, ou seja, da narrativa (CORSEUIL, 2003, p. 300).

Como se vê, a figura do narrador desaparece no processo de adaptação, dando lugar a no-

vas formas de enunciação, e o termo narrador não está associado à narrativa fílmica.

Segundo Metz (1977), o termo enunciação é um termo mais geral do que “narração”, e pode ser usado para qualquer tipo de enunciado, sendo que o termo narração está diretamente associado aos textos narrativos.

Além da montagem e da edição, a focalização também é uma técnica cinematográfica que aponta a presença do narrador:

O focalizador é o agente que vê, e é através de sua sensibilidade que a platéia de um filme entende as emoções das personagens e a visão que eles têm do mundo ficcional, sem que a manipulação do narrador (ou camera narrator) se torne visível. Enquanto que no romance, o pensamento e as ações dos personagens são intermediados pelo discurso direto e indireto do narrador, no cinema ocorre um apagamento dessa intermediação através da focalização dos eventos pelo próprio personagem, sem a aparente intermediação do narrador (CORSEUIL,2003, p. 300-3001).

Percebe-se, então, que nas narrativas cinematográfica há uma combinação de elementos que assumem a função do narrador. De acordo com Metz (1977), nos filmes, há uma instância narradora fundamental que delega poder a vários narradores que estão encarregados da totalidade ou de uma parte da narrativa.

Esse narrador também pode assumir as seguintes formas: pode ser um comentador externo aparecendo sob a forma de voz identificável ou não. Pode ser um narrador observador fora da ação; ou ainda, um narrador fundamental que delega poderes a um ou a vários personagens. Outra forma é o narrador

personagem, dotado de uma voz encarregada de acompanhar a história narrada.

Do papel para as telas

Para que um romance se transforme em um filme, é preciso que ocorra uma adaptação do texto literário para a linguagem cinematográfica.

Field (1995) define adaptação como a habilidade de “fazer corresponder ou adequar por mudança ou ajuste” – modificando alguma coisa para criar uma mudança de estrutura, função e forma, que reproduz uma melhor adequação.

Para Comparato (1983), uma adaptação é uma transcrição de linguagem - muda-se o suporte linguístico usado para contar os fatos. Isto equivale ao ato de transsubstanciar, de transformar a substância, já que uma obra é a expressão de uma linguagem.

No processo de adaptação de um romance para um filme ocorre a elaboração de um roteiro, que pode reproduzir fielmente a obra, ou provocar alterações durante o processo de adaptação.

É importante destacar que existe diferença entre um roteiro e um romance. Field (1995) faz a seguinte distinção entre roteiro e romance: o romance geralmente lida com a vida interior de alguém, pensamentos, sentimentos, emoções e memórias do personagem que ocorrem dentro do cenário mental da ação dramática. Ou seja, um romance trata de aspectos internos das personagens como seus pensamentos, sentimentos e emoções em um determinado tempo e espaço.

Em oposição ao romance, o roteiro lida com exterioridades, com detalhes – o tique-taque de um relógio, uma criança brincando numa

rua vazia, um carro virando a esquina. Um roteiro é uma história contada em imagens, colocada no texto da estrutura dramática.

Portanto, o roteiro tem o compromisso com as imagens externas da estrutura dramática. O romance é a fonte e o roteiro é a experiência visual dessa fonte.

Metodologia

Para resolver questões relacionadas ao foco narrativo no romance, o trabalho tomou como base a tipologia de Norman Friedman. Para solucionar os mesmos problemas relacionados ao narrador no cinema, o presente trabalho teve como base o método de análise da narração fílmica "clássica", elaborado por Christian Metz.

A pesquisa valeu-se do método comparativo para investigar se havia semelhanças ou diferenças entre os narradores das duas obras. Foram selecionados alguns fragmentos do romance que são semelhantes aos apresentados na narrativa fílmica e investigou-se o papel do narrador em ambas as obras. Por meio dessa metodologia, foi possível apontar os canais de informação usados pelo narrador no livro para levar a história ao seu leitor e comparar com os usados na narrativa fílmica.

Resultados e Discussão

Ao longo da pesquisa verificou-se que no processo de adaptação do romance Cidade de Deus para o cinema a trama sofreu algumas alterações. Primeiramente notou-se uma mudança no nome das principais personagens da trama. A personagem protagonista da segunda parte do romance chamada Pardalzinho teve seu nome substituído por Bené na narrativa fílmica. O mesmo ocorreu com o protagonista da terceira parte do romance Zé

Miúdo, que no filme chama-se Zé Pequeno.

Além disso, o roteiro não foi fiel ao romance, pois há uma redução de personagens e de fatos, pois fatos narrados no romance não são mencionados no filme. Como exemplo pode-se destacar que a personagem Inferninho, protagonista da primeira parte do romance, não é mencionado no filme.

A pesquisa também destaca que houve uma alteração no foco narrativo quando o roteiro foi elaborado, pois há uma diferença entre a narração do romance e a fílmica. No romance Cidade de Deus há a presença de um narrador que, segundo Friedman, pode ser caracterizado como narrador onisciente neutro, pois ele conta os fatos em 3ª pessoa, e não narra apenas o que vê, mas também o que as personagens sentem, porém não tece comentários sobre as atitudes das personagens.

No filme a instância narradora é a personagem Busca-Pé. Ele atua como personagem-narrador, pois ele sabe e faz com que saibamos (focalização mental), ele vê, ouve e faz com que vejamos e ouçamos (focalização audiovisual). Ademais da personagem Busca-Pé que é o narrador fundamental, há outros elementos da instância narradora.

Para mostrar a diferença entre o posicionamento do narrador em ambas as obras, seguem as análises dos trechos extraídos do romance e comparados com as cenas do filme. A primeira passagem analisada está na segunda parte do romance:

O sábado de final de mês é sempre bom para quem assalta em mercado, porque eles estão sempre cheios. Dois ladrões dos apês eram observados pelo gerente de salão, que bem os viu acenarem para Busca-Pé quando passavam com uma

televisão, aproveitando a confusão das caixas. Busca-Pé não teve escolha, deixou os ladrões passarem, senão teria de mudar-se da favela para não morrer. Ficou assustado, fingiu que não via a ação dos ladrões ao perceber que seu gerente via tudo. Os ladrões foram presos pelos seguranças denunciados à polícia para não envolver o nome do mercado na página policial dos jornais. Busca-Pé trabalhou o resto do dia preocupado com a possibilidade de os bandidos pensarem que os delatara. Coisa que não aconteceu. Ao chegar para o batente no início da semana seguinte, Busca-Pé foi chamado à gerência. O cocota confirmou tudo o que dissera o gerente do salão. Olhando nos olhos do inquirido falou duro sobre o que poderia lhe acontecer caso delatasse os dois, os gerentes não compreenderam e Busca-Pé foi demitido (LINS, 1997, p. 283).

No trecho anterior o narrador relata o período em que a personagem Busca-Pé trabalha de fiscal no supermercado Macro. O trabalho seria temporário, pois Busca-Pé tem o sonho de ser fotógrafo, portanto, trabalhava para comprar uma máquina fotográfica. Ele queria ser despedido para receber a indenização, comprar a máquina e fazer um curso de fotografia. De acordo com o romance, os planos do jovem não deram certo, pois o dinheiro da indenização não foi suficiente para realizar seu sonho.

Nesse fato da vida de Busca-Pé é possível apontar algumas características do narrador do romance. Nota-se que o narrador pode ser classificado de acordo com Friedman como um narrador onisciente neutro, pois fala em terceira pessoa, descreve e apenas explica os fatos para o leitor.

Identifica-se com facilidade esse narrador onisciente neutro, pois os trechos a seguir trazem as marcas dessa onisciência: “Busca-Pé não teve escolha, deixou os ladrões passarem, senão teria de mudar-se da favela para não morrer”, “Busca-Pé trabalhou o resto do dia preocupado com a possibilidade de os bandidos pensarem que os delatara”.

Percebe-se também que esse narrador relata os fatos com neutralidade, pois não faz nenhum comentário sobre a atitude de Busca-Pé, dos ladrões ou do gerente. O narrador apenas observa, descreve de perto os fatos, denuncia os acontecimentos, mas deixa que o leitor tenha suas conclusões sobre os acontecimentos. É importante destacar que, no romance, a história de Busca-Pé não é o fio condutor da narrativa, já que o jovem é uma personagem secundária.

Quando se compara essa passagem do romance com a cena do filme, percebe-se que Busca-Pé conduz a narrativa, e é ele o responsável pelo desenvolvimento da trama, pois, segundo a teoria de Metz sobre o narrador no cinema, Busca-Pé atua como um narrador-personagem.

Por ser um narrador-personagem, os fatos são transmitidos de acordo com o ponto de vista da própria personagem, porém, no filme, além desse narrador-personagem há outros elementos que atuam para que se tenha conhecimento dos fatos.

A sequência abaixo corresponde ao trecho do filme em que Busca-Pé trabalha no mercado Macro, a duração da sequência é de 1 minuto. No início da sequência aparece o título: VIDA DE OTÁRIO.

Câmera: Travelling de acompanhamento; Plano de detalhe.

Imagem: Vemos Busca-Pé caminhando, entediado, pelos corredores do supermercado guiando um carrinho de compras. Vemos que ele tem um crachá e usa um avental: ele é funcionário do mercado.

Sons: Música agitada, barulho de carrinho andando e de pessoas fazendo compras no mercado.

Falas: Narrador (off): Eu arrumei emprego de fiscal numa loja do Macro, bem longe da Cidade de Deus. Trabalhei lá um tempão, ganhando mixaria. Eu já tava torcendo para eles me mandar embora. Com a grana da indenização eu ia comprar uma máquina fotográfica de verdade. Mas não foi bem assim que as coisas aconteceram.

Câmera: Travelling de acompanhamento; Plano Médio.

Imagem: Câmera se move para outro corredor, onde, os garotos da Caixa Baixa estão enfiando mercadorias no calção. Eles saem do corredor, vão na direção de Busca-Pé. Dois garotos reconhecem Busca-Pé e um o saúda alegremente.

Falas: Garotos (in): I, ó o cara da praia! E ai camarada, ainda está fumando um bagulho du bom? Ai, esse cara é legal pra caramba!

Imagem: Aparece um segurança do mercado.

Câmera: Travelling de acompanhamento; Plano Médio.

Falas: Segurança (in) Ai Moleque! Levanta a camisa.

Imagem: garotos saem correndo.

Falas: Gerente (off): a gente da oportunidade

para essas pessoas da Cidade de Deus, e eles não dão valor nenhum.

Imagem: Vemos o gerente gritando com Busca-Pé, que fica de cabeça baixa, ouvindo a bronca.

Falas: Narrador (in): E meu fundo de garantia?

Falas: Gerente (in): Que fundo de garantia? Que fundo de garantia?

Falas: Narrador (off): O filho da puta do gerente achou que eu tava formado com os moleques da Caixa Baixa.

Falas: Gerente (in): Você podia ser preso, eu podia chamar a polícia, entendeu? É justa causa. Vai, pegas as suas coisas e vai embora.

Falas: Narrador (off): Fui pra rua sem fundo de garantia e sem indenização.

Como se vê, no filme, os capítulos recebem um título correspondente ao assunto tratado nas cenas. Na sequência em análise, o capítulo recebe o título de Vida de Otário, pois retrata um período em que Busca-Pé trabalha muito, para ganhar pouco, portanto, é otário, visto que os bicho-solto (bandidos) não trabalham e estão sempre com dinheiro, com roupas de marcas famosas e com mulheres.

Nesta sequência as cenas revelam a inconformidade com a sua condição de vida e o seu sonho de se tornar um fotógrafo. No relato cinematográfico, o narrador-personagem tem o controle dos fatos, o espectador tem acesso ao que esse “narrador” vê ou fala. Outros elementos auxiliam para que o espectador tome conhecimento dos fatos, como a voz da personagem em off e a câmera que mostra detalhes significativos para o desenvolvimento da narrativa.

Quando relata a sua “vida de otário”, Busca-Pé expressa seus sentimentos e emoções, e o seu ponto de vista sobre os fatos, portanto, o relato é marcado pela subjetividade. Na narrativa fílmica, Busca-Pé conduz os fatos de modo que o espectador conclua que o jovem trabalhador foi injustiçado por ter sido despedido após o assalto realizado pelos garotos da caixa baixa.

A voz do narrador que aparece em off agredindo verbalmente o gerente do mercado deixa a clara marca da subjetividade, pois o narrador relata os fatos e já faz um julgamento após os acontecimentos, portanto, ele induz o espectador.

Segundo Carvalho (2007), Lins em seu romance, ao retratar a Vida de Otário de Busca-Pé aponta uma subversão de valores:

Pela ótica do bandido, o otário é definido como aquele a quem falta esperteza, que se submete ao trabalho por salário baixo e que não veste nem consome como os ricos. Aceita ordens de um patrão autoritário capaz de humilhar o trabalhador com duras ordens. Valoriza as instituições como a família e o trabalho e privilegia valores como o respeito e a dignidade. No cenário violento da favela, desenvolvem estratégias especiais de sobrevivência, educam seus filhos temendo o envolvimento dos mesmos na vida do tráfico e reivindicam melhorias na comunidade onde moram (CARVALHO, 2007, p. 4).

Conforme o excerto, um leitor desatento deixará de observar que Lins, em sua obra, faz uma crítica ao povo brasileiro. O episódio Vida de Otário mostra que, assim como a personagem Busca-Pé, muitos brasileiros levam uma vida de otário, já que a maioria da população

brasileira se submete a trabalhar por baixos salários, veste-se e come mal, e, além disso, está exposta a onda de violência que assola o país.

Em oposição ao trabalhador tem-se a figura dos bandidos “bicho-solto”, que segundo Carvalho (2007):

O bicho-solto, por sua vez, é destituído de quaisquer valores; é seduzido pelo imaginário de sujeito homem e macho que é obrigado a aceitar desafios sob o signo de provar virilidade, pela possibilidade de ascender na hierarquia do tráfico e assim adquirir poder pessoal. Além desses aspectos, é movido pelo fascínio que a posse da arma de fogo exerce, pelo temor que causa no sujeito otário e nos demais bandidos da área e também pelo consumo de estilos e marcas comandados pelo mundo capitalista (CARVALHO, 2007, p. 4).

Nota-se que o bicho-solto é destituído de valor e não está preocupado com as consequências de seus atos. Ele está disposto a fazer o que for preciso para alcançar seus objetivos; não importa se é preciso matar ou roubar, vale tudo para poder ser bem-sucedido financeiramente e respeitado por todos. Tanto no filme como no romance a personagem Zé Pequeno ou Zé Miúdo é um exemplo de bicho solto que faz de tudo para atingir o poder.

Conclusões

A análise comparativa do filme e do romance Cidade de Deus confirma a hipótese de que na adaptação da obra para o cinema não há uma relação de fidelidade entre o romance e o filme. A presente pesquisa revelou que no processo de adaptação do romance para o filme a trama sofreu algumas mudanças. Dentre

essas mudanças pode-se destacar a redução de personagens na narrativa cinematográfica, alterações nos nomes das personagens principais, redução de alguns fatos que compõem o enredo, e destaca-se a mudança do foco narrativo, que foi o principal foco de investigação dessa pesquisa.

Na adaptação do romance para o cinema, os roteiristas optaram por uma mudança na maneira de narrar no filme. No filme, há um narrador em primeira pessoa, já no romance observou-se a presença de um narrador em terceira pessoa.

Apesar de existirem algumas diferenças entre a narrativa fílmica e a literária, percebe-se que há um diálogo entre as duas obras, pois aspectos principais como o bairro Cidade de Deus, a trajetória dos bandidos Zé Pequeno e Bené, e a história de vida da personagem Busca-Pé, personagem secundária do romance, estão presentes em ambas as obras.

O estudo sobre a distinção de foco de narrativo nas duas obras foi significativo, pois a forma de narrar dá ao leitor a possibilidade de diferentes interpretações dos fatos. Com base na análise do corpus, percebeu-se que, na obra narrada em primeira pessoa, os fatos são apresentados de maneira subjetiva, já na obra narrada em terceira pessoa os fatos são relatados com maior objetividade. Essa tese já foi confirmada na análise comparativa entre os fragmentos do romance e as cenas do filme.

Em relação ao narrador do cinema, a pesquisa classifica esse narrador segundo a teoria de Metz sobre o narrador no cinema como um narrador personagem, dotado de uma voz encarregada de acompanhar a história narrada.

Cabe acrescentar que, na narrativa fílmica, a

personagem Busca-Pé também tem a função de narrar os fatos. Busca-Pé é um habitante do bairro Cidade de Deus e conhece o espaço onde está inserido, portanto, narra de perto, sabe sobre o que e sobre quem está falando. Ao longo do filme Busca-Pé conta os fatos em *in*, ou seja, fala e é possível ver a sua imagem quando ele fala, em algumas cenas, Busca-Pé narra em *off*, pois apenas ouvimos a sua voz, mas ele não faz parte da situação representada na tela.

No filme, a voz do narrador pode ser compreendida como um contraste aos fatos narrados, pois a trama é marcada pela violência e ação constante no filme. Em oposição a violência e agitação da vida urbana da periferia do Rio de Janeiro, ouve-se a voz suave de Busca-Pé que revela com minúcia os crimes violentos, as brigas pelo comando das bocas de fumo e as mazelas dos moradores do bairro.

Destaca-se também que, na narrativa fílmica, não há imparcialidade do narrador em relação aos fatos narrados, viu-se, que ao longo do filme, o narrador manifesta a sua opinião sobre os fatos narrados. Essa manifestação é feita de maneira crítica, e é confirmada pela reação do narrador, pois ele usa um vocabulário mais pesado, usando palavras obscenas e grosseiras para mostrar indignação perante os acontecimentos, como foi visto no episódio Vida de Otário.

No romance, o narrador-observador apenas denuncia os crimes e as mazelas vividas pelos habitantes da Cidade de Deus, sem fazer julgamento sobre os fatos. Portanto, por meio do foco narrativo pode-se concluir que o narrador de cada obra assume um papel diferente em relação aos fatos narrados.

O romance e o filme em análise revelam que o terror assolava a vida de muitos moradores da

periferia, pois em muitas favelas as facções criminosas têm grande poder e os moradores, que são cidadãos honestos e trabalhadores, devem se sujeitar às leis impostas pelo tráfico de drogas e o poder paralelo para viver “tranquilamente” nessas áreas.

É evidente o descaso das autoridades em relação à tragédia que ocorre na periferia das grandes metrópoles, percebe-se que pouco tem sido feito para mudar a realidade social dessas pessoas que vivem sem muitas perspectivas de realização profissional e pessoal, e recorrem as formas ilícitas para conseguirem sobreviver.

Como consequência desse descaso, nota-se o aumento da criminalidade nos grandes centros urbanos, pois a cada dia, mais e mais jovens, envolvem-se com o crime organizado e filiam-se a facções criminosas, vendo nelas a única alternativa para fugir da pobreza, ou simplesmente, para alcançarem o poder e desfrutar dos bens que a nossa sociedade consumista tem para oferecer. Bens que, muitas vezes, devido às injustiças e desigualdades sociais muitos jovens não conseguem desfrutar.

Referências

ARAÚJO, Inácio. Cinema – o mundo em movimento. Col. “História em aberto”. São Paulo: Scipione, 1995.

BALOGH, Anna Maria. Conjunções - disjunções - transmutações da literatura ao cinema e à TV. São Paulo: ECA-USP; Anna Blume, 1996.

BERNARDET, Jean Claude. O que é cinema. Col. “Primeiros passos”. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CANDIDO, A. et al. A personagem de ficção. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. Foco narrativo e fluxo da consciência: questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.

CARVALHO, Luciana de. Uma Leitura de Cidade de Deus, de Paulo Lins. In: Encontro Regional da ABRALIC. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CASTELLO, José Aderaldo. Literatura brasileira – origens e unidades. 2. v. São Paulo: Edusp, 1999.

COMPARATO, DOC. Roteiro – arte e técnica de escrever para cinema e televisão. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.

CORSEUIL, Anelise Reich. Literatura e Cinema. In: BONNICI, Thomas, OSANO, Lúcia (Org): Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Ed. EDUEM, 2003.

FIELD, Syd. Manual do roteiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

JAGUARIBE, Beatriz. O choque do real: estética, mídia e cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LEONE, Eduardo & MOURÃO, Maria Dora. Cinema e montagem. Série “Princípios”. São Paulo: Ática, 1993.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005.

LINS, Paulo. Cidade de Deus. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

MACIEL, Luiz Carlos. O poder do clímax – fundamentos do roteiro de cinema e TV. Rio de Janeiro: Record, 2003.

METZ, Christian. A significação no cinema. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.

XAVIER, Ismail. Alegorias do subdesenvolvimento. Cinema novo, tropicalismo, cinema marginal. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. Cinema brasileiro moderno. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

Filmografia

Cidade de Deus. Direção Fernando Meirelles. Brasil: O2 produções: Dist. Miramax, 2002. 1 filme (130 min): son., cor., 16 m



A IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO¹

Thais Evelin da Silva Rocha

Resumo:

O presente artigo visa mostrar a importância da disciplina de Artes Visuais para o Ensino Fundamental e Médio. A pesquisa realizada para a composição do mesmo é bibliográfica e de campo, através de leituras em livros e entrevistas e conversas com professores experientes da Rede Municipal de São Paulo.

Palavras-chave: Aprendizado. Artes. Ensino. Escola. Importância.

1. INTRODUÇÃO

A disciplina de Artes Visuais dentro da escola de Ensino Fundamental e Médio é muitas vezes tratada como uma disciplina que não é trabalhada tendo o seu devido valor reconhecido e nem sendo usada como instrumento de transversalidade e

interdisciplinaridade.

Além de ser importantíssima para o trabalho e aprendizado escolar, as Artes Visuais são uma disciplina plural, em que podemos trabalhar diversos temas e vertentes, como: dança, música, pintura, escultura, gravura, desenho e apreciação do cinema como a sétima maravilha do mundo.

Pensando na importância das Artes Visuais como uma disciplina escolar insubstituível, pois, através dela, é possível a apreciação do belo e a liberdade da imaginação e criatividade, este artigo propõe trazer argumentos concisos e elucidativos que embasem esta ideia, através de autoras como Kátia Helena Pereira, que, em seu livro *Como usar Artes Visuais, na sala de aula*, traz ideias, respostas e propostas para todos os formandos e formados em Artes Visuais, melhorarem sua prática e assim dar o verdadeiro e legítimo valor a esta disciplina.

1 - Artigo apresentado à Faculdade de Educação Paulistana como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Artes Visuais

Como diz Pereira, (2019, p 11), a sala de aula pode ser um poderoso espaço de criação, através de propostas pedagógicas bem estruturadas e o professor precisa sempre ter um objetivo claro quando coloca os pés dentro da sala de aula pois, de acordo com Pereira, (2019, p 11):

A criação, na sala de aula, parte de diferentes demandas, articuladas na confluência de saberes: dos alunos, dos professores, da sociedade, da tradição. Os processos criativos em sala de aula são articulações entre saberes historicamente construídos dentro de determinada cultura.

Um dos pontos mais importantes da prática docente é sempre respeitar os saberes prévios dos alunos e partir destes saberes, para selecionar os objetivos de suas aulas, pois cada lugar tem suas tradições, dependendo de onde o educador irá trabalhar terá que adequar suas aulas e objetivos de aprendizagem.

Como diz Pereira, (2019, p 12):

Um pernambucano que vive em São Paulo convive, simultaneamente, com distintas formas de pensar, sentir e viver: ao mesmo tempo, sua história traz referências da cultura pernambucana (como o maracatu) e adquire hábitos e costumes de alguma região de São Paulo.

No que diz respeito às Artes Visuais, podemos trabalhar com inúmeros temas relevantes para a cultura e a sociedade, pois as Artes Visuais possuem diversas lin-

guagens que são importantes para serem usadas na sala de aula, como a pintura, gravura, o desenho, a escultura, a dança, a música e o cinema. E pensando na riqueza cultural do Brasil, cada região contribui com sua cultura e para a cultura também das Artes Visuais como um todo. Sem o Ensino de Artes Visuais dentro das salas de aula, os alunos não teriam contato com essas diversas linguagens citadas acima e, assim, muito da criatividade dos mesmos se perderia em anos a fio de educação formal.

Entre as Linguagens da Artes Visuais importantes para serem trabalhadas nas salas de aulas, pode-se citar: o desenho, que é uma linguagem recorrente dentro das escolas nas Aulas de Artes. É através do desenho que os alunos produzem cartazes, fazem grafismos nos cadernos, criam personagens nas histórias em quadrinhos e descrevem suas realidades, e também através dos desenhos que podemos observar até se uma criança passa por situações de abuso e violência, pois as mesmas, muitas vezes, mostram em suas obras, os abusos que estão sofrendo, ou seja, o desenho é uma demonstração da realidade atual de um aluno.

Através da Pintura, os alunos conhecem a História da Arte, em que já entra a interdisciplinaridade com a disciplina de História, e também dão asas à imaginação, fazendo seus próprios desenhos e usando materiais como grafite, pincel, tinta e diferentes tipos de papéis, que muitas vezes os alunos só tem contato no ambiente escolar. Pensando ainda em outras linguagens artísticas, temos a dança, a música, o ci-

nema e o teatro que, quando trabalhadas de forma objetiva e concisa, podem trazer produtos finais maravilhosos em todas as etapas da Educação Básica desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental, até o Ensino Médio.

Atualmente, pensando em documentos norteadores que regulam os objetivos de aprendizagem para a disciplina de Arte, temos no Ensino Fundamental e Médio da Rede Municipal da Cidade de São Paulo, os manuais como Currículo da Cidade e o manual de Orientações Didáticas, O documento de Priorização Curricular, A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e o uso dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacional da disciplina de Arte).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao pensarmos em Artes Visuais e sua riqueza e importância para a Educação Básica como um todo, focando no Ensino Fundamental e Médio, pode-se perceber que através das Artes e suas linguagens podemos observar e estimular a criatividade dos alunos e fazendo uso também da interdisciplinaridade com outras disciplinas como História, pode-se ensinar e viajar pela história da Arte, entendendo os diferentes movimentos artísticos ao longo das mudanças do tempo e sociedade.

Artes Visuais é, sem dúvida, uma disciplina de inestimável importância dentro da escola e não deve ser vista como um passatempo ou como uma disciplina inferior as outras, pois seu valor é de grande importância para os alunos, para os professores

e para todos os ambientes escolares como um todo.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

PEREIRA, Kátia Helena. Como usar Artes Visuais na sala de aula. 2. Ed., 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto. 2019. (Coleção: Como usar na sala de aula).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte - Ensino fundamental. Brasília: SEF/MEC, 1998.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo I. São Paulo: SME / DOT, 2007.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Divisão de Ensino Fundamental e Médio. Direitos de aprendizagem dos ciclos interdisciplinar e autoral: Arte. São Paulo: SME/ COPED, 2016. – (Coleção Componentes Curriculares em Diálogos Interdisciplinares a Caminho da Autoria)



O ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO E OS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM

Sheila Alves Coutinho¹

RESUMO

Esta pesquisa aborda o tema: O atendimento psicopedagógico e os distúrbios de aprendizagem. Podemos elencar como objetivos para esta pesquisa abordar os principais aspectos sobre o atendimento psicopedagógico e especificar alguns distúrbios relacionados a não aprendizagem ou as dificuldades escolares que as crianças e os jovens podem apresentar. O diagnóstico psicopedagógico tem por objetivo compreender como o indivíduo aprende e o que está ocorrendo durante este processo que culmina em uma dificuldade de aprendizagem, do problema parte-se então para o encaminhamento de ações necessárias para saná-lo. O psicopedagogo identifica as dificuldades de aprendizagem e realiza os encaminhamentos e as devolutivas pertinentes e necessárias para ajudar o paciente e iniciar os processos de intervenção que permitirão a integração escolar e social. A psicopedagogia surgiu partindo de queixas referentes à aprendizagem e com a preocupação dos educadores com os alunos que apresentavam dificuldade em aprender, esta área de estudo está relacionada com a pedagogia e a psicologia. A psicopedagogia

analisa, compreende e intervém nas causas do não aprender. Os diagnósticos psicopedagógicos possibilitam uma avaliação dos fatores que contribuem para ocasionar as dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: Atendimento Psicopedagógico. Distúrbios de Aprendizagem. Psicopedagogia.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda o tema: O atendimento psicopedagógico e os distúrbios de aprendizagem. Podemos elencar como objetivos para esta pesquisa abordar os principais aspectos sobre o atendimento psicopedagógico e especificar alguns distúrbios relacionados a não aprendizagem ou as dificuldades escolares que as crianças e os jovens podem apresentar. A psicopedagogia pode ser definida como uma área de atuação na qual se enquadra educação e saúde, tem por objetivo estudar como o ser humano aprende e como evolui em seu aprendizado, além das causas que pode interferir nesta evolução.

1 - sheilacoutinho27@gmail.com

O psicopedagogo, além do trabalho efetivo com a criança, precisa considerar o seu meio social que interfere diretamente no sucesso ou fracasso escolar e estes contextos que permeiam a vida das crianças, seja em casa ou na escola, e que devem ser considerados para uma maior eficácia no tratamento. É necessário um trabalho conjunto com as famílias e com os profissionais envolvidos neste processo durante o atendimento, para um resultado mais satisfatório. A atuação do psicopedagogo clínico é terapêutica, considerando que o aluno se encontra em um estágio avançado de dificuldades de aprendizagens. O atendimento psicopedagógico clínico ocorre fora do ambiente escolar, normalmente em um consultório, onde é realizada a coleta de dados para uma avaliação individualizada.

O psicopedagogo institucional trabalha na instituição escolar e realiza o levantamento e a análise dos contextos e práticas escolares e as relações da aprendizagem com este contexto. Este profissional atua em conjunto com os demais profissionais da instituição escolar e auxilia na construção de novas práticas que garantam a aprendizagem efetiva e significativa para todos. A psicopedagogia surgiu partindo de queixas referentes à aprendizagem e com a preocupação dos educadores com os alunos que apresentavam dificuldade em aprender, esta área de estudo está relacionada com a pedagogia e a psicologia. A psicopedagogia analisa, compreende e intervém nas causas do não aprender. Os diagnósticos psicopedagógicos possibilitam uma avaliação dos fatores que contribuem para ocasionar as dificuldades de aprendizagem.

O psicopedagogo deve concentrar-se nos estudos e associar os seus resultados com a teoria, auxiliando alunos e educadores nas questões relativas a aprendizagem. Também é papel do psicopedagogo colaborar com o planejamento

e com a avaliação das atividades desenvolvidas na escola, com o resultado de tais ações é possível proporcionar um melhor desempenho para os alunos e facilitar os processos de ensino. O psicopedagogo orienta e acompanha o processo de ensino e aprendizagem.

2. ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO E DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM

A escola é responsável por integrar a criança na sociedade e contribuir para o seu desenvolvimento e socialização, proporcionando atividades significativas e contribuindo para desenvolver na criança o sentimento de pertencimento ao local em que as suas relações e interações se estabelecem. Em relação ao exercício da docência, é preciso pensar em novas abordagens, considerando a criança como sujeita de direitos, ativa, potente, participativa e produtora de culturas, pensando na importância de seu protagonismo nos processos de aprendizagem.

O diagnóstico compreende de maneira global como o indivíduo aprende e o que está ocorrendo neste processo dificultando a aprendizagem. Depois de especificado o problema parte-se então para o encaminhamento de ações para a solução deste problema. O psicopedagogo identifica as dificuldades de aprendizagem e realiza os encaminhamentos e as devolutivas pertinentes e necessárias para ajudar o paciente e inicia os processos de intervenção que permitirão a integração escolar e social.

A psicopedagogia se constitui em uma combinação dos dois saberes, psicologia e pedagogia, indo além de uma simples junção dessas palavras, visando identificar a complexidade inerente ao sujeito que produz o saber e o não saber. Pode ser definida como uma ciência que analisa o processo de aprendizagem humana,

constituindo como objeto de estudo o sujeito em processo de construção do conhecimento. Com uma análise e discussão sobre a importância do psicopedagogo além do amparo legal é possível destacar a importância deste profissional em todos os níveis de ensino, e na educação infantil este profissional tem um papel fundamental por ser capaz de caracterizar um diagnóstico cuidadoso desde a mais tenra idade. Além destes fatores, o trabalho em psicopedagogia contribui para evitar diagnósticos errôneos sobre as possíveis causas do não aprender.

A presença do profissional em Psicopedagogia na escola é de suma importância, considerando o contexto da educação infantil, a base é fundamental e os alicerces criados podem contribuir para um sucesso na aprendizagem futura destas crianças. Com a investigação precoce das possíveis causas do não aprender é possível tratar e analisar dificuldades de aprendizagem e contribuir para o sucesso educacional destes sujeitos.

Weiss (2002) define que o diagnóstico psicopedagógico compreende diferentes estágios, temos a anamnese que é realizada com a família da criança para obter informações relevantes que possam contribuir para o atendimento da criança. Temos algumas avaliações, dentre elas, a produção das crianças na escola, as relações que ela estabelece, testes que avaliam a inteligência e o desempenho em conteúdos específicos etc. As formas como o atendimento será desenvolvido serão apresentadas à família nos primeiros encontros, para que os primeiros combinados se estabeleçam, contribuindo para a eficácia do atendimento psicopedagógico.

Os diagnósticos psicopedagógicos são compostos por diferentes etapas, segundo Weiss (2002) destacamos:

- Entrevista Familiar Exploratória Situacional (E.F.E.S)

A Entrevista Familiar Exploratória Situacional busca compreender a queixa, envolvendo a escola e a família. Neste sentido, são elencadas as expectativas familiares em relação ao indivíduo referente a sua aprendizagem escolar, a atuação do profissional psicopedagogo e de que forma o paciente compreende a importância do atendimento. Neste momento é esclarecido ao paciente e a família quais são os propósitos do atendimento e do diagnóstico psicopedagógico.

- Anamnese

A Anamnese é uma entrevista, que possui um foco mais específico, buscando levantar os aspectos importantes a respeito da história do indivíduo na família, compreendendo as relações que permeiam este ambiente familiar e como o indivíduo é influenciado por esse convívio. Na Anamnese, são levantados dados relativos às primeiras aprendizagens, ao desenvolvimento do indivíduo, história familiar, clínica e educacional.

- Sessões lúdicas centradas na aprendizagem

As sessões lúdicas centradas na aprendizagem são realizadas com crianças e buscam compreender os processos cognitivos, afetivos e sociais. Segundo Fernandez (1991), o diagnóstico tem como objetivo buscar um modelo de aprendizagem adequado. Por meio da atividade lúdica é possível adquirir conhecimentos sobre a criança e compreender de que forma ela se organiza e representa o conhecimento, por meio de seus esquemas mentais. Com este tipo de diagnóstico é possível observar impedimentos no processo de ensino e aprendizagem, tomando como base e referencial as ideias de Piaget sobre os processos de assimilação e acomodação.

Contamos com muitas pesquisas e teorias

sobre os principais distúrbios e transtornos de aprendizagem, com base nestes documentos e pesquisas surgem descobertas que não comprovam se os distúrbios de aprendizagem geram os transtornos ou se originam deles. É comprovado por diversas teorias que a habilidade psicomotora desenvolvida de maneira adequada favorece a maturidade neurológica e psicológica, que é fundamental para a aquisição de habilidades acadêmicas e para uma aprendizagem significativa. As diversas definições de distúrbios ainda são conflitantes e podem causar diferentes interpretações.

Segundo CID (Classificação Internacional de Doenças), documento elaborado pela Organização Mundial de Saúde, o termo “transtorno” é definido para as disfunções de aprendizagem: os transtornos mais comuns segundo o CID-10 são: Dislexia, Disgrafia, Disortografia, Discalculia, Dislexia e TDAH. A Organização Mundial de Saúde reconhece tais transtornos e os define como doença, necessitando de atenção, cuidado, prevenção, diagnóstico e tratamento diferenciado, devido a caracterização e definição. As práticas em psicopedagogia objetivam conhecer mais sobre o sujeito contribuindo para que ele possa vencer as suas dificuldades e superar as suas defasagens de aprendizagem. Temos como desafio contribuir para que o sujeito se conheça e seja capaz de buscar o protagonismo em seus pensamentos e ações, as intervenções são realizadas com a intenção de autoria do pensamento e a busca pela aprendizagem criativa e significativa.

[...] todos os momentos da prática diagnóstica devam ser vivenciados em seus aspectos afetivos, cognitivos, corporais e pedagógicos, incluindo-se uma visão genética. Como exemplo, podemos colher dados de origem emocional em uma prova operatória, ou dados cognitivos em testes projetivos. (WEISS, 2002, p.100).

Os testes psicométricos têm por objetivo a avaliação e medição do coeficiente de inteligência do indivíduo, mais conhecido como QI, coeficiente de atenção e memória. Tais testes possuem uma forma de medida que analisa os resultados obtidos e os enquadra em uma escala padronizada. Já as provas operatórias, conforme as ideias de Weiss (2002), apresentam como objetivo determinar o grau de aquisição de diferentes noções baseados no desenvolvimento da cognição, esta prova calcula o nível operacional e estrutural do pensamento do indivíduo.

A psicopedagogia institucional busca prevenir as dificuldades de aprendizagem, promovendo a reflexão dos docentes e atuando com os alunos que apresentem algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Esta abordagem psicopedagógica acaba por facilitar o trabalho do professor em sala de aula. Conhecer as maneiras de atuação do psicopedagogo na escola é o primeiro passo para uma atuação eficiente. Com a clareza dos membros da equipe escolar, o psicopedagogo atua com a realidade da escola, observando e analisando os diferentes contextos e a dinâmica de funcionamento das ações ali desenvolvidas. Com base nos dados e nas observações realizadas é possível atuar em prol da aprendizagem de maneira mais efetiva.

A psicopedagogia não se coloca no lugar da Pedagogia no sentido de que irá trabalhar com o sujeito cognoscente, o sujeito do conhecimento, nem no lugar da Psicologia. [...] não trabalhará com a soma destas duas instâncias mas na articulação de ambas, no espaço de transformação. [...] que possibilita o nascimento do sujeito aprendente. Construção do pensamento é aqui considerada enquanto um processo. [...] traz a articulação possível e necessária entre mundo

interno e mundo externo de um sujeito que formula teorias sobre o mundo e sobre si mesmo desde que se constitui como sujeito. (AMARAL, 2003, p. 43,44).

Weiss (1992, p. 58) afirma a compreensão do brincar integrado à aprendizagem e a importância de se levar o lúdico para dentro dos consultórios psicopedagógicos. Os pacientes apresentam um déficit no brincar que está diretamente ligado aos seus déficits de aprendizagem. O brincar facilita aspectos que não apareceriam em situações mais formais, o brincar é universal e saudável não só para a área cognitiva do ser humano, mas também para a área afetiva. Analisar a dinâmica de aprendizagem, a maneira como brinca revela como aprendeu. Segundo Fernandez (1991) o pensamento é único e não há a separação entre pensamento simbólico e pensamento inteligente, o simbolismo apresentado nas provas projetivas acontece paralelamente à organização mental e lógica do indivíduo, não se separam, neste sentido, quando falta a lógica ou o simbolismo ocorrem os problemas de aprendizagem.

Para um sucesso no atendimento e no diagnóstico é fundamental que as regras estabelecidas entre os envolvidos neste processo sejam claras e cumpridas. A família, a criança e os profissionais atuam em sistema de parceria e nos atendimentos são delimitadas as regras e toda a organização do atendimento, desde datas, duração, etc., até as formas e instrumentos que serão realizados neste atendimento.

A psicopedagogia é uma ciência recente que agrupa outras como neurologia, pedagogia, psicologia e biologia. Ultimamente, diversos aspectos da fisiologia, farmacologia, bioquímica e estrutura do sistema nervoso de seres invertebrados e cérebro de vertebrados foram conhecidos mais a fundo. Pesquisas funda-

mentais a respeito da função perceptiva das emoções, da aprendizagem e da memória apresentaram e mostraram grande avanço, em especial quando nos referimos às abordagens relativas à questão em análise. Aprendizagem e educação tendem a ser estudadas de modo que reflitam um novo espaço das ciências naturais, alterando sua gênese desde o início da vida adulta.

Dificuldades de aprendizagem são comumente expostas no ambiente escolar o que vem preocupando pesquisadores como e de que forma são feitos os diagnósticos nas crianças. Os professores ao depararem com crianças que não satisfazem aos planejamentos e a seus instrumentos de controle acabam rotulando, e até às vezes menosprezando essa criança sob o argumento de ser uma criança problemática ou hiperativa. Ao passar os seus conflitos para os gestores acabam recebendo orientações divergentes com a situação. Esse jogo de falta de conhecimento provoca nos professores e gestores um ambiente de incompetência e alienação. Ficando a cargo de psicólogos e psicopedagogos tomar devidas incumbências de solucionar as dificuldades de aprendizagem. (SANTOS; PEREIRA, 2012, p. 03).

No âmbito escolar, o psicopedagogo auxilia nas orientações e informações que serão passadas para a equipe gestora, que podem auxiliar na prevenção e no estudo das causas que podem interferir nos processos de aprendizagem na escola. A formação necessária contribui para ações significativas que venham contribuir para o desenvolvimento integral da criança, além da garantia do resgate de práticas lúdicas que oportunizem a construção de espaços favorecedores da aprendizagem e da interação. Deve-se considerar a criança como

ser capaz em um contexto social e familiar, que vivencia situações e que requer um olhar mais atento. Tanto a avaliação como a intervenção precisam ser feitas em caráter institucional, analisando os materiais utilizados pela criança e a metodologia utilizada pela escola. O psicopedagogo não pode se limitar ao trabalho restrito com o sujeito, é preciso considerar o contexto e o meio no qual ele está inserido. Aos educadores cabe o auxílio e apoio nas atividades a serem realizadas que possam auxiliar no processo de aprendizagem e ensino. O lúdico nas práticas escolares proporciona uma aprendizagem significativa, além de entreter e divertir, a criança aprende brincando e experimentando novas ideias e novas ações e desenvolve competências fundamentais para o seu desenvolvimento.

É comprovado que o histórico educacional revela uma trajetória excludente aos alunos que apresentavam algum tipo de dificuldade de aprendizagem, ocasionando reprovação e evasão escolar: A exclusão tende a piorar o quadro de dificuldades de aprendizagem, visto que a criança que apresenta tal quadro geralmente apresenta baixa autoestima e pouca autonomia, características que aumentam quando estas se sentem excluídas por sentirem-se diferentes dos demais. (FELIPE, 2015, p. 62).

Os psicopedagogos e os educadores podem utilizar a informática como uma ferramenta pedagógica que pode auxiliar nos processos de aprendizagem, os conteúdos devem ser trabalhados de modo interdisciplinar, por meio de jogos, contribuindo no processo de alfabetização, na criatividade, na concentração, na autonomia e na pesquisa, com atividades lúdicas e diferenciadas. O psicopedagogo deve concentrar-se nos estudos e associar os seus resultados com a teoria, auxiliando alunos e educa-

dores nas questões relativas à aprendizagem. Também é papel do psicopedagogo colaborar com o planejamento e com a avaliação das atividades desenvolvidas na escola, com o resultado de tais ações é possível proporcionar um melhor desempenho para os alunos e facilitar os processos de ensino. O psicopedagogo orienta e acompanha o processo de ensino e aprendizagem. O acompanhamento psicopedagógico atua nos processos de aprendizagem e estuda o seu desenvolvimento analisando como o indivíduo aprende em suas diferentes relações com os objetos de aprendizagem em seus aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Quando são identificadas dificuldades no processo de aprendizagem, a psicopedagogia busca as suas causas e origens e os possíveis distúrbios que podem interferir de maneira negativa neste processo do aprender.

Muitas crianças com dificuldade de aprendizagem também lutam com comportamentos que complicam suas dificuldades na escola. A mais saliente dessas é a hiperatividade, uma inquietação extrema que afeta 15 a 20% das crianças com dificuldades de aprendizagem. Alguns outros comportamentos problemáticos em geral observados em pessoas jovens com dificuldade de aprendizagem são os seguintes: fraco alcance, dificuldade para seguir instruções, imaturidade social, dificuldade com a conversação, inflexibilidade, fraco planejamento e habilidades organizacionais, distração, falta de destreza e falta de controle dos impulsos. (SMITH; STRICK, 2001, p.15).

A literatura e os estudos na área de psicopedagogia enfatizam que o trabalho na área da psicopedagogia tem o aspecto de prevenção quando é realizado na educação da infância. Neste sentido, o profissional pode direcionar o seu trabalho para as práticas de formação e

aprendizagem do educandos.

Sampaio; Freitas (2011) enfatiza que uma vez que a psicopedagogia considera os diversos fatores envolvidos no processo de aprendizagem, cabe a ela o papel de investigar e identificar como tais fatores podem interferir de maneira positiva ou negativa nos processos de aprendizagem. Paralelamente, segue identificando as diversas áreas que originam as dificuldades. A aprendizagem não tem início quando a criança chega à escola, e sim, bem antes disso desde o primeiro contato com a sociedade, a cada ação que ocorre no ambiente, a cada palavra que escuta e com tudo que está a sua volta. A realidade e o contexto social e cultural dos sujeitos devem ser considerados, além de sua estrutura familiar, suas dificuldades socioeconômicas, entre outros aspectos.

As dificuldades de aprendizagem não devem ser tratadas como algo banal. Dificuldades de aprendizagem exigem de todos os envolvidos com a criança um comprometimento e sabedoria para não permitir que ela se torne um indivíduo negativo e um adulto frustrado. O que se deve legitimar é atenção e conforto para aqueles em situação de desvantagem. Professores e pais tem que ser parceiros. O olhar sobre a criança tem que ser de ambas as partes e sempre ser colocado claramente para a criança que a condição que ela se encontra não a torna um ser abastardo de direitos e deveres. (SANTOS; PEREIRA, 2012, p. 13).

A criança que apresenta alguma dificuldade deve se sentir segura em seu local de aprendizagem, desta maneira, irá adquirir confiança em se expressar. As interações que ocorrem na escola são importantes nos processos de aprendizagem e a formação continuada dos educadores é um ponto relevante para que mu-

danças aconteçam a favor da educação. Com a garantia de um espaço em que os educadores possam articular ideias e relacionar a teoria e a prática, é que estarão mais seguros para elaborar alternativas que assegurem a democratização do saber, efetivando uma educação de qualidade e garantindo a aprendizagem.

A Psicologia Social estuda a constituição dos sujeitos, analisa e descreve os processos que envolvem a construção do conhecimento pelo sujeito nos momentos de interação com os outros. A Linguística é responsável pela compreensão da linguagem, língua, social e cultural e a Neuropsicologia é responsável pelo tratamento comportamental das pessoas, das evoluções ocorridas no plano psíquico e psicomotor.

Embora, nem sempre as dificuldades que permeiam as salas de aula precisam ser vistas de maneira negativa, pois o profissional pode aproveitar os diferentes níveis de aprendizagem de seus alunos e propor, aos mesmos, situações que os desafiem e assim atingir diferentes alunos em diversos momentos. Atualmente as salas, heterogêneas por natureza, voltam-se a possuírem crianças em diferentes níveis de aprendizagem, desafiando o trabalho do professor, que necessita de diferentes estratégias para atingir pedagogicamente todos os alunos, inclusive àqueles que apresentam problemas de aprendizagem, pois cada criança tem uma maneira e um tempo de aprender. (FELIPE, 2015, p. 15).

O diagnóstico psicopedagógico avalia quais são os fatores que ocasionam as dificuldades na aprendizagem e no ensino. Ribeiro (2009) enfatiza que as dificuldades de aprendizagem fazem referência a algumas desordens que o sujeito pode manifestar, tais desordens po-

dem compreender aspectos da falta, audição, aprendizagem de leitura e escrita, aprendizagem matemática, dentre outras.

O diagnóstico tem por objetivo compreender como o indivíduo aprende e o que está ocorrendo durante este processo que culmina em uma dificuldade de aprendizagem, do problema parte-se então para o encaminhamento de ações necessárias para saná-lo. O psicopedagogo identifica as dificuldades de aprendizagem e realiza os encaminhamentos e as devolutivas pertinentes e necessárias para ajudar o paciente e inicia os processos de intervenção que permitirão a integração escolar e social.

As dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a diversos aspectos orgânicos, cognitivos, emocionais, familiares, sociais, pedagógicos, falta de material. No processo de ensino aprendizagem os alunos que apresentam dificuldades no momento de aprender algo, sendo que por mais que se esforçam, não alcançam êxito escolar, se sente muita das vezes desmotivada e com autoestima baixa, é muito importante à identificação do problema, compreensão e colaboração de todas as partes envolvidas no processo: pais, professores e orientadores para que seja realizado um trabalho conjunto a fim de diagnosticar o problema do aluno e que este venha a receber o apoio necessário dos educadores e da família, assim terá maior possibilidade de desenvolver suas habilidades cognitivas. (COSTA, 2012, p. 10).

Kyrillos (2004) afirma que em psicopedagogia a alfabetização aplica-se como instrumento de vital importância para o cotidiano, contribuindo para que a população tenha um melhor entendimento das perspectivas introspectivas, mas sem deixar de levar em conta os avanços científicos, evitando posturas especulativas e

a crença em muletas ofertadas pelo raso reflexo do senso comum. São sistematizados encadeamentos educacionais partindo de princípios neurológicos.

O distúrbio psicomotor manifesta-se tanto na maneira como o sujeito está envolvido na ação quanto no relacionamento com os outros. Os distúrbios psicomotores são distúrbios do desenvolvimento neurológico que afetam a adaptação do sujeito em sua dimensão perceptivo-motora. Suas causas são multifatoriais e transacionais, associando fatores genéticos, neurobiológicos, psicológicos e ou psicossociais que atuam em diferentes níveis de complementaridade e expressão.

O termo dificuldades de aprendizagem está focado no indivíduo que não responde ao desenvolvimento que se poderia supor e esperar do seu potencial intelectual e, por essa circunstância específica cognitiva da aprendizagem, ele tende a apresentar desempenhos abaixo do esperado. [...] devido à dificuldade de aprendizagem o fracasso escolar da criança ou do adolescente pode influenciar na construção de sua identidade, causando o sentimento de incapacidade e baixa autoestima, pois a criança que tem o sentimento de incapacidade tende a perder o interesse pelo aprendizado, pois não acredita em si e em sua capacidade. (BENEVENUTTI, 2013, p.62).

Incluindo os principais distúrbios psicomotores temos o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDHA), distúrbio de coordenação do desenvolvimento (dispraxia de desenvolvimento), disgrafias, dificuldades de aprendizagem não verbais, distúrbios espaciais, distúrbios temporais, distúrbios do padrão corporal, movimentos anormais, distúrbios da dominância lateral e distúrbios do tônus muscular.

Segundo Kyrillos (2004), esses são distúrbios perceptivo-motores que afetam as diferentes funções de exploração (aspectos perceptivos), ação (no ambiente físico), comunicação (especialmente em seus aspectos não verbais) e manifestações emocionais. Nesse caso manifesta-se por sinais neurológicos moderados que indica a existência de disfunção cerebral mínima, eles estão associados a um complexo psicopatológico, com fatores emocionais que podem levar a um transtorno psiquiátrico real que levanta a questão das comorbidades, exigem uma análise das diferentes dimensões (biológica ou orgânica, ecológica, intencional ou teleológica) para permitir que a pluralidade etiológica seja levada em consideração.

Dislexia é uma necessidade especial, e uma criança com dislexia não é portadora de deficiência nem mental, física, auditiva, visual ou múltipla, bem como, também, não é uma criança de alto risco. Uma criança não é disléxica porque teve seu desenvolvimento comprometido em decorrência de fatores como gestação inadequada, alimentação imprópria ou nascimento prematuro. A dislexia tem um componente genético. Ser disléxico é condição humana. (MARTINS, 2001, p.1).

Furtado; Borges (2007) enfatizam que a criança que apresenta Disgrafia no momento em que escreve, tenta se lembrar da grafia e assim escreve muito lentamente, apresenta uma letra com garranchos e une as letras de maneira inadequada e ilegível. As crianças com disgrafia também possuem uma Disortografia, amontam as letras para esconder os erros ortográficos. O digráfico possui algumas particularidades, dentre elas, a lentidão na escrita, letra ilegível, escrita desorganizada, traços muito fortes que marcam o papel, desorganização, as letras são escritas no sentido contrário e apresentam a escrita em espelho.

O TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) é um transtorno observado em crianças muito agitadas, que não prestam atenção, têm dificuldades em manter a atenção nas atividades, não terminam o que começam, esquecem as atividades diárias, entre outras. Sendo que esses sintomas de baixo rendimento escolar estão ligados às dificuldades na realização das tarefas, em que tem como principal característica é a persistente desatenção e/ou hiperatividade. (SIQUEIRA; GURGEL, 2011).

Kyrillos (2004) afirma que a psicopedagogia, em conjunto com as psicologias educacionais, desponta como área do conhecimento biológico lançando mãos de achados de outras áreas menores que fazem parte de sua constituição, a entender, a neuro farmacologia, a neurofisiologia, a psicologia evolucionista e o neuro imageamento com a finalidade de esclarecer o funcionamento do sistema nervoso. O desenvolver técnico cognitivo moderno com o intuito de estudar da atividade cerebral nas crianças, adolescentes e adultos, enquanto ocorrem as tarefas relacionadas ao intelecto, vem permitindo a investigação mais precisa dos neuro circuitos enquanto ocorre seu funcionamento, que acarretam as potencialidades intelectuais humanas dentre as quais, a linguagem, a criatividade, o raciocínio, etc.

A ludicidade facilita os processos educativos, favorece a interação e a socialização das crianças, a escola é responsável na promoção de aprendizagens significativas e desafiadoras que contribuam para a construção de conhecimentos, oportunizando ao educando o processo de criação participativo e ativo, levando a autonomia nas ações e desenvolvendo atitudes de respeito mútuo e solidariedade.

A intervenção psicopedagógica é fundamental

para significar os processos de aprendizagem. Existem várias definições que abordam essa temática, mas em sua maioria sempre direcionam a culpabilização da não aprendizagem a própria criança. As intervenções se fazem necessárias respeitando sempre a individualidade da criança e as características de suas limitações.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança que apresenta alguma dificuldade, deve se sentir segura na instituição escolar para que tenha confiança no processo de ensino. As interações que ocorrem na escola, são importantes nos processos de aprendizagem e a formação continuada dos educadores é um ponto relevante para que mudanças aconteçam a favor da educação. Com a garantia de um espaço em que os educadores possam articular ideias e relacionar a teoria e a prática, é que estarão mais seguros para elaborar alternativas que assegurem a democratização do saber, efetivando uma educação de qualidade e garantindo a aprendizagem.

Pensar em um sistema educacional de qualidade para todos implica, sobretudo, transformações profundas no conceito e na prática avaliativa, uma delas é compreender como se constrói o conhecimento e o que os sujeitos aprendem de maneira diferente e em momentos diversos, daí a relevância de não restringir a avaliação ao simples ato de contabilizar acertos ou erros. Os psicopedagogos contribuem para o processo de aprendizagem, por meio de enfoques pedagógicos, após observar a maneira como o indivíduo aprende e compreende os conceitos, realiza as interferências necessárias para direcionar as dificuldades dos estudantes e contribuir para o aprendizado, considerando todos os aspectos que podem interferir neste processo, aspectos emocio-

nais, sociais, familiares, afetivos e educacionais.

A partir da identificação do psicopedagogo acerca de uma dificuldade de aprendizagem, elaborase uma intervenção nas causas do problema, considerando a necessidade de desenvolver atividades que motivem a aprendizagem. O psicopedagogo tem a função de auxiliar os indivíduos que apresentam dificuldades em aprender e devem encontrar caminhos que direcionem à articulação entre habilidades potencializadoras e fragilizadas, a fim de que as limitações sejam superadas. O psicopedagogo educacional trabalha na instituição escolar e realiza o levantamento e a análise das práticas escolares e dos contextos que podem levar a não aprendizagem, auxiliando a equipe docente e os profissionais da escola na busca da melhoria da aprendizagem.

A psicopedagogia pode ser definida e entendida como uma área de conhecimento que atua nas esferas clínica e educacional e tem por objetivo estudar a aprendizagem humana e como essa aprendizagem evolui ou é prejudicada devido a diferentes fatores que podem influenciar a sua aquisição. Podemos organizar a psicopedagogia em diferentes grupos: Pedagogia, quando o foco é voltado para o indivíduo; Psicologia, quando o foco é voltado ao psicológico do indivíduo; Problemas de Aprendizagem, quando o foco está nas situações em que não ocorre aprendizagem, mas que deveriam ocorrer; Fracasso Escolar quando o indivíduo não é capaz de aprender; todos estes aspectos relacionados ao contexto escolar e social no qual está o indivíduo.

O trabalho da Psicopedagogia deve ocorrer em consonância com as práticas desenvolvidas na escola e contribuir desta maneira, de forma positiva para amenizar as dificuldades relacionadas a aprendizagem que surgem no contex-

to educacional, de forma conjunta, envolvendo todos os profissionais de educação. É fundamental que o psicopedagogo considere o contexto e o meio social no qual a criança está inserida, pois tais fatores interferem diretamente no processo de aprendizagem escolar. Cabe à família, professores e equipe escolar contribuir neste processo de aprendizagem, evitando que os conflitos ocorram e atuando em parceria.

O papel do psicopedagogo engloba todos os trabalhos que oferecem suporte clínico ou pedagógico no espaço escolar e no ambiente hospitalar, realizando o trabalho de prevenção de problemas de aprendizagem. Neste sentido, prevenir significa melhorar as condições da escola e proporcionar práticas significativas que levem à aprendizagem efetiva. A atuação do psicopedagogo clínico é terapêutica, considerando que o aluno se encontra em um estágio avançado de dificuldades de aprendizagens e que o atendimento psicopedagógico clínico ocorre fora do ambiente escolar, normalmente em um consultório onde é realizada a coleta de dados para uma avaliação individualizada.

A psicopedagogia se enquadra entre os conhecimentos de pedagogia e de psicologia e envolve saúde e educação em suas investigações. Os estudos nesta área consideram o indivíduo em todos os seus aspectos, emocionais, psicológicos e sociais. O trabalho da Psicopedagogia deve ocorrer em consonância e parceria com a escola, pois desta forma irá promover resultados mais satisfatórios que contribuirão para a diminuição dos efeitos das dificuldades que os indivíduos apresentam na escola. Os profissionais da Psicopedagogia investigam como o sujeito aprende, considerando os fatores que podem dificultar a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Silvia C. F. O sujeito como autor e a produção do conhecimento psicopedagógico. Petrópolis 2003, Ed. Vozes.

COSTA, N. F. Dificuldades de Aprendizagem: Um estudo documental. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2012.

FELIPE, Sione Maschio. Dificuldade de aprendizagem. *Maiêutica-Pedagogia*, v. 1, n. 1, 2015.

FERNANDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FURTADO, Ana Maria Ribeiro; BORGES, Marizinha Coqueiro. Módulo: Dificuldades de Aprendizagem. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

KYRILLOS, Michel Habib M.; SANCHES, Tereza Leite. Fantasia e criatividade no espaço lúdico: educação física e psicomotricidade. In: ALVES, Fátima. Como aplicar a psicomotricidade: uma atividade multidisciplinar com amor e união. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

RIBEIRO, F.D. Jogos e Modelagem na Educação Matemática. 1º ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

SANTOS, Larissa Batista Carvalho; PEREIRA, Mônica Pereira Reis Amarante Dória. Dificuldades de aprendizagem: concepções e problemáticas contemporâneas. VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão, SE. 2012.

SAMPAIO, S.; FREITAS, I. B de (Orgs.). Transtornos e dificuldades de aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais. Rio de Janeiro: Wak editora, 2011.

SMITH, C; STRICK, L. Dificuldades de aprendizagem de A a Z. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WEISS, Maria Lúcia L. Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002.

PROJETO

EMPREGABILIDADE



Foco no aluno e no seu futuro profissional!

Saiba mais em: faep.edu.br/projeto-empregabilidade

Normas para publicação de trabalhos

A Comissão Editorial da Revista **Educação Integral** do grupo Educacional Ineq torna público aos interessados que receberá textos de entrevistas, traduções de documentos e textos clássicos, artigos, resenhas e relatórios de campo, de caráter inédito, cujas matérias tratem das teorias, objetos e metodologias das Ciências humanas e Sociais Aplicadas, resultantes ou não de pesquisas empíricas. Os referidos textos deverão conter as seguintes cláusulas:

1. Resumo em Língua Portuguesa, conteúdo de 100 palavras, referências do autor (instituição, cargo, titulação e endereço eletrônico);
2. Resumo em inglês ou espanhol;
3. Palavras-chave: até cinco;
4. Redação em língua portuguesa, digitação em folha formato A4, word for Windows, fonte Time New Roman, tamanho 12, espaço 1,5, margens esquerda e superior com 3 cm, direita e inferior com 2 cm;
5. As entrevistas deverão ter, no máximo 04 (quatro) laudas; as traduções de documentos e textos clássicos e os artigos científicos, de 08 (oito) a 16 (dezesesseis) laudas, as resenhas até 03 (três) laudas e os relatórios de trabalho de campo até 15 (quinze) laudas, incluindo-se nessas delimitações as tabelas, quadro, gráficos, figuras, fotografias e referências bibliográficas que fizerem parte dos textos;
6. Apresentar notas de rodapé (se necessário) numeradas em algarismos arábicos;
7. As citações e referências bibliográficas devem obedecer ao padrão estabelecido pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (a mais atualizada), para referenciamento de livros, revistas, suportes eletrônicos e outros multimeios, disponíveis no site www.abnt.org.br;
8. Os textos encaminhados à Comissão

Editorial da Revista Educação Integral do Grupo Educacional Ineq serão apreciados por três membros desta comissão, que poderão aceitá-los integralmente, propor reajuste ou recusá-los, com base em critérios técnicos como: coerência textual, encadamentamento lógico, normas da ABNT vigentes, problemática enunciada e desenvolvida, introdução, referencial teórico, considerações finais e referência bibliográficas;

9. Os textos que não observarem os padrões aqui estabelecidos não serão publicados;

10. Os Autores que tiverem trabalhos publicados terão acesso ao arquivo digital da Revista Educação Integral, não sendo pagos direitos autorais;

11. O conteúdo dos textos deve passar por criteriosa revisão textual, que é de responsabilidade de seus autores;

12. Os casos omissos serão discutidos e deliberados pela Comissão Editorial;

13. Informações sobre o periódico podem ser solicitados aos editores, no Núcleo de Desenvolvimento de Atividades Pedagógicas do Grupo Ineq ou via e-mail;

14. Os trabalhos deverão ser enviados somente por e-mail para o endereço: educacaointegral@ineq.com.br com o devido comprovante de pagamento do artigo. **Não enviaremos para revisão, antes de identificar o pagamento.**

Faculdade de Educação Paulistana

Rua Cordeiro da Silva, 143
Parada de Taipas
São Paulo - SP

FAEP

 (11) 94709 2594
faep.edu.br

MATRÍCULAS
ABERTAS

2024

**NOTA 4
MEC**

(ESCALA DE 1 A 5)

CURSOS SUPERIORES

**PRESENCIAIS
E
EAD**

Cursos Superiores em:

Administração - Análise e Desenvolvimento de Sistemas - Artes Visuais - Comércio Exterior -
Design Gráfico - Educação Física - Estética e Cosmética - Gastronomia - Geografia - Gestão
da Qualidade - Gestão Financeira - Gestão Pública - Letras - Logística - Marketing -
Matemática - Pedagogia - Recursos Humanos - Redes de Computadores - Serviço Social -
Sistemas da Informação - Sistemas para Internet - Teologia